

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO” – UNESP
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO (FAAC)

CURSO DE RELAÇÕES PÚBLICAS

JONATHAN WILIANS DE OLIVEIRA
LUCAS AUAD DA SILVA LARIZZATTI

**O FASCÍNIO ETERNO PELO NAZISMO: UMA ANÁLISE DE CONTEÚDO DA
IDEOLOGIA NAZISTA E SEUS VETORES NO MUNDO CONTEMPORÂNEO**

BAURU

2021

JONATHAN WILIANS DE OLIVEIRA
LUCAS AUAD DA SILVA LARIZZATTI

O FASCÍNIO ETERNO PELO NAZISMO: UMA ANÁLISE DE CONTEÚDO DA
IDEOLOGIA NAZISTA E SEUS VETORES NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita
Filho” – UNESP como requisito parcial à obtenção do
título de Bacharel em Relações Públicas.

Orientador: Prof. Dr. Maximiliano Martin Vicente.

BAURU
2021

AGRADECIMENTOS – JONATHAN

À minha mãe Andréia, sem a qual eu não estaria aqui. Obrigado por sempre dizer que o que eu fizesse estaria bem feito, embora muitas vezes não estivesse. Obrigado por dar seu sangue pra criar a mim e aos meus irmãos, e, mesmo com nossos desentendimentos, estar comigo todo dia. “Oti”.

À minha avó Lourdes, que me criou, me fez quem sou, cuidou de mim. Obrigado não é o suficiente pra agradecer tudo, mas é o que eu posso te dedicar aqui. Te amo, e espero demonstrar isso em cada atitude minha.

Ao meu pai, Cristiano, e aos meus irmãos, Wagner e Vitor, que através do companheirismo e ensinamentos foram alicerces pra que eu pudesse me erguer até onde eu estou hoje. E à toda a minha família, que acompanhou esse processo de duas faculdades e sempre me auxiliou, inclusive os que já foram. Amo vocês.

Aos meus professores e professoras, que trouxeram a esses quatro anos o conhecimento necessário para eu afirmar com todas as minhas forças: mudar de curso para Relações Públicas foi a melhor decisão que eu tomei na minha vida. E também para construir esse trabalho. Aos membros da banca, Osvando e Laan, e principalmente ao meu orientador, Max, que desde a primeira aula que me deu me deslumbrou com sua solicitude, sua oratória e sua visão de mundo. Ali eu soube que ele seria meu orientador, e esse trabalho não seria o mesmo sem ele.

Aos meus amigos, de todos os lugares, do CTI, do curso de Sistemas de Informação, de Relações Públicas, do resto da vida. Vocês são muitos e eu tenho orgulho de dizer que são a família que eu escolhi. Vocês foram meu ponto de paz em muitos momentos durante esses quatro anos, minha risada sincera e os juízes que eu precisava para o tanto de coisas que eu fazia. Eu não seria nada sem cada um de vocês, e espero que se sintam representados nessas linhas, porque é impossível escrever tudo que sinto (e com nomes). Ao meu amigo-irmão Lucas, o Pipe, que me buscou para fazer comigo esse trabalho, que não era mais um como foi durante toda a graduação, era diferente, era o nosso futuro. Aqui estamos, obrigado pela confiança, pela parceria desde o primeiro dia, por todos os trabalhos anteriores e por este também, sem você não teria o mesmo resultado.

E, por último, a Deus, pois como diria a sabedoria contemporânea, sigo fazendo Ele de escudo. A todos os aqui citados e lembrados, meu muito obrigado mais sincero.

AGRADECIMENTOS – LUCAS

A minha família, Sérgio, Karin e Luiza por todo o apoio e compreensão. Me moldando e educando para eu ser que sou hoje.

A minha companheira Laís, que esteve sempre ao meu lado, me suportando nesse momento em que as vezes o estresse falava mais alto, me amparando e sempre estando ao meu lado, nos bons e nos maus momentos.

Aos meus irmãos da República Capela, pela amizade que fiz e que levarei para toda a vida. Aos amigos de faculdade, com quais cultivei muitos bons momentos e aprendizados.

Ao meu irmão e dupla de trabalho Jonathan, cultivando uma amizade desde o primeiro dia que me mudei para realizar o curso.

A todos aqueles que estiveram ao meu lado durante esses 4 anos caminhada no curso de Relações Públicas.

Aos professores, pelos ensinamentos que tornaram possível a realização de minha graduação, aos membros da banca, Osvando e Laan, e, em especial, ao meu orientador, professor Max, por ser essa pessoa que me mostrou a ver o mundo com mais humanidade, e que se dispôs a conduzir a realização deste trabalho, sempre muito solícito e atencioso com as dúvidas e questionamentos que foram levantados.

A todos vocês, meu muito obrigado.

RESUMO

Mesmo com sua derrota na Segunda Guerra Mundial, o nazismo encontra vetores até hoje na sociedade, tendo atualmente um crescimento desses vetores. Mas, para além das células explicitamente neonazistas, há políticas semelhantes às adotadas no Terceiro Reich que são aplicadas atualmente, de forma velada, sem que se enxergue seu caráter potencialmente nazista, e, conseqüentemente, seus perigos. Utilizando a metodologia baseada na análise de conteúdo, tal como proposta por Laurence Bardin, e tendo como recorte específico bibliografia especializada, este trabalho pretende identificar os mecanismos utilizados por tal discurso para persuadir a população, chegando inclusive ao poder em diversas partes do mundo. Além disso, o trabalho busca traçar comparativos entre a ideologia nazista e as políticas e discursos reproduzidos pela nova direita, bem como propor aos profissionais de Relações Públicas uma reflexão de como evitar a propagação do discurso nazista, através da promoção da cidadania e do respeito pelos direitos humanos.

Palavras-chave: Nazismo; Análise de Conteúdo; Mídia; Sociedade; Relações Públicas; Política.

ABSTRACT

Even with its defeat in the Second World War, Nazism still finds vectors in society today, and these vectors are currently growing. But, in addition to the explicitly neo-Nazi cells, there are policies similar to those adopted in the Third Reich that are applied today, in a veiled way, without seeing its potentially Nazi character, and, consequently, its dangers. Using the methodology based on content analysis, as proposed by Laurence Bardin, and having a specific specialized bibliography, this work intends to identify the mechanisms used by this speech to persuade the population, even reaching power in different parts of the world. In addition, the work seeks to draw comparisons between Nazi ideology and the policies and discourses reproduced by the new right, as well as to propose to Public Relations professionals a reflection on how to avoid the spread of Nazi discourse, through the promotion of citizenship and respect for human rights.

Key-words: Nazism; Content Analysis; Media; Society; Public Relations; Policy.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1 Hitler: surgimento e trajetória ao poder	8
1.1 A pessoa e seus ódios	8
1.2 A guerra, o político e a chegada ao poder	13
2 A nova direita nazifascista: crise democrática e reciclagem histórica	23
2.1 As semelhanças políticas contextuais.....	23
2.2 Os líderes e a legitimidade.....	28
2.2.1 Bolsonaro.....	30
2.2.2 Trump	34
2.2.3 Outras lideranças pelo mundo	36
2.3 O neonazismo	38
3 Comunicação: mídia, propaganda, política e poder	44
4 Metodologia e Análise	51
4.1 Metodologia	51
4.2 Introdução às categorias	53
4.3 Categorização	56
4.3.1 Ódio e preconceito:.....	56
4.3.2 Ultranacionalismo:	60
4.3.3 Propaganda e mídia:.....	63
4.3.4 Anticomunismo:	68
4.4 Análise e Resultados	69
4.5 As semelhanças entre Bolsonaro e o nazismo	72
5 O papel das Relações Públicas no combate ao nazismo.....	75
6 Considerações Finais	78
Referências	80

INTRODUÇÃO

Nada melhor do que iniciar a introdução que utilizando as observações de Rubens Casara, que podem servir como guia para o nosso trabalho:

Para além do crescimento de movimentos explicitamente neonazistas, há um grande perigo em ignorar o modo de pensar e agir que levou ao nazismo, o que dele permanece ainda nas sociedades contemporâneas e a forma como esse conjunto discursivo, normativo e ideológico é atualizado e reproduzido nos dias de hoje. Por evidente, não basta perceber o ridículo que se revela em performances escandalosamente copiadas da estética nazista, como a do ex-secretário de cultura de Jair Bolsonaro, mas de compreender e desvelar o perigo que se esconde em discursos e práticas que partem das mesmas premissas, perversões e princípios que inspiraram os criminosos nazistas. (CASARA, 2020, p. 120).

A derrota do nazismo ao final da Segunda Guerra Mundial não significou seu fim como ideologia. Grupos neonazistas se reinventaram e cresceram vertiginosamente, adaptando seus discursos para a modernidade e para o local onde estão inseridos, conforme observa a antropóloga Adriana Dias (2018, p. 170). Mas, as políticas nazistas não se bastam em sua literalidade, e sim em ações veladas que se revelam próximas à ideologia de Hitler.

Embora tenha sido tratado por muito tempo como um tabu, a demonização do nazismo colaborou diretamente para a não compreensão dos fenômenos políticos ligados a essa ideologia, que permearam por muito tempo na sociedade moderna. Para Zygmunt Bauman, (1998, p. 15):

Ou então fazem remontar as origens do Holocausto a fatos mais do que conhecidos: os séculos de guetos, discriminação legal, massacre e perseguição dos judeus na Europa cristã — dessa forma apresentando-o como uma consequência pavorosamente única, mas absolutamente lógica do ódio étnico e religioso.

Sobre a demonização do nazismo e suas características sociológicas, Bauman segue (1998, p. 18):

O indizível horror que permeia nossa memória coletiva do Holocausto (ligado de maneira nada fortuita ao premente desejo de não encarar essa memória de frente) é a corrosiva suspeita de que o Holocausto possa ter sido mais do que uma aberração, mais do que um desvio no caminho de outra forma reto do progresso, mais do que um tumor canceroso no corpo de outra forma sadio da sociedade civilizada; a suspeita, em suma, de que o Holocausto não foi uma antítese da civilização moderna e de tudo o que ela representa (ou pensamos que representa). Suspeitamos (ainda que nos recusemos a admiti-lo) que o Holocausto pode ter meramente revelado um reverso da mesma sociedade moderna cujo verso, mais familiar, tanto admiramos. E que as duas faces estão presas confortavelmente e de forma perfeita ao mesmo corpo. O que a gente talvez mais tema é que as duas faces não possam mais existir uma sem a outra, como verso e reverso de uma moeda.

Dessa forma, colocar o nazismo como algo extraordinário, e não como um fenômeno sociológico, desacelerou os estudos e os esforços para evitar sua propagação. O mundo pôde observar, mesmo após o fim da guerra, políticas como o Apartheid, de segregação racial, ditaduras ultranacionalistas e militarizadas, como a brasileira e a chilena, e ações anti-imigração, consumadas pelo Reino Unido após sua saída da União Europeia e utilizadas por Donald Trump como método para alavancar sua candidatura (BBC, 2016).

Por isso, atualmente observamos no mundo uma nova onda conservadora, de uma extrema-direita violenta em suas políticas, mas, principalmente, em seus discursos. Vários países possuem em seus representantes executivos figuras que flertam, discreta ou escancaradamente, com o ultranacionalismo totalitário e com ideais nazistas. Alguns deles foram eleitos democraticamente, se aproveitando da crise da legitimidade da democracia representativa (CASTELLS, 2016, p. 16) e da “política do escândalo” (CASTELLS, 2018, p. 21), como Trump e Bolsonaro, outros galgaram suas posições com golpes, como Juan Guaidó.

Portanto, o objetivo deste trabalho é identificar o que torna o discurso nazista algo ainda propagado na atualidade e os motivos disso. Para isso é necessário discutir e definir as similaridades da nova direita com a ideologia nazista. Analisaremos a ascensão de Hitler e de representantes da nova direita ao poder, a fim de identificar eventuais semelhanças contextuais, bem como alguns aspectos do neonazismo para auxiliar na compreensão dessas nuances. Além disso, discorreremos sobre o papel das comunicações na propagação e na manutenção de ideologias, buscando visualizar formas de aplicação das atividades de Relações Públicas para evitar esta problemática.

Para entender como esses fenômenos se relacionam à ascensão da ideologia nazista, devemos aplicar uma pesquisa descritiva, já que ela “atende de forma mais adequada a intenção de estudos, que pretendem expor as características de determinado fenômeno” (VERGARA, 2006, *apud* SILVA; FOSSÁ, 2013, p. 6). Pesquisa essa realizada através de um método chamado análise de conteúdo, popularizado por Laurence Bardin (2011, p. 17), que o descreveu primeiramente como “um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a “discursos” (conteúdos e continentes) extremamente diversificados.”

O método se faz adequado, pois, conforme dito por Bauer e Gaskell (2002), citados por Andressa Silva e Maria Fossá (2013, p. 2), ele possui um caráter social, já que essa técnica compõe conclusões para a interpretação de um texto de acordo com o contexto social de sua época, objetivamente. Dessa forma, comparando as situações sociais de ambos os fenômenos, podemos identificar e trabalhar na erradicação das similaridades, de forma a evitar um novo rompante dessa ideologia execrável.

1 Hitler: surgimento e trajetória ao poder

Este capítulo tem como objetivo acompanhar o surgimento de Adolf Hitler e sua trajetória ao poder na Alemanha, onde se firmou como líder de um dos regimes mais sangrentos e preconceituosos da história.

1.1 A pessoa e seus ódios

Segundo Rees (2012, p. 10), “Em 1913, quando Adolf Hitler estava com 24 anos, nada em sua vida apontava para o futuro líder carismático da Alemanha.”. Hitler não nasceu em berço de ouro, ou mesmo em terras alemãs. Austríaco da pequena cidade de Braunau am Inn, sua caminhada até Munique foi turbulenta desde o princípio.

[...] Hitler não se dava bem com o pai, que o surrava. Seu pai morreu em janeiro de 1903, aos 65 anos, e sua mãe sucumbiu ao câncer, quatro anos depois, em dezembro de 1907, com apenas 47 anos. Órfão aos 18 anos, Hitler perambulou entre Linz, na Áustria, e a capital Viena, e em 1909, passou grandes privações durante alguns meses, até receber uma pequena quantia em dinheiro de presente da tia, o que o permitiu se estabelecer como pintor. Ele não gostava de Viena. Julgava uma cidade ordinária e impura, repleta de prostituição e corrupção. Só aos 24 anos, ao receber a modesta herança do pai, no valor de 800 Kronen, que pôde deixar a Áustria e buscar abrigo em Munique, a cidade “alemã”, lugar que mais tarde disse ser o que “mais se apegou, do que qualquer outro lugar do mundo” (REES, 2012, p. 10).

Embora as obras posteriores a Hitler o colocassem nessa época como “um indivíduo inadequado social e emocionalmente, com uma vida sem direção” (REES, L. 2012, p. 11), não era assim que o mesmo se enxergava. Desde sua infância se considerava predestinado a ser alguém importante. Segundo Hitler, em trecho de sua autobiografia “Mein Kampf (Minha Luta)” (2009, p. 8), seu dom de falar já estava em

desenvolvimento ao se tornar uma espécie de líder de seu grupo escolar. Também se via como um revolucionário político e artístico, atribuindo essas características a si devido ao seu incansável estudo da história (HITLER, 2009, p. 14).

Em sua passagem por Viena, após a morte de seus pais, Hitler veio a provar o que ele descreveu como “um raio que lhe atingiu de um céu limpo” (HITLER, 2009, p. 17, tradução nossa). Sua reprovação na Academia de Belas-Artes de Viena lhe causou um choque, já que ele pressupunha a aprovação como certa.

Para Ian Kershaw, historiador inglês e estudioso da história alemã:

A cidade em que Hitler moraria nos cinco anos seguintes era um lugar extraordinário. Mais do que qualquer outra metrópole europeia, Viena tipificava as tensões — sociais, culturais, políticas — que marcaram a virada de uma época, a morte do mundo do século XIX. Elas plasmariam o jovem Hitler. (KERSHAW, 2010, p. 50).

Os cinco anos na capital austríaca são descritos por Hitler como de miséria e sofrimento, porém, nesse período, o chanceler alemão se atentou para duas existências que passaria a considerar inimigos diretos do povo germânico: o marxismo e o judaísmo (HITLER, 2009, p. 18).

O primeiro deles passou a abominar cedo, quando trabalhou em uma construção. Segundo o próprio Hitler (2009, p. 28, tradução nossa):

As atividades dos social-democratas (como Hitler se referia aos marxistas da época) não pareceram antipáticas para mim na época. Eu achava que era algo bom, que eles estavam tentando melhorar as condições de vida dos trabalhadores. Na época, eu ainda era inocente e estúpido o suficiente para acreditar que isso era verdade.

No ramo da construção, Hitler teve seu primeiro contato com os social-democratas. Primeiramente, sentiu-se forçado a juntar-se ao sindicato, recusando essa proposta por, segundo ele, não conhecer o real papel dessa organização, e não querer ser forçado a nada (HITLER, 2009, p. 29). Nas semanas que seguiram, ele definiu que “não há poder no mundo que o forçaria a se juntar à uma organização cujos membros agissem da forma que eles (social-democratas) agiam” (HITLER, 2009, p. 29-30, tradução nossa).

Sobre o que falavam no local quando o assunto era política, Adolf Hitler (2009, p. 29, tradução nossa) foi enérgico:

[...] Eles eram contra tudo: a nação, porque pensavam que era uma invenção das “classes capitalistas” (Eu ouvia isso constantemente!); Eles eram contra a Pátria, que para eles era uma ferramenta da classe privilegiada para explorar os trabalhadores; a autoridade da lei era uma forma de oprimir a classe operária; as escolas eram instituições para treinar escravos e escravocratas; a religião era um meio de entorpecer o povo para que eles

pudessem ser explorados; a moral era um símbolo da estúpida paciência de cordeiro do povo. Não havia nada que eles não arrastassem na lama.

Seus ideais patrióticos e nacionalistas o fizeram discordar veementemente dos trabalhadores ali organizados, e ele passou a estudar para contrariá-los. Após discussões e mais discussões calorosas, onde Hitler julgou estar se tornando mais informado que seus adversários a cada dia, o restante dos trabalhadores forçou Hitler a se retirar, dando ele a escolha de sair do emprego ou ser empurrado do andaime, ato que Hitler diz ter sido de terrorismo e violência (HITLER, 2009, p. 30).

O historiador Ian Kershaw (2010, p. 65-66) traz outra visão sobre esse período, como mostra o trecho a seguir:

A história que (Hitler) contou em Mein Kampf a respeito de ter aprendido sobre sindicalismo e marxismo através dos maus-tratos recebidos quando trabalhara na construção civil é quase certamente fictícia. [...] É provável que a “lenda” tenha se baseado na propaganda antissocialista difundida na Viena da época.

Quanto à ação dos social-democratas para conseguir vetores, Hitler chamou de envenenamento das massas, e também culpou a burguesia vienense pelo sucesso que a doutrina em questão tinha na época, dizendo que a social-democracia se aproveitava das ações destes contra o povo, já que os burgueses trabalhavam contra as reivindicações dos trabalhadores por melhores condições de trabalho (HITLER, 2009, p. 31-32). Para enfatizar essa visão, sustentava:

Nossos políticos e nossa burguesia nunca conseguirão retificar esses pecados do passado. Ao resistir a todas as tentativas de curar os males sociais, semearam o ódio, e aparentemente justificaram a afirmação de que apenas o Partido Social-Democrata representava os interesses dos trabalhadores. Acima de tudo, a classe privilegiada forneceu a desculpa moral para a existência dos sindicatos, que sempre foram os maiores fornecedores do partido político socialista (HITLER, 2009, p. 33, tradução nossa).

Para Hitler, em certo momento, a social-democracia deixou de se preocupar com a representação dos direitos dos trabalhadores, pois se os trabalhadores não estivessem insatisfeitos e ressentidos, não haveria como utilizá-los como exército de sua doutrina (HITLER, 2009, p. 35).

Para Kershaw (2010, p. 72) “[...] não há necessidade de procurar, além do vigor do nacionalismo pangermanista de Hitler, uma explicação para seu ódio ao internacionalismo dos social-democratas.”

A partir daí, com seu já nutrido ódio pela doutrina marxista, que negava a nação e os heróis por ele aclamados, Hitler passa a relacioná-la com uma raça: os judeus.

Inicialmente, Hitler mesmo não se colocava mesmo como antissemita. Enxergava o judaísmo apenas como uma religião e se sentia, inclusive, incomodado com o antissemitismo de alguns veículos da imprensa, conforme observado no trecho seguinte: “O tom da imprensa antissemita em Viena parecia indigno da tradição cultural de um grande povo. Fiquei incomodado com a memória de certos acontecimentos da Idade Média, que eu não queria ver repetidos” (HITLER, 2009, p. 37, tradução nossa).

Porém, o chanceler alemão acabou por se aproximar dessa mesma imprensa, pois, para ele, a imprensa tradicional não fazia jus à grandeza alemã, diminuindo a figura do Kaiser e exaltavam a cultura francesa, ao invés de sua própria. Essa aproximação fica evidente no trecho a seguir: “Eu tive que admitir que um dos jornais antissemitas, “O Jornal do Povo Alemão” (*Das deutsche Volksblatt*), era mais honrado nesse caso (ao tratar da política alemã e do respeito à figura do Kaiser).” (HITLER, 2009, p. 38, tradução nossa).

A partir disso, houve um momento que Hitler retrata como a mais difícil mudança pela qual passou (HITLER, 2009, p. 39). Ao considerar os ideais antissemitas presentes na imprensa da qual tinha se aproximado, Hitler passou a observar mais e mais as pessoas de Viena, passando a caracterizar pela aparência os judeus dos que ele considerava verdadeiros alemães. Dessa maneira, as diferenças passaram de ser uma mera distinção de forma, para ser uma questão de raças. Segundo Hitler (2009, p.39, tradução nossa):

Mesmo eu não podia mais duvidar que esta era uma questão sobre uma raça em si e não sobre alemães de uma crença religiosa particular. [...] Onde quer que eu fosse agora, eu via judeus e quanto mais eu via, mais claramente meus olhos os distinguiam de outras pessoas.

Para enfatizar a base estética que essa impressão de Hitler sobre os judeus carregava, destacamos o trecho:

Era óbvio, por sua aparência suja, que não eram amantes de banho. Lamento dizer que isso ficou muito claro, mesmo com os olhos fechados. Eu estava frequentemente enjoado com o cheiro daqueles que usavam cafetão. Além disso, suas roupas estavam sujas e eles geralmente pareciam pobres. Tudo isso era pouco atraente por si só, mas tudo ficou mais repugnante quando se percebeu que a impureza ia além da sujeira pessoal e chegava às manchas de lama morais dessas pessoas (HITLER, 2009, p.40, tradução nossa).

O ditador alemão passou a associar as coisas que o desagradavam à presença dos judeus, seja na arte, na literatura, na imprensa, chegando a compará-los com a Peste Negra, que havia assolado a Europa na Idade Média (2009, p.40-41). Esse

processo da construção da repulsa aos judeus se assemelha muito ao desenvolvido contra os marxistas. Ambos os procedimentos fizeram com que Hitler direcionasse suas leituras às obras que exaltavam o nacionalismo, contrárias, portanto, a aceitação da diversidade e pluralidade cultural que compõem uma nação.

Na passagem seguinte, relacionada com a imprensa, destaca-se a visão que Hitler passou a ter dos judeus, associando-os ao que previamente detestava:

Quanto mais fundo eu ia, mais minha admiração prévia diminuía. O estilo ficou intolerável. O conteúdo era plano e superficial. A objetividade foi transformada em mais uma mentira do que uma verdade - e claro que os editores eram judeus! [...] Agora eu conseguia ver os sentimentos liberais dessa imprensa sob uma nova luz. O tom digno em responder aos ataques que sofriam, bem como as respostas silenciosas, agora se revelavam como um truque tanto esperto quanto baixo. Suas pomposas críticas teatrais sempre favoreceram autores judeus, enquanto suas desaprovações não caíam em ninguém além dos alemães. A constante e silenciosa zombaria com Guilherme II revelou que eles tinham um plano. Sua defesa da cultura e da civilização francesa também contribuía para os seus esquemas. [...] O senso comum deles era tão nocivo a tudo que era alemão, que só poderia ser intencional. Mas quem tinha interesse nisso? Era tudo mero acaso? Aos poucos eu fiquei inseguro. (HITLER, 2009, p.41, tradução nossa).

Ao passar por essa epifania do ódio, por fim, Hitler liga o povo judeu à social-democracia, a qual ele já repugnava. Sobre essa associação Hitler (2009, p. 42, tradução nossa) diz:

Me obriguei a pelo menos tentar ler este jornalismo marxista, mas quanto mais eu lia, mais eu detestava. Então eu tentei me aproximar dos fabricantes dessas palavras maliciosas. Do editor em diante, eram todos judeus. Eu peguei todos os panfletos social-democratas que eu podia e olhei para os nomes dos autores. Judeus. Eu notei o nome de quase todos os seus líderes. A maioria deles também eram membros do "povo escolhido", os judeus, fossem eles representantes no governo ou secretários dos sindicatos, presidentes de organizações ou agitadores de rua.

Hitler havia convencido a si mesmo de que os judeus não eram alemães, o que para ele foi intimamente satisfatório (HITLER, 2009, p. 42). Sendo assim, o próprio povo, enganado, era digno do seu amor e admiração, e não da culpa, exclusivamente judia/marxista (HITLER, 2009, p. 42-44). No fim do segundo capítulo do *Mein Kampf* (Minha Luta), o chanceler alemão diz: “Eu acredito que estou agindo hoje no espírito do Criador Todo-Poderoso. Ao ficar de guarda contra os judeus, estou defendendo a obra do Senhor.” (HITLER, 2009, p. 45, tradução nossa).

Com isso, podemos compreender alguns nuances da formação de Adolf Hitler como pessoa, seu forte nacionalismo e o ódio por judeus que acabou por levar ao Holocausto. Algumas dessas particularidades também possuem forte influência em sua formação como político, como veremos a seguir.

1.2 A guerra, o político e a chegada ao poder

Apesar de todas as transformações do pensamento pelas quais Adolf Hitler passou durante sua trajetória em Viena, que o forjaram como pessoa como vimos nas páginas anteriores, a mudança para Munique e a Primeira Guerra Mundial foram pontos decisivos na construção do personagem político que ele foi, bem como do cenário que proporcionou sua chegada ao poder.

Ainda em Viena, Hitler refletiu muito sobre a política local e como era praticada, chegando em Munique com opiniões claras quanto ao funcionamento do parlamentarismo e da democracia. Ele acreditava em algo mais centralizado, em figuras de ideais heroicos, como se pode observar na passagem seguinte:

Nunca se esqueça de que a maioria não pode substituir um homem. A maioria sempre representa estupidez e covardia. Cem covardes não fazem um herói assim como cem tolos não fazem um homem sábio. Quanto menos responsabilidade o líder individual tem, mais candidatos políticos sentirão que devem dedicar seus "dons" lamentáveis à nação (HITLER, 2009, p. 56, tradução nossa).

O chanceler alemão disse que antes apreciava a ação do parlamento, de bases inglesas, como um bom homem de pensamentos liberais, e é exatamente por isso que era pouco simpático ao parlamento austríaco e à representação popular, já que os pensamentos social-democratas traíam a raça alemã (2009, p. 52). Mas, sobre sua opinião sobre o parlamento, Hitler (2009, p. 53, tradução nossa) o avaliava da seguinte maneira:

Um ano de calma observação foi o suficiente para mudar absolutamente, ou melhor, destruir minha antiga opinião sobre a natureza da instituição. Eu não me opus mais à forma distorcida que o Parlamento assumiu na Áustria. Não, agora eu não poderia mais reconhecer o Parlamento como um órgão governamental. Até agora, eu só tinha visto a ruína do Parlamento austríaco pela falta de uma maioria alemã, mas agora eu via destruição em toda a natureza e caráter da instituição.

Além disso, Hitler associava a democracia parlamentarista ao marxismo conforme demonstrado no trecho: "A Democracia do Ocidente, hoje, é a precursora do marxismo e, sem ela, o marxismo seria impensável. Só ela dá a essa praga a superfície sobre a qual crescer" (2009, p. 53, tradução nossa). Essa visão veio de sua

experiência e de suas observações da prática política sobre a forma como funcionava o parlamento.

Com isso, podemos visualizar pontos que levaram Adolf Hitler a entender o governo da forma que pensava, ou seja, mais centralizado. Essa opinião sobre o parlamento e sua função influenciou diretamente na forma como ele tentou tomar o poder antes de sua prisão em 1923, bem como na maneira como executou sua governança durante o período do Terceiro Reich.

Para enfatizar essa visão, destacamos o trecho:

“Precisamos de outra revolução na Alemanha, não a revolução socialista, burguesa e judaica de 1918, mas uma revolução nacionalista, a fim de restaurar a força e a grandeza do país [...] Precisamos de uma revolução, de derramamento de sangue e de uma ditadura [...] Não precisamos de um parlamento nem de um governo como os atuais” (HAUNER, 1923, *apud* RANGE, 2018, p. 63).

Na Munique pré-Primeira Guerra Mundial, Adolf Hitler viveu um período que ele descreve como “o mais feliz e, de longe, o mais satisfatório da minha vida.” (HITLER, 2009, p.83, tradução nossa). Mas, para Kershaw (2010, p. 88), “Não há indícios de que ele (Hitler) tenha tomado qualquer medida em Munique para melhorar suas pobres e declinantes perspectivas de carreira. Estava tão à deriva quanto estivera em Viena”.

Porém, o período que viria após essa calma seria determinante na construção de Adolf Hitler e das condições que o levariam ao poder. Segundo Kershaw (2010, p. 85):

A Primeira Guerra Mundial tornou Hitler possível. Sem a experiência da guerra, a humilhação da derrota e a instabilidade resultante da revolução, o artista fracassado e marginal social não teria descoberto o que fazer da vida, não teria entrado para a política e encontrado seu ofício de propagandista e demagogo de cervejaria. E, sem o trauma da guerra, da derrota e da revolução, sem a radicalização política da sociedade alemã que esse trauma provocou, o demagogo não teria audiência para sua mensagem estridente e cheia de ódio. O legado da guerra perdida propiciou as condições para que os caminhos de Hitler e do povo alemão comesçassem a se cruzar. Sem a guerra, seria impensável um Hitler no assento de chanceler que havia sido ocupado por Bismarck.

A chegada da guerra foi recebida por Hitler, e por muitos outros alemães, com muito entusiasmo, como se observa na passagem seguinte:

No início de agosto de 1914, ele estava entre as dezenas de milhares de habitantes de Munique tomados por um delírio emocional, entusiasmados com a perspectiva da guerra de forma apaixonada. Como aconteceu com tantos outros, seu júbilo se transformaria depois em profunda amargura. No caso de Hitler, o pêndulo emocional posto em movimento pelo início da guerra oscilou com mais violência do que para a maioria. “Arrebatado por entusiasmo tempestuoso”, escreveu ele, “caí de joelhos e agradei aos céus

com o coração transbordante por conceder-me a boa fortuna de me permitir viver nesta época.” (KERSHAW, 2010, p. 92).

Como o próprio trecho revela, esse entusiasmo se transformaria em amargura. O campo de batalha era duro, conforme enfatiza Hitler (2009, p. 107, tradução nossa):

[...] o terror substituiu o romance da batalha. O entusiasmo gradualmente esfriou e a excitação selvagem foi sufocada por um medo mortal. Para cada homem, chegou o momento em que ele teve que lutar entre o instinto de autopreservação e as obrigações do dever.

E, com a derrota alemã, se iniciava o movimento que deu as condições necessárias para que Hitler ascendesse ao poder. Para ele, a Alemanha havia sido traída, e entregue aos social-democratas e aos judeus, e então, enquanto ainda estava hospitalizado em Pasewalk após ser cegado por gás mostarda, decidiu entrar para a política (KERSHAW, 2010, p. 106).

Para Laurence Rees (2012, p. 14):

Os atrativos de uma história tão dramática na formação do mito são óbvios. O soldado nobre da frente de combate, traído por políticos corruptos e egoístas, agora decide dedicar a vida pela salvação de seu país. Tudo se encaixa. Porém, embora enredos de ficção possam dar certo assim, isso raramente acontece na vida real. E a prova é que, até ali, a grande “missão” de Hitler não tinha nada de sólido.

Essa transição de forma de poder não foi bem aceita por parte da sociedade, conforme diz Peter Ross Range em seu livro “1924: O ano que criou Hitler”, que chamava os responsáveis por essa alternância no poder de “os criminosos de novembro”. A citação a seguir destaca esse sentimento:

A mudança súbita no pós-guerra de 1918, da monarquia berlinense de quatrocentos anos dos Hohenzollern para um sistema parlamentarista nunca antes testado — uma revolução vinda do alto — jamais foi aceita por completo pelos nacionalistas de extrema direita, por muitos membros das forças militares e por partes da elite política. (RANGE, 2018, p. 15).

É nessa extrema direita que Adolf Hitler encontraria apoio para sua ascensão. Ainda, a crise econômica se instalou no território germânico, segundo Range (2018, p. 15-16), a inflação fez com que um simples ovo custasse cerca de oitenta bilhões de marcos, as poupanças da população foram destruídas para o pagamento das dívidas de guerra, e os fazendeiros não colocavam suas produções no mercado pois o dinheiro conseguido não valeria nada no dia seguinte, e essa falta de alimentos gerou revolta na população.

Além disso, de acordo com Range (2018, p. 16-18), a perda de alguns territórios, e a falta de autonomia do exército e no seu próprio território, estipuladas no Tratado de Versalhes em 1919, e também faltavam empregos para os milhões de

homens desmobilizados pós-Primeira Guerra, o que gerou uma atmosfera propícia para revoluções, e para os chamados *putschs* (golpe ou tentativa de golpe/tomada de poder).

O período de construção como político de Adolf Hitler começa ainda no exército, quando foi enviado pelo capitão de seu regimento, Karl Mayr, em um curto curso onde Hitler aprenderia mais sobre como atacar o marxismo e promover o nacionalismo, e lá já se notava o dom da oratória presente no chanceler do Terceiro Reich, tantas vezes observado em outros momentos da história (RANGE, 2018, p. 26-27).

Após essa experiência, veio o primeiro contato com o Partido Trabalhista Alemão, que mais tarde viria a se tornar o Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, ou, Partido Nazista. O partido o acolheu, e lá se iniciou sua trajetória como político. O trecho a seguir relata o que alguns companheiros de partido viam na figura de Hitler, nas palavras de Dietrich Eckart, cérebro do partido na época:

“Precisamos de um líder que não se incomode com o estrondo de uma metralhadora [...] O melhor seria um operário que também saiba discursar [...] e que não fuja de alguém brandindo uma cadeira na sua cara. Tem que ser solteiro — e então vamos arrebanhar as mulheres!” Parecia uma descrição quase perfeita do destemido antigo estafeta da infantaria que se interessava por política. Em Hitler, Eckart começou a achar que tinha encontrado o seu homem. (HEIDEN, 1936, *apud* RANGE, 2018, p. 31).

Hitler passou a agir como uma espécie de arauto do partido, viajando por vários lugares e inflando multidões com as ideias antissemitas e ultranacionalistas características de seu futuro governo (RANGE, 2018, p. 34). Adolf Hitler parecia já saber, na época, a importância da propaganda para o sucesso de sua ideologia, se apresentando para os mais variados públicos, e enfatizando: ““Não faz diferença alguma que eles riem de nós ou nos insultem”, escreveu depois. “O principal é que nos mencionem.”” (RANGE, 2018, p. 35).

No “Mein Kampf”, que ainda não tinha sido escrito quando ingressou no partido, Hitler (2009, p. 392) diz:

Quando eu me juntei ao Partido dos Trabalhadores Alemães, eu imediatamente tomei conta de toda a propaganda. Eu sabia que era a área mais importante no momento. No início não era necessário ocupar o cérebro com problemas organizacionais, e sim era importante espalhar as ideias do movimento para um alto número de pessoas. A propaganda deve vir antes dos detalhes de organização de um movimento, para que se possa ter o número de pessoas necessárias para construir essa organização.

No período que antecedeu sua prisão em 1923, Hitler conheceu pessoas que viriam a ser pilares da Alemanha Nazista, como Hermann Göring, importante

comandante da Força Aérea, e Rudolf Hess, vice-Fuhrer, e começou a colecionar uma legião de seguidores. Segundo Range (2018, p. 51), “A adesão ao partido nazista, pelos padrões locais, subira astronomicamente — de vinte mil para 55 mil apenas em 1923.” Neste momento, Hitler já era líder do partido, com poderes internos quase que ditatoriais (RANGE, 2018, p. 38-39).

No final de 1923, a tensão entre os diversos poderes existentes era gritante, e as revoltas começaram a eclodir. Segundo Range (2018, p. 64), do espectro que diz respeito à chegada de Hitler ao poder:

Havia três forças em jogo no tabuleiro: a equipe do líder nazista, incluindo os paramilitares; o triunvirato de Kahr, Lossow e Seisser, com o seu controle sobre a divisão da Reichswehr da Baviera e a polícia estadual; e o governo nacional de Berlim, incluindo o exército alemão, embora a lealdade dos seus membros fosse muitas vezes incerta.

Então, após divergências de ideias com as lideranças locais, afirmadas nas figuras que compunham o triunvirato: Gustav Ritter von Kahr, comissário geral da Baviera; Otto von Lossow, comandante da Divisão da Baviera do exército alemão; e o coronel Hans von Seisser, chefe da polícia estadual da Baviera; Hitler tenta um *putsch*, que ele julgou ser bem sucedido a princípio, já que o triunvirato, que antes não concordava com algumas das ideias revolucionárias de Hitler e seu partido, se rendeu perante o uso de força arquitetado pelos nazistas.

O *putsch* chegou com certa violência às instituições consideradas marxistas/social-democratas, como jornais, com a tomada (ou tentativa) de instituições militares, e com repressões à judeus. Porém, ao deixar a incursão no comando de Erich Ludendorff, antigo soldado da Primeira Guerra Mundial, e agora um dos comandantes do partido, para tentar persuadir os soldados de um dos quartéis, que não queriam receber ordens, Hitler cometeu um erro. Ludendorff liberou o triunvirato, até então feito de refém, por conta dos mesmos jurarem lealdade dando a palavra de honra deles. Em liberdade, o triunvirato passou a agir contra o *putsch*, o que resultou no fracasso da empreitada, e, posteriormente, na prisão de Hitler. (RANGE, 2018, p. 88-103).

Sobre esse fracasso, Range (2018, p. 10) disserta:

O fracassado *putsch* — um esforço para desestabilizar tanto o governo bávaro quanto o alemão — foi uma derrota significativa para o nascente líder nazista e seu movimento pequeno, porém radical. O ano que Hitler passou na prisão — virtualmente 1924 inteiro — foi o preço que ele pagou por sua tentativa prematura de chegar ao poder. Ele não apenas arruinou a maior jogada que um político pode fazer, mas também perdeu prestígio: foi descartado por alguns como um palhaço extremista que levou seus seguidores ao desastre e à morte.

No entanto, ao ser libertado, Hitler havia convertido seu mergulho na desgraça e obscuridade em um trampolim para o sucesso. O golpe de estado abortado acabou se revelando a melhor coisa que podia ter acontecido a ele e aos seus planos indisfarçáveis de se tornar ditador da Alemanha. Se não tivesse passado o ano de 1924 na prisão de Landsberg, talvez nunca emergiria como o político redefinido e recarregado que acabou ganhando o controle da Alemanha, infligiu a guerra ao mundo e perpetrou o Holocausto. O ano que derrubou Hitler — do final de 1923 até o final de 1924 — e que deveria ter encerrado sua carreira, foi, na verdade, o momento crítico da transformação dele, de um revolucionário impetuoso para um jogador político paciente com uma visão a longo prazo da conquista do poder.

Na prisão, Hitler escreveu o “Mein Kampf (Minha Luta)”, que viria a se tornar uma espécie de bíblia do nazismo. O período enclausurado Hitler posteriormente chamou de “minha educação universitária às custas do estado” (FRANK, 1953 *apud* RANGE, 2018, p. 12).

Para tratar da chegada de Hitler à chancelaria alemã, se faz necessário um recorte da realidade alemã no período após a sua soltura da prisão em Landsberg. Enquanto reestruturava o Partido Nazista, aumentando gradativamente a participação do Partido nas eleições, conforme mostra a passagem seguinte:

Hitler emergiu de Landsberg não apenas como o líder do Partido Nazista, mas de grande parte da direita Völkisch. Agora, ele também acreditava que os nazistas deveriam tentar um novo caminho para ganhar o poder – o das urnas. Conforme sua famosa afirmação, “Se vencê-los nos votos demorar mais que vencê-los nos tiros, pelo menos os resultados serão garantidos pela própria Constituição deles!” (REES, 2012, p. 45).

Em 1932, a representação do Partido Nazista no parlamento era de 38%, e Hitler, em disputa perdida pela presidência da Alemanha, já possuía 37% dos votos válidos (REES, 2013, p.58). Para explicar essa exponencial crescente, é essencial falar sobre a Crise de 29 e seus impactos no território alemão. A quebra da bolsa de valores de Wall Street, por conta da grande especulação financeira, abalou os Estados Unidos, na época, principal potência econômica mundial e credor de muitos países, e isso também teve seu reflexo no país germânico. De acordo com Rees (2012, p. 52):

Até janeiro de 1930, apenas quatro meses depois da quebra de Wall Street, havia mais de três milhões de alemães desempregados – levando-se em conta os trabalhadores de meio período, esse número talvez chegasse a quatro milhões. Nessa atmosfera de crise, muitos alemães ouviam atentamente a mensagem de “solidariedade” e união nacional proferida por Hitler.

A esperança nas instituições, por parte do povo, começava a se esvaír. O governo da época, composto pela união dos Democratas Sociais e do Partido Liberal Popular, não conseguia estancar a crise, e, em 1932, havia mais de seis milhões de alemães desempregados. Para enfatizar o sentimento de descrença com as

instituições atuais e a polarização do poder na Alemanha pré-1933, Johanez Zahn, citado por Rees (2012, p. 53), diz:

“Seis milhões de desempregados, o que isso significava?” diz Johannes Zahn, que na época era um jovem economista. “Seis milhões de desempregados com três pessoas em uma família, são seis vezes três, que é igual a 18 milhões de pessoas sem comida! E quando um homem estava desempregado, naquela época, então só restava uma coisa: ou ele se tornava um comunista, ou um membro da SA (ou seja, um soldado nazista)”.

Conforme podemos observar no trecho acima, a iminente crise da jovem democracia alemã enfraqueceu diversos grupos, e fortaleceu outros, como o Partido Nazista e o Partido Comunista. De acordo com Richard J. Evans, em seu livro “A Chegada do Terceiro Reich”, “A filiação nacional (do Partido Comunista) disparou de 117 mil em 1929 para 360 mil em 1932, e seu poder eleitoral aumentava de eleição para eleição.” (2010, p. 268).

Porém, a desvinculação com a social-democracia, através da constante insistência em condenar a República de Weimar como “fascistas” que os separava firmemente, e a pobreza proveniente da Grande Depressão, foram duros golpes nos comunistas em ascensão, já que os membros do partido eram de classe mais baixa (EVANS, 2010, p. 273).

Ao mesmo tempo, o povo passava a ver em Hitler uma figura quase messiânica. Max Weber, importante sociólogo, diz sobre isso: “não basta que um líder carismático seja um “herói”, ele tem de ser um “profeta” (*apud* REES, 2012, p. 41). E Hitler criou essa imagem com maestria, unindo seu passado como “herói” de guerra e a “missão” que ele havia reservado para si (REES, 2012, p. 57). Para o povo, Hitler vendia um salvador, para os soldados, vendia a salvação da vergonha que passaram (REES, 2012, p. 54).

Em sua obra, Evans disserta sobre os diversos testemunhos que comparavam a imagem de Hitler a de um “profeta”, como previa Weber. O trecho a seguir ilustra isso:

(ouvi) o líder Adolf Hitler falar em pessoa. Depois disso, só havia uma coisa para mim: ou vencer com Adolf Hitler, ou morrer por ele. A personalidade do Líder me encantou por completo. Aquele que conhece Adolf Hitler com um coração puro e sincero vai amá-lo de todo o coração. Vai amá-lo não em nome do materialismo, mas pela Alemanha. (MERKL, 1975 *apud* EVANS, 2010, p. 253)

E Evans prossegue (2010, p. 254):

Existem muitos outros testemunhos desse tipo, desde um metalúrgico antissemita nascido em 1903 que descobriu em uma reunião com Hitler em 1927 que “nosso líder irradia um poder que torna todos nós fortes”, até outro

camisa-parda, nascido em 1907, que declarou ter caído sob o fascínio de Hitler em 1929, em Nuremberg: “Como seus olhos azuis faiscavam quando as tropas de assalto marchavam diante dele à luz das tochas, um mar infundável de labaredas ondulando pelas ruas da antiga capital do Reich”

Por fim, para enfatizar essa visão messiânica que Hitler possuía nesse momento, Theodor Eschenburg (*apud* REES, 2012, p. 57) é categórico:

“Eu nunca mais tive uma experiência igual – como um homem podia dominar uma reunião em massa, de forma tão cativante – como ele fez, em Sportpalast (em Berlim). Aquilo me impressionou enormemente e, ao mesmo tempo, me assustou. Fiquei ali sentado, e à minha volta, direita, esquerda, à frente e atrás, os Socialistas Nacionais estavam dando gritinhos de empolgação. Isso aconteceu quando ele (Hitler) entrou, como um Deus. Um messiânico. Foi simplesmente impressionante e assustador, simultaneamente.”

Adolf Hitler, mesmo perdendo a eleição para presidência em 1932, era a principal força política da Alemanha, e não entraria em acordo com o presidente eleito Paul von Hindenburg enquanto não conseguisse a chancelaria, recusando inclusive o cargo de vice-chanceler, já que isso representaria subordinação. Entre trocas de chanceleres e acordos políticos de Hitler, Hindenburg começou a cogitar a possibilidade de ceder à pressão de Adolf pela chancelaria, acreditando que os poderes atuais conseguiriam controlar sua governança, e então, Hitler, no dia 30 de janeiro de 1933, se torna chanceler alemão (REES, 2012, p. 61-67).

Hitler e seus apoiadores e companheiros de partido seguiram seu projeto, tomando para si setores-chave, como o exército e a polícia, e iniciando a conhecida política de violência contra seus adversários (EVANS, 2010, p. 343-345). A ascensão do Terceiro Reich teve sua base na forte repressão e perseguição de opositores, principalmente comunistas, e controle das mídias e do aparato militar, mas, além de tudo, era uma ascensão legítima, feita através dos meios democráticos e de acordo com a constituição vigente, quase que em sua totalidade, como previra Hitler.

Em ato votado, em um parlamento quase sem oposição, a Lei Plenipotenciária, que basicamente dissolvia o parlamento, dando poder para que o Reichstag governasse por decretos, foi aprovada por maioria massiva. (EVANS, 2010, p. 381).

É importante também observar a política praticada no Reich até a Segunda Guerra. A austeridade econômica caminhava junto com uma grande violência sistêmica, conforme pode ser verificado nas linhas seguintes:

Bem antes do final da República de Weimar, os especialistas haviam agarrado a oportunidade propiciada pela crise financeira para argumentar que o melhor modo de reduzir o fardo impossível da previdência sobre a economia era impedir a classe mais baixa de se reproduzir, submetendo-a à

esterilização forçada. Assim, não levaria muitos anos para haver menos famílias indigentes para se sustentar. (EVANS, 2010, p. 403).

Ainda sobre isso, Evans (2010, p. 404) sustenta:

Assistentes sociais e administradores da previdência já há muito estavam propensos a ver os requerentes como parasitas e preguiçosos. Agora, encorajados pelos novos funcionários de alto escalão empossados pelas administrações nazistas locais e regionais, podiam dar rédea solta a seus preconceitos.

A pobreza, antes mal vista, passa a ser “criminalizada”, e as instituições passam a trabalhar para deixar a vida dos destituídos “desagradável” (EVANS, 2010, p. 405). A austeridade promovida, além de violenta, era eugenista. O trecho a seguir ilustra bem o pensamento da época:

Médicos e equipes foram postos na rua; muitos, sobretudo se eram judeus, foram para o exílio. Os nazistas argumentaram que todo o sistema de medicina social desenvolvido pela República de Weimar era montado para evitar a reprodução dos fortes por um lado e sustentar as famílias dos fracos por outro. A higiene social deveria ser abolida; a higiene racial devia ser introduzida em seu lugar. (GROSSMAN, 1997, *apud* EVANS, 2010, p. 403).

A “nazificação” do estado alemão ainda promovia um enxugamento da máquina pública, baseada na posição política. De acordo com Evans, a Lei para a Restauração do Serviço Público Profissional servia para fazer uma alusão à profissionalização corporativa dos que serviam a máquina pública, mas, na realidade, promovia cortes e demissões daqueles que não estavam alinhados com a ideologia do governo (EVANS, 2010, p. 408). Evans (2010, p. 409), ressalta que “As demissões e rebaixamentos tiveram o efeito acessório, e longe de não premeditado, de reduzir os gastos do governo, bem como impor uma conformidade racial e política”.

É importante ressaltar que essa austeridade violenta atingia sistematicamente os judeus. Por outro lado, a economia alemã passava por reformas e crescimento, com políticas de empregabilidade para aqueles que eram verdadeiramente alemães. Segundo William L. Shirer, em seu livro “Ascensão e Queda do Terceiro Reich”, concedeu-se generosamente isenção de impostos às firmas que elevassem seus gastos de capital e aumentassem o emprego” (2008, p. 320). A recuperação econômica teve base no rearmamento, e os fundos para isso foram os confiscos realizados de bens dos “inimigos do Estado”, em sua maioria, judeus. (SHIRER, 2008, p. 321-322).

Além disso, houve uma clara planificação nas artes alemãs, dando a elas a face nacionalista do Reich. Isso incluiu o expurgo de artistas que não simpatizavam

com a nova administração, tendo migrado da Alemanha cerca de dois mil artistas das mais diversas áreas a partir de 1933 (EVANS, 2010, p. 418-444).

O que acontece na Alemanha pré-Segunda guerra é o sucesso da implantação dessas políticas e do estabelecimento de Adolf Hitler no poder, cada vez mais centralizado na figura do Führer. A busca pelo “espaço vital”, conceito abordado por Hitler no “Mein Kampf”, e a “purificação da raça alemã”, seguiram a todo vapor no período de 1939 à 1945, quando Hitler se suicidou.

Observar a construção e o sucesso de seu personagem político, o que é abordado neste capítulo, é de suma importância para a compreensão da manutenção de elementos nazifascistas na atualidade. A crise democrática, as políticas de austeridade, o anseio por salvação, o uso massivo da propaganda, o ódio ao estrangeiro e às minorias, e o controle da mídia e do poder vigente, são elementos cruciais para o entendimento de fenômenos contemporâneos a nós. Além disso, suas políticas repressivas e orientadas à exclusão são agendas ainda hoje adotadas pela nova direita. Essa ascensão dos governos de direita na atualidade, e a existência de verdadeiros cultos nazistas, exploraremos a seguir.

2 A nova direita nazifascista: crise democrática e reciclagem histórica

Este capítulo tem como objetivo apresentar a nova direita que está em ascensão nos quatro cantos do mundo, vencendo eleições e conquistando apoio popular. Além disso, buscaremos semelhanças na ascensão de Hitler e dessa nova onda conservadora, a fim de definir os elementos que a causaram.

2.1 As semelhanças políticas contextuais

A atual ascensão neoconservadora se deve a inúmeros fatores, sendo um deles a crise da democracia vigente. Segundo Manuel Castells, em sua obra “Ruptura: A crise da democracia liberal” (2018, p. 10) há uma crescente insatisfação do povo com o modelo representativo, pois a classe política passou a defender seus próprios interesses ao invés do interesse público.

[...] Mais de dois terços dos habitantes do planeta acham que os políticos não os representam, que os partidos (todos) priorizam os próprios interesses, que os parlamentos não são representativos e que os governos são corruptos, injustos, burocráticos e opressivos (CASTELLS, 2018, p. 11).

Castells atribui a crise da legitimidade política à globalização econômica e comunicacional, e à crise financeira e do capital especulativo de 2008, dizendo também que essa implosão econômica é reflexo direto do modelo capitalista (CASTELLS, 2018, p. 15-16). Essa afirmação se sustenta com as ideias do autor, para quem

Na raiz da crise de legitimidade política está a crise financeira, transformada em crise econômica e do emprego, que explodiu nos Estados Unidos e na Europa no outono de 2008. Foi, na realidade, a crise de um modelo de capitalismo, o capitalismo financeiro global, baseado na interdependência dos mercados mundiais e na utilização de tecnologias digitais para o desenvolvimento de capital virtual especulativo que impôs sua dinâmica de criação artificial de valor à capacidade produtiva da economia de bens e serviços. De fato, a espiral especulativa fez colapsar uma parte substancial do sistema financeiro e esteve prestes a gerar uma catástrofe sem precedentes. À beira do precipício, os governos, com nosso dinheiro, salvaram o capitalismo. (CASTELLS, 2018, p.16).

As medidas protecionistas tomadas pelos governos perante à crise evidenciaram “a falácia da ideologia neoliberal que argumenta a nocividade da intervenção do Estado nos mercados” (CASTELLS, 2018, p. 16), já que

demonstravam que o modelo de estado vigente trabalha na proteção do sistema econômico vigente e na manutenção dos poderes e privilégios.

A política de austeridade que priorizava a economia (refletida nos bancos e grandes empresas) afetou de forma contundente a população europeia e de países periféricos, porém, nos Estados Unidos, país onde se deu a eclosão da crise, a política adotada foi de protecionismo, aumentando os gastos públicos para sair da crise, o que aconteceu antes da Europa. A crise, no âmbito europeu, se estendeu ao Estado de bem-estar. (CASTELLS, 2018, p. 17).

A política de austeridade é alvo de críticas recorrentes. Esther Solano Gallego, em seu livro “O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil” (2018, p. 83) diz que “a austeridade não é irracional, tampouco estritamente errada; ela nada mais é que a imposição dos interesses de classes dos capitalistas”.

Para enfatizar o viés desse tipo de política, e observá-las de um recorte brasileiro, Gallego (2018, p. 84) complementa:

Essa perspectiva traz luz para a realidade brasileira, nas quais as políticas de austeridade acontecem em um período de extrema instabilidade política e de aumento das tensões de classe. Nesse contexto, a austeridade justapõe as vítimas dos cortes (principalmente a parcela mais pobre da população) com os perpetradores dessas políticas - as elites econômicas e um governo subserviente. No Brasil, a austeridade entrega a ambição de décadas da direita e dos segmentos políticos mais conservadores: revogar o contrato social da Constituição Federal de 1988 e aprofundar as reformas neoliberais.

O exemplo palpável dessa austeridade no cenário brasileiro se dá na aprovação da Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 55, a qual congela os gastos públicos por 20 anos, principalmente com saúde e educação, o que afeta diretamente a população mais pobre do país, que depende dos serviços públicos (ALESSI, 2016).

Essa visão entra diretamente em acordo com o que observou Castells sobre o detrimento das classes mais pobres em função da economia, e também com a austeridade nazista, que favorecia um povo em detrimento dos judeus. No trecho a seguir, Gallego sustenta essa visão, e podemos notar a similaridade entre as políticas adotadas em ambas as épocas:

O Estado que deve ser atacado não é aquele das máquinas de guerra, da repressão policial ou do desrespeito aos cidadãos. O Estado a ser desmontado é aquele que, segundo essa visão, concederia direitos demais - ou mesmo quaisquer direitos às pessoas ou grupos “errados”. Se o neoliberalismo desmontou o Estado de bem-estar social, a nova direita quer atacar o Estado como ente que garante direitos civis, direitos humanos (GALLEGO, 2018, p. 36).

Castells (2018, p. 18-19) destaca também a corrupção como uma das causas da crise da legitimidade, mas, na corrupção, encontra algo mais profundo. O sistema vigente a torna possível e desejável, conforme mostra a citação seguinte:

É a ideologia do consumo como valor e do dinheiro como medida do sucesso que acompanha o modelo neoliberal triunfante, centrado no indivíduo e em sua satisfação imediata monetizada. Na medida em que as ideologias tradicionais – fossem as igualitaristas da esquerda ou aquelas a serviço dos valores da direita clássica – perderam firmeza, a busca do sucesso pessoal através da política relaciona-se com a acumulação pessoal de capital aproveitando o período em que o indivíduo detém posições de poder (CASTELLS, 2018, p. 19).

Ainda, é interessante observar a teoria que Castells coloca em sua obra, sobre uma exposição midiática que trabalha para inspirar desconfiança e reprovação moral na classe política, a “política do escândalo”, que foi teorizada por John Thompson (CASTELLS, 2018, p. 21). Essa teoria contribuiu de maneira brutal para a crise da legitimidade atualmente em vigor.

Trazendo para a realidade brasileira, para fins de exemplificação, há um intenso esforço midiático em propor uma narrativa maniqueísta e moralista aos casos de corrupção que ocorreram no Brasil a partir de 2006, e isso tem como fim a singularização do PT (Partido dos Trabalhadores) como “único responsável pelos desvios éticos na política brasileira” de acordo com Gallego (2018, p. 25), para quem

Reportagens em jornais e redes de televisão, processos judiciais, investigações policiais e boatos gerados na internet retroalimentaram-se, gerando uma nuvem de informações verdadeiras, duvidosas, ou indubitavelmente falsas que estigmatizava o PT - e, por consequência, toda a esquerda - como encarnação da desonestidade e do mal (GALLEGO, E. S. 2018, p. 25).

A posição da mídia tradicional e das organizações reacionárias, pautada na “política do escândalo”, criou desconfiança e polarizou a política de maneira maniqueísta de forma eficaz, e isso deu espaço para que se levantasse outra das grandes forças na ascensão da nova direita: as “fake news”. As “fake news”, em tradução literal, significam notícias falsas, e foram utilizadas de maneira massiva como propaganda pela nova direita, já que normalmente continham mentiras que conferiam à esquerda um caráter de decadência moral.

O “conservadorismo cultural” como estratégia eleitoral foi adotado pela nova direita, em oposição a um suposto “marxismo cultural”, que é imoral e busca destruir a família e a religião (GALLEGO, 2018, p. 36-38). Quanto ao perigo dessa narrativa, Gallego (2018, p. 39) alerta:

O mais perigoso dessa aceitação *mainstream* da teoria da conspiração do marxismo cultural é que ela traz junto de si outras ideologias do nazifascismo: a aceitação das teorias da degeneração (cultural, e, no caso do mundo euroamericano, racial), a obsessão com teorias da conspiração vagas que repetem que “eles” estariam tentando destruir você, ameaçar sua família, sua propriedade e sua vida. Como de costume, esse “eles” sempre precisa ser vago, amplo, e maleável: professores doutrinadores, artistas degenerados, banqueiros socialistas ou globalistas da ONU.

A volta do marxismo/comunismo como inimigo público, fomentada pela grande mídia e reverberante nas redes sociais online, pode e deve ser observada pela sua semelhança com os ideais do nazifascismo, já que usa da polarização política e demonização das ideologias marxistas, ou mesmo de políticas sociais, para alcançar o poder e mantê-lo.

Essa reformulação do conservadorismo, somadas à ação das “*fake News*”, sendo um exemplo entre elas o “Kit Gay”, suposto kit com materiais eróticos, que seria distribuído para crianças por Fernando Haddad, candidato do PT nas eleições de 2018, caso este vencesse o pleito (BARRAGÁN, 2018), forneceu a esquerda a estigma da indecência moral, enquanto incutia no povo o medo e o ódio às políticas de igualdade.

Essa construção da mídia dominante vai além da imoralidade na esquerda, ela incita o preconceito. O trecho a seguir nos introduz a essa questão:

[...] Forma-se um nexos importante entre a percepção da corrupção petista e o preconceito de classe. De 2006 em diante, após cada eleição presidencial os analistas se debruçavam sobre os mapas de votação para constatar que a vantagem eleitoral do PT provinha das regiões mais pobres do país, em particular do Nordeste. Seria sintoma de que o eleitorado pobre era desinformado, ou, pior, carente de ética, disposto a votar em “ladrões” desde que eles lhe oferecessem ganhos, como os programas de garantia de renda (GALLEGO, 2018, p. 25).

O comportamento moralista criado pelo “conservadorismo cultural” e amplamente difundido na mídia, segundo Gallego (2018, p. 37), conseguiu “vilanizar políticas que envolviam imigrantes e refugiados, homossexuais e minorias étnicas sob o signo de que tudo isso não passaria de uma conspiração ‘comunista’ para erodir a ‘civilização ocidental’, e, junto com ela, o capitalismo”.

A vilanização é afirmada pela própria ação legislativa, como impedimento da aprovação de projetos de lei que garantem direitos para a população LGBTI+, como o Projeto de Lei (PL) 122/2006, o “Projeto de Lei Anti-Homofobia” e o PL 612/2011 (que reconhece uniões entre pessoas do mesmo sexo) (GALLEGO, 2018, p. 99-100). Além disso, essa abordagem incita a violência também por parte do povo. Houveram casos onde escolas ou professores são denunciados ao Ministério Público por

“promover ideologia de gênero”, que nada mais é do que tratar questões como identidade de gênero ou feminismo em aula (BETIM, 2020).

Fernando Holiday, deputado pelo MBL (Movimento Brasil Livre), partido responsável por incentivar a gravação dos professores para esse tipo de denúncia, em ações vinculadas ao projeto Escola Sem Partido, admitiu em entrevista para Felipe Betim, do jornal *EL PAÍS*, que a sua defesa do projeto “[...] muitas vezes teve como efeito colateral uma demonização do professor, que já é um profissional extremamente desvalorizado pelo Estado e pela sociedade brasileira” (BETIM, 2019).

Como reflexo dessa vilanização, o Brasil segue no topo dos países que mais matam a população trans (JUSTO, 2020). Porém, esse tipo de abordagem midiática pautada na política do escândalo não tem seus reflexos apenas em solo brasileiro. Em 2016, em um plebiscito, o Reino Unido votou por sua saída da União Europeia, no momento que ficou conhecido como Brexit (uma abreviação para *Britain Exit*, que significa “saída britânica”, em tradução literal).

Este movimento, da visão dos seus partidários, era para reafirmação da soberania britânica, mas, em sua expressão imediata, o Brexit atacou diretamente a imigração (CASTELLS, 2018, p. 47). De acordo com Castells (2018, p. 48):

[...] O controle das fronteiras se apresentou como solução mágica para eliminar a competição no emprego e nos serviços e, de quebra, proporcionar uma proteção maior contra o terrorismo global, esquecendo que a maioria dos atos terroristas procede de pessoas criadas no país. [...]

Castells (2018, p. 50) defende ainda que o voto a favor do Brexit, por parte do povo, foi porque este se sente abandonado e marginalizado. Mas os arquitetos e a elite política e midiática utilizaram o movimento como uma plataforma anti-imigratória. A intolerância se tornou plataforma eleitoral para a direita, como no caso de Trump, que fazia campanha ferrenha contra a imigração de seus vizinhos mexicanos (BBC, 2016).

O ódio e preconceito como plataforma eleitoral eram também uma estratégia adotada pelo Partido Nazista pré-Segunda Guerra Mundial, bem como o controle midiático feito para que se normalizasse esse ódio. Para Gallego (2018, p. 39):

Mais do que simplesmente anticomunista, a nova direita flerta com ideias do nazifascismo e, consciente ou inconscientemente, contribui para normalizá-las. Quando são criticados por esses aspectos se refugiam em questões de “liberdade de expressão” e de uma suposta “hegemonia da esquerda”. Por inépcia ou intenção fazem com que os piores pesadelos da humanidade voltem à pauta, devidamente legitimados.

Essa normalização do nazifascismo passa pela não compreensão de suas características políticas, que incansavelmente se repetem, em uma espécie de reciclagem histórica. Portanto, devem ser observadas suas lideranças e sua relação com o poder vigente, como faremos a seguir.

2.2 Os líderes e a legitimidade

Embora a direita queira a crise democrática e se aproveite dela para sua ascensão, é pelos mecanismos tradicionais da democracia que ela costuma se alçar ao poder. A legitimidade institucional tem papel chave nas antigas e novas empreitadas da direita política no governo, mesmo que os mecanismos para tal sejam utilizados em seus limites constitucionais.

Franz Von Papen, um dos responsáveis pela chegada de Hitler à chancelaria alemã, escreveu que “[...] Hitler se tornou chanceler “através dos processos normais democráticos”” (PAPEN, 1952 *apud* REES, 2012, p. 66), conforme demonstramos no Capítulo 1 deste trabalho. Ora, se mesmo o abertamente antidemocrata Adolf Hitler tomou o poder utilizando os mecanismos e falhas que ela possuía, não é diferente o que faz a nova direita.

Sobre a aversão à democracia e sua utilização como meio de alavanca, Goebbels (1935 *apud* REES, 2012, p. 48) disse:

“Nós entramos no parlamento de modo a nos abastecer no arsenal da democracia com suas próprias armas... Se a democracia é tão imbecil a ponto de nos prover bilhetes (ferroviários) gratuitos e salários para esse trabalho, isso é assunto dela... Nós debochamos ao cooperar com esse monte de bosta fedorenta... Não chegamos como amigos, nem como neutros. Chegamos como inimigos. Como o lobo que irrompe em meio ao rebanho, é assim que chegamos.”

Para ilustrar o uso dos aparelhos democráticos para fins antidemocráticos, trazemos o impeachment de Dilma Rousseff, em 2016. Em um áudio vazado, o senador Romero Jucá afirmava que o processo de impeachment era um acordo “com o Supremo, com tudo”, para estancar as feridas abertas pela Operação Lava Jato (EL PAÍS, 2016). Embora tenha um caráter golpista, o processo de impeachment foi todo feito pelos trâmites legais, com o aparato legislativo da democracia brasileira.

Quanto a isso, Ivana Jinkings, Kim Doria e Murilo Cleto, em seu livro “Por que gritamos golpe? - Para entender o impeachment e a crise política no Brasil”, dizem (2016, p. 57):

[...] O que aconteceu no Brasil, com a destituição da presidente eleita Dilma Rousseff, foi um golpe de Estado. Golpe de Estado pseudolegal, “constitucional”, “institucional”, parlamentar ou o que se preferir, mas golpe de Estado. Parlamentares – deputados e senadores – profundamente envolvidos em casos de corrupção (fala-se em 60%) instituíram um processo de destituição contra a presidente pretextando irregularidades contábeis, “pedaladas fiscais” [...]

Ainda, falam também sobre a extensão desses golpes pela América Latina, que em lugares como Bolívia e Equador fracassaram, mas que obtiveram sucesso em Honduras e Paraguai (JINKINGS; DORIA; CLETO. 2016, p. 56). Tais derrotas tem

a ver com 1) a conjuntura econômica difícil, devido à queda dos preços do petróleo e de outras commodities e 2) os limites e as contradições dos processos de mudança nos dois países. Mas elas demonstram também a capacidade das forças burguesas e oligárquicas de manipular, enganar e desorientar setores significativos da população, graças a seu monopólio dos meios de comunicação (imprensa, TV etc.) (JINKINGS; DORIA; CLETO. 2016, p. 56).

Isso gerou ainda mais pressão e desconfiança nas estruturas democráticas, e essa desorientação levou à eleição de Jair Bolsonaro, em 2018. A eleição presidencial, que é o ápice da forma democrática, coloca no poder uma figura recheada de preconceitos explicitados. Quanto a relação entre esses dois momentos, Rubens. R. R. Casara, em seu livro “Bolsonaro: O mito e o sintoma”, (2020, p. 28) diz que:

[...] A ruptura com as “regras do jogo democrático”, necessária para obter êxito em um processo de impeachment sem a existência de um “crime de responsabilidade” (golpe, portanto), pode ser apontado como o ponto zero da ascensão do bolsonarismo. A eleição de Jair Bolsonaro pode ser apontada como o resultado do “monstro” criado para derrubar, fora dos marcos constitucionais, uma presidente eleita democraticamente.

Com o esqueleto deste “monstro” montado pela crise democrática, pela utilização massiva e nociva das mídias, e pela propaganda pessoal anti-*establishment* “em torno de pautas abertas e abstratas (“defesa da família brasileira”, “contra a corrupção”, contra “tudo o que está aí” etc.)” (CASARA, 2020, p. 44), a eleição de Jair Bolsonaro é legitimada democraticamente.

Essa abrangência grande e abstração do discurso era também uma característica de Hitler em sua campanha. Para ilustrar isso, destacamos a seguinte passagem:

Crucialmente, Eschenburg – um sofisticado crítico político – reconheceu que “Hitler não prometeu nada. Era sempre: ‘somente pelo povo alemão’. E ‘nós temos de libertar o povo do marxismo’. Mas ele não fazia promessas concretas. Isso eu pude enxergar com bastante facilidade... apenas admirei sua técnica” (REES, 2012, p. 57).

É importante ressaltar que não são todos os setores que são alinhados diretamente com essas rupturas, e sim, são frutos dela. Para Gallego (2018, p. 62):

Quando um caminhoneiro sobe no caminhão parado pelo protesto e grita pela intervenção militar, ele não quer viver rodeado de tanques e pedir licença para ir trabalhar. Quer sim poder pagar suas dívidas, seu aluguel, alimentar seus filhos e seguir sua vida, mas o caminho que acha para isso é pedir essa mudança.

O ultra-autoritarismo é vendido para o povo como uma resposta à crise, e o neoliberalismo se alimenta dessa crise criada por ele mesmo para fabricar e perseguir “culpados” por ela, retratados em seus inimigos políticos (CASARA, 2020, p. 76-77).

Portanto, discutiremos a seguir a trajetória ao poder de algumas lideranças da nova direita, como Bolsonaro e Donald Trump, além das semelhanças entre as campanhas deles com a campanha de Hitler ao poder, e eventuais alinhamentos de discurso e apoio entre ambos.

2.2.1 Bolsonaro

Não é de maneira impensada que o discurso de posse de Jair Bolsonaro falava em “se libertar do socialismo, se libertar da inversão de valores, do gigantismo estatal e do politicamente correto” (JOVEM PAN, 2019). Quase como uma caricatura do anseio por um salvador, Jair Bolsonaro tem como nome do meio a palavra Messias. E, com sua campanha baseada no slogan “Brasil acima de tudo. Deus acima de todos”, Jair conquistou a maioria válida dos votos válidos no Brasil.

Em uma reflexão, Casara (2020, p. 63) diz:

[...] Como descrever a eleição de uma pessoa que naturaliza tortura? Como tanta gente votou em um homem que declarou preferir ver o filho morto a aceitá-lo gay? Como votaram em uma pessoa que considera o estupro como algo natural e que ainda declara achar relações inter-raciais uma coisa promíscua? [...]

Explicar a vitória democrática de Bolsonaro vai além da crise política discutida anteriormente. O anseio por salvação de uma crise, por parte do povo, é uma das similaridades da campanha bolsonarista com a campanha nazista pelo controle do Reich. Conforme discutido no Capítulo 1 deste trabalho, o povo alemão via em Hitler uma figura messiânica, vinda para salvá-los. Para enfatizar essa semelhança, trazemos o trecho a seguir:

A figura de Bolsonaro também despertava profunda admiração. Nenhum adolescente entrevistado defendeu a volta da ditadura, mas achavam importante os valores de “pulso”, “ordem”, “disciplina”, “mão forte” e

"autoridade" neste momento de crise nacional. Enquanto todos os meninos se colocaram contra tortura e censura, sendo inclusive críticos da ação policial nas comunidades, eles viam na imagem do militar uma forma de "último recurso", isto é, um pedido de socorro de jovens que já foram tomados pelo desalento. Este é o caso de Rique (21 anos), [...] Ele passa o dia entre a casa e a Igreja Universal que frequenta. Deus e Bolsonaro, para ele, são duas formas de salvação de uma vida indigna (GALLEGO, 2018, p. 58).

Bolsonaro se vendia como alguém contra o sistema. Mas, a auto propaganda anti-*establishment* de Bolsonaro era, no mínimo, contraditória. Antes de ser eleito à presidência, Jair já era político há quase 30 anos, com apenas dois dos seus projetos aprovados (POTTER, 2018). Sua família também fez carreira na política, seu filho Flávio é senador, Carlos, vereador da cidade do Rio de Janeiro, e Eduardo, deputado estadual por São Paulo.

O sucesso de Bolsonaro tem começo e fim no seu controle da mídia, seja ela digital ou tradicional. Sobre isso, o próprio disse: "Se eu falasse manso, não estaria nos jornais amanhã. Observem as reportagens" (TAVARES, 2016). Suas falas, em tom debochado, ganhavam a mídia tradicional que o criticava, ao mesmo tempo que ganhava a exaltação de pessoas nas mídias direitistas.

O processo parece com o adotado por Hitler após o fracasso do *putsch*. Estar nos holofotes era prioritário para o chanceler alemão, conforme ele diz,

"A política não trata de propostas e programas, mas de trabalho demorado e duro até que as pessoas possam equiparar algum desconhecido com uma ideia política. Acho que atingi esse ponto. E é por isso que o *putsch* foi de certa forma útil para o nosso movimento. Ninguém pode dizer que sou desconhecido agora, e isso nos dá uma base para recomeçarmos" (HANFSTAENGL, 1957 *apud* RANGE, 2018, p. 260-261).

Parte da mídia desacreditava da possibilidade de vitória de Bolsonaro, devido ao seu *modus operandi* midiático, de declarações fortes, conforme demonstra Tavares (2016) dizendo que "bravatas, como o elogio a um torturador, o deixam quase sem chance de vitória". Mas Bolsonaro não contava apenas com essas mídias. Utilizando do aparato completo do fornecimento de dados das redes sociais, havia um "exército" de defensores de suas ideias.

Com a "revolução numérica", as pessoas passaram a ter vontades condicionadas a partir de informações e dados selecionadas por terceiros com motivação comercial, política e ideológica. Dentro dessa dinâmica, proliferaram-se as *fake news*, mentiras com força de verdade utilizadas para condicionar comportamentos e produzir ódios, em especial quando confirmam preconceitos enraizados na sociedade. No Brasil, fala-se na existência de um "gabinete do ódio", primeiramente, ligado à campanha e, depois, ao governo de Jair Bolsonaro. Em recente pesquisa, coordenada pelas professoras Isabela Kalil (FESPSP) e Marie Santine (UFRJ), na qual foram analisados dados qualitativos e quantitativos no cruzamento entre etnografia virtual, mapeamentos de redes sociais e inteligência artificial

revelou que 55% das publicações favoráveis ao governo de Jair Bolsonaro eram feitas por robôs (CASARA, 2020, p. 50).

Além da massa eleitoreira, cativada pelo seu “carisma do homem comum” (CASARA, 2020, p. 71) e pelo incessante trabalho nas mídias, Bolsonaro contava com outras forças para se colocar e se manter no poder. O alinhamento econômico neoliberal, que tem como sua principal figura o Ministro da Economia, Paulo Guedes, fez com que o poder econômico apoiasse abertamente o bolsonarismo. Quanto ao tipo de projeto apresentado, Casara (2020, p. 55) argumenta que:

O projeto neoliberal a que Jair Bolsonaro aderiu, é apresentado e vendido como uma política de inovação, de modernização, quando não de ruptura com práticas antigas. A propaganda neoliberal, de fórmulas mágicas e revolucionárias, torna-se no imaginário da população a nova referência de transformação e progresso. O neoliberalismo, porém, propõe mudanças e transformação com a finalidade de restaurar uma “situação original” e mais “pura”, onde o capital possa circular e ser acumulado sem limites.

Esse movimento é sustentado pelo neoconservadorismo, que Gallego (2018, p. 27-28) define como um movimento que, como uma “evolução” do conservadorismo que tentava preservar valores e instituições, tenta restaurar a autoridade da lei, a ordem, e implantar um Estado mínimo que não interfira na livre iniciativa econômica. Embora militar e político de carreira, o Estado em seu governo tinha que ser mínimo e austero, sem perder seu poder coercitivo. Como observa Casara (2020, p. 77), “utiliza-se o discurso nacionalista para reforçar o neoliberalismo e melhor atender os interesses do poder econômico”.

Sobre o nacionalismo autoritário de Bolsonaro, Casara (2020, p. 77) o coloca como um “*fake nationalism*”, já que não há a priorização da economia interna, havendo no lugar o apoio aberto ao capitalismo global e, sendo assim, o discurso nacionalista foca na produção de supostos inimigos (comunistas, bolivarianos, etc.). Mas, como sua imagem vende “valores e ordem”, seu nacionalismo realiza a manutenção da militarização.

Projetos como o excludente de ilicitude, que proíbe a prisão em flagrante de militares por mortes causadas em operações (G1, 2019), dando margem para mais execuções policiais, em um país onde, apenas na Grande São Paulo, o número de pessoas mortas por policiais militares aumentou em 60% de janeiro a abril de 2020 (ACAYABA; ARCOVERDE. 2020), são pautas recorrentes da agenda do Governo Bolsonaro. Além disso, cabe a observação de que as mortes são concentradas na população negra, totalizando 80% dos mortos pela polícia (ADORNO; DIAS. 2020) e na periferia, em uma espécie de projeto de limpeza social. Frases como a de Wilson

Witzel, governador afastado do Rio de Janeiro, que disse: “A polícia vai fazer o correto: vai mirar na cabecinha e... fogo” (VEJA, 2018), fazem sucesso pelo seu apelo moral.

O sucesso público desse tipo de abordagem é intrinsecamente ligado à produção de um inimigo interno. Quanto a essa visão, Gallego (2018, p. 71) diz:

Cria-se, de um lado, o “cidadão de bem”, trabalhador (ou proprietário) e ordeiro, e, de outro, o vagabundo, vândalo, drogado, arruaceiro, o indivíduo fora das bordas que delimitam o possível autorizado pela ordem. Por meio da combinação do medo com a percepção de uma força acima das leis, legitima-se a violência. A norma se impõe pela força (e apoia-se nas leis) e sua lógica é a da produção do anormal, do patológico, em relação ao qual ela deve agir com rigor para curá-lo, eliminá-lo ou, ao menos, anulá-lo.

A estigmatização da cultura periférica como inimigos da ordem causa essa dicotomia, e pode ser comparada com as práticas nazistas no que dizem respeito à demonização de uma parcela social: na época nazista, os judeus e marxistas, agora, a classe mais baixa e as minorias sociais. A política praticada beira o eugenismo. Para enfatizar essa semelhança, destacamos o trecho a seguir:

Todavia, não é preciso muito esforço para perceber a semelhança entre a ilimitação nazista e a rejeição do bolsonarismo a qualquer limite externo (ético, jurídico, científico etc.). De igual sorte, tanto quanto os atuais ideólogos bolsonaristas, os nazistas apostavam em cálculos de interesse e na “técnica” como parte importante de sua ideologia. Hoje, se substituirmos as ideias de “raça alemã” e “lei do sangue” por “tradicional família brasileira” e “moral brasileira” ou a demonização dos “judeus” pela de “esquerdistas”, “gays”, e “lésbicas”, alguns discursos frequentes nos anos 1930 na Alemanha pareceriam estranhamente familiares (CASARA, 2020, p. 120).

Há, porém, um inimigo em comum, que não precisa ser substituído nas frases: o marxismo. Como trabalhado anteriormente, o conceito de marxismo cultural cria “um adversário comunista praticamente onipresente: na educação pública, na mídia, nos ativistas dos direitos civis, na indústria do entretenimento, etc.” (GALLEGO, 2018, p. 39). Resgatando esse inimigo dessa maneira, assim como feito na ditadura militar brasileira da qual é fã confesso, Bolsonaro cria um ambiente é naturalizado o absurdo, e há uma ode à ignorância (CASARA, p. 65).

Por fim, Casara (2020, p.146-147) vê na eleição de Bolsonaro um sintoma social de uma sociedade brasileira que se recusa a se reconhecer: uma que crê na violência, no racismo, no machismo, na homofobia e no anti-intelectualismo como uma forma de solução das mazelas causadas por uma crise construída pelo próprio modelo liberal do qual ele é adepto.

Esta é a trajetória e o modo de governo de Jair Messias Bolsonaro, mas, vale observar que mesmo seus principais aliados no período de eleição, como o ex-Ministro da Justiça e da Segurança Pública, Sérgio Moro, e como o atual governador do Estado de São Paulo, João Dória, estão tentando se desvencilhar da imagem já desgastada de Bolsonaro.

Moro renunciou ao seu cargo já acusando Bolsonaro de intervir na justiça (ISTOÉ, 2020), e Dória usa da conquista da vacina Coronavac, contra o Covid-19, de plataforma política, atacando a cúpula de governo de Bolsonaro, expondo seu negacionismo científico (MARTINS; BRAGANÇA; BRITO. 2021). Ambos adotam uma postura de moderação e centro político, tentando se afastar da extrema direita, mesmo tendo influenciado diretamente a campanha de Jair em 2018. Isso pode ser a tendência vencedora para as próximas eleições, já que tivemos um termômetro na derrota de Trump em 2020, como veremos a seguir.

2.2.2 Trump

Utilizando-se de estratégias como parecidas com a de Bolsonaro para sua eleição, mas ainda antes, em 2016, em uma espécie de prenúncio do que aconteceria aqui, Donald Trump foi eleito, nos Estados Unidos da América. Celebridade e apresentador televisivo, Trump já tinha espaço no imaginário do eleitor estadunidense (DELCOLLI, 2020), além de possuir um império em dinheiro construído como empresário do ramo da construção civil, que incluíam conglomerados de torres de luxo e cassinos (THOMAS, 2016).

Suas declarações fortes e preconceituosas, como dizer que os vizinhos mexicanos eram estupradores, ladrões, e que iria construir um muro para que eles não migrassem até seu país (CASTELLS, 2018, p. 32) atraíram um novo tipo de eleitorado. Segundo Castells (2018, p. 39):

[...] Desse sentimento de exclusão das manifestações culturais dominantes e das categorias protegidas em termos de direitos especiais, surgiu a necessidade de uma afirmação dos esquecidos da política identitária: o homem branco.

Nesse caldo de cultura floresceram grupos racistas, neonazistas e antissemitas, que haviam ficado na penumbra e viram chegar seu momento. Organizaram-se como alt-right (direita alternativa) e começaram a influir na campanha de Trump através de sua presença em meios de comunicação xenófobos com uma crescente reputação entre os nativistas americanos. [...]

Além do alinhamento com os neonazistas, com os antissemitas e com os racistas, havia outra semelhança com as campanhas de Hitler e Bolsonaro para suas chegadas ao poder: o controle das massas com a oratória e com a mídia. E isso era, de certa forma, fácil para alguém de sua exposição midiática. Essa similaridade é retratada na passagem seguinte:

[...] Trump liderou um movimento. Sua relação com o eleitorado foi direta, em comícios para multidões, com discursos incendiários. E sua estratégia, fundamentalmente midiática. Ele descobriu, desde as primárias, como estar sempre na mídia sem necessidade de pagar por ela. A troca de declarações escandalosas e polêmicas que as redes sociais amplificavam e os meios de comunicação se apressavam em reportar, geralmente para criticá-las (CASTELLS, 2018, p. 33)

A eleição pode ser decidida de acordo com a manipulação da opinião pública, principalmente através de técnicas de segmentação de público, onde o acesso a certas informações é restringido pelas plataformas, e os indivíduos, condicionados a votarem de certa maneira, conforme observa Casara (2020, p. 46-47).

Juntamente com a exposição midiática orgânica, havia outra estratégia, muito semelhante à de Bolsonaro com seu “gabinete do ódio”. O escândalo da Cambridge Analytica, empresa de análise de dados que auxiliou em sua campanha, mostrou sobre como o uso das mídias poderia ser feito hoje em dia. De acordo com o G1 (2018) “A Cambridge Analytica teria comprado acesso a informações pessoais de usuários do Facebook e usado esses dados para criar um sistema que permitiu prever e influenciar as escolhas dos eleitores nas urnas”.

Dessa forma, embora feita de forma democrática, a eleição de Donald Trump possui muitos poréns a serem explorados. Mas, o principal ponto a se questionar é: como um empresário e apresentador televisivo conseguiu se vender como um candidato anti-*establishment*? As linhas a seguir introduzem essa discussão:

[...] Trump identificou a globalização como inimigo do povo, ecoando um sentimento geral, sobretudo entre os trabalhadores. E ainda teve o topete (termo bem apropriado) de responsabilizar seus amigos financistas de Wall Street pela miséria das pessoas. Acrescentando a essa tese um discurso contra a intervenção militar no mundo para não desperdiçar vidas americanas em benefício de povos que não merecem isso [...] (CASTELLS, 2018, p. 32).

O que Trump desejava e vendia era o desejo de muitos americanos: medidas protecionistas. Os interesses de Trump estavam na proteção de seus negócios, mas, um povo se recuperando de uma crise econômica e amedrontado de outra era tudo que ele precisava, já que suas medidas, para esse povo, significavam a manutenção

de seus empregos em detrimento dos imigrantes. Por isso, 67% dos votos válidos da “classe operária” foram para Trump (CASTELLS, 2018, p. 35).

A construção dessa imagem anti-sistêmica durou até após sua eleição, pois, “Como qualquer outro presidente dos Estados Unidos, ele se dobrou ao poder de Wall Street, que tanto havia vilipendiado na campanha” (CASTELLS, 2018, p. 41). Mas, em contrapartida, todas as políticas pautadas na destilação do ódio e no negacionismo científico foram mantidas no seu plano de governo, como demonstra a citação seguinte:

Mas nas outras políticas não se afastou muito de suas ousadas promessas eleitorais. Tentou revogar a reforma no sistema de saúde de Obama; pressionou as empresas automobilísticas para que não se deslocalizassem para o México; reduziu impostos (sobretudo para os ricos); tentou proibir a entrada de muçulmanos no país, pelo fato de serem muçulmanos; endureceu a política anti-imigrante; perdoou a repressão policial às minorias; amparou e “entendeu” os grupos racistas da alt-right; empenhou-se (sem grande êxito, até o momento) em construir o muro da ignomínia na fronteira com o México; anulou os principais tratados comerciais multilaterais, em particular no Pacífico, na América do Norte e na América Latina; anunciou a retirada dos Estados Unidos do Acordo de Paris sobre mudanças climáticas; confrontou, e em alguns casos insultou, vários dirigentes políticos europeus (embora tenha se apaixonado por Macron); ameaçou iniciar uma guerra contra a Coreia do Norte; insinuou a intervenção militar na Venezuela; voltou à Guerra Fria com Cuba, apesar de no passado ter feito negócios ilegalmente com a ilha (CASTELLS, 2018, p. 41).

Há de se ressaltar que algumas dessas tentativas foram bloqueadas pelas instituições do poder, devido a sua inconstitucionalidade. A política de Trump não foi um sucesso completo, vide sua derrota nas eleições de 2020 para Joe Biden (G1, 2020), o que pode significar o avanço de uma política de centro, mais moderada e menos sensacionalista em suas palavras, mas igualmente encaixadas no *establishment*.

Além disso, recentemente, Donald Trump foi banido da rede social Twitter, devido a incitação à violência (OLIVEIRA, 2021), além de ter suas publicações constantemente vetadas por disseminar notícias falsas, já que ele contestava o resultado da eleição, chamando-o de fraude (IG, 2020). Isso pode significar uma menor tolerância a esse tipo de política por ele praticado. Essa é a trajetória e o modo de governo de Donald Trump.

2.2.3 Outras lideranças pelo mundo

Para além de Bolsonaro, no Brasil, e Trump nos Estados Unidos da América, a crise econômica e democrática permitiu a ascensão da direita em vários locais do mundo. Algumas dessas lideranças são interessantes de serem observadas, já que dão alguns exemplos de como podem funcionar as políticas do neoconservadorismo liberal.

Um destes personagens, sem dúvida, é Steve Bannon. Bannon foi um dos estrategistas de Trump em sua campanha, e ganhou notoriedade por participar de vários movimentos de direita pelo mundo, inclusive no Brasil. Para Castells (2018, p. 40) a visão de Bannon é:

[...] é criar um movimento popular capaz de se perpetuar no poder por meio de uma política de infraestruturas que proporcione emprego reservado à classe operária branca, uma oposição sistemática à imigração e uma islamofobia institucional que coloque a segurança nacional no centro da política, em contraposição às elites globalizadoras.

Bannon é ex-Vice Presidente da Cambridge Analytica, empresa de análise de dados que faz publicidade especializada e segmentada por perfil, responsável por um escândalo de vazamento e uso de dados de perfis do Facebook para propaganda política, o que acabou influenciando na vitória de Donald Trump, como vimos anteriormente. Segundo Christopher Wylie, um dos cérebros da Cambridge Analytica, em entrevista para o EL PAÍS, o Brexit também não teria ocorrido sem o auxílio da empresa (GUIMÓN, 2018).

Bannon também possui proximidade com diversas outras lideranças de direita no mundo, inclusive da família Bolsonaro, que teve inclusive um representante na festa de aniversário de Steve, em 2018, o deputado Eduardo Bolsonaro. Bannon foi inspiração para a propaganda digital feita na campanha de Jair Bolsonaro, embora negue envolvimento direto com sua eleição (PIRES, 2020).

Outros líderes com proximidade com Bannon são Viktor Orbán, da Hungria, Matteo Salvini, da Itália, e Marine Le Pen, da França. Todos estes, juntamente com Eduardo Bolsonaro, faziam parte do *The Movement*, “articulação criada por Bannon para unir lideranças ultradireitistas mundiais” (PIRES, 2020).

Para Bannon, Salvini e Bolsonaro são os melhores representantes do de um movimento populista, nacionalista e tradicionalista, que tem como base a família tradicional e a guerra contra o “marxismo cultural” (VERDÚ, 2019).

Salvini é de um partido que tem reputação cética quanto à União Europeia, com muitos do partido querendo que a Itália abandone a União, em um movimento parecido com o Brexit. Além disso, possui um discurso forte anti-imigração (BBC, 2019).

Viktor Orbán segue na mesma linha, inclusive afirmando que a imigração de muçulmanos seria uma ameaça para a Europa, transformando-a em “uma Europa com uma população mestiça e nenhum senso de identidade” (BBC, 2019). Segundo Heller (2019):

Orbán se dirige à etnia húngara e, dentro dela, exclusivamente a seus seguidores. Não considera os membros da oposição como húngaros. Em sua opinião, os liberais, os socialistas e os demais membros da oposição traem o país, por exemplo, ao votarem contra a Hungria (ou seja, o Fidesz) no Parlamento Europeu. A essência da ideologia dominante poderia ser resumida da seguinte forma: os húngaros são os melhores, os mais inteligentes, os mais trabalhadores, os mais democratas, e sempre são mal interpretados pelos abomináveis liberais e comunistas.

O discurso empregado por Orbán, portanto, se assemelha de forma clara ao utilizado por Hitler, que foi demonstrado no primeiro capítulo deste trabalho. Ao não considerar seus adversários semelhantes, qualquer ação contra eles se torna válida, nessa lógica. Orbán orquestrou então uma “batalha cultural”, a fim de controlar a produção científica do país para que não se reproduzisse nada além do discurso de seu partido (HELLER, 2019). Esta ação é análoga à planificação das artes feita por Adolf Hitler.

Estas são algumas das lideranças da nova direita que ganharam força pelo mundo. Ainda há países como a Espanha, com o Vox, e a Alemanha, com a Alternativa para a Alemanha (AfD) que possuem uma ascensão nas políticas de direita, principalmente com o discurso anti-imigratório (BBC, 2019). Porém, para além da nova direita, do neoconservadorismo, e do perigo de suas políticas, há a proliferação de células explicitamente nazistas, conhecidas como neonazistas, que defendem de maneira não velada as políticas de Hitler, como veremos a seguir.

2.3 O neonazismo

Nos capítulos anteriores observamos as políticas da nova direita, que são semelhantes às adotadas no período nazista, e servem de trampolim para esse tipo de ideologia. Todas elas são praticadas de forma velada, não escancarando seus

interesses para não afastar o povo dessas medidas e provocar uma resposta contundente das classes mais baixas.

Porém, há também aqueles que praticam e disseminam a ideologia nazista de maneira não velada, conhecidos como neonazistas. Esses grupos, inflamados por políticas alinhadas à extrema direita, vem crescendo e ganhando corpo. Segundo a antropóloga Adriana Abreu Magalhães Dias, que pesquisa a área desde 2002, em 2019 haviam 334 células neonazistas ativas no país (IHU, 2019).

Para Adriana Dias, “A sociedade brasileira está se nazificando. As pessoas que tinham a ideia de supremacia guardada em si viram o recrudescimento da direita e agora estão podendo falar do assunto com certa tranquilidade.” (IHU, 2019).

Na entrevista, Adriana Dias ainda afirma que há uma intenção clara desses grupos em cooptar o homem médio da sociedade, fazendo com que os termos e ideais racistas se tornem difundidos e aceitos pela massa (IHU, 2019). Em sua tese de doutorado, Dias aborda uma peculiaridade dos neonazistas: o negacionismo. Para ela:

Os neonazistas são negacionistas. Negam a historiografia da perseguição dos judeus, a qual ocorreu desde sempre – desde Roma à Inquisição, incluindo o Holocausto – porque é preciso demonizar o judeu, convertê-lo no inimigo conveniente [...] (DIAS, 2018, p. 157).

Essa particularidade pode ser entendida como revisionismo histórico, já que tenta substituir acontecimentos por uma visão particular e enviesada. Segundo Pierre Vidal-Naquet, em seu livro “Os assassinos da memória - ‘Um Eichmann de papel’ e outros ensaios sobre o revisionismo” afirma que “O objetivo da operação é perfeitamente claro: trata-se de privar ideologicamente uma comunidade do que representa sua memória histórica” (1988, p. 40).

Vidal-Naquet ainda alerta sobre a metodologia utilizada para que se possa aplicar o revisionismo na história do Holocausto, que consiste em considerar falso tudo aquilo que convém aos revisionistas, desde depoimentos de judeus a depoimentos dos próprios nazistas, tudo que afirma a existência dessa perseguição e extermínio é ignorado ou reinterpretado (VIDAL-NAQUET, 1988, p. 41-45).

Além disso, os neonazistas não diferem dos nazistas na exaltação do que consideram honrado. Os nazistas exaltavam antigos imperadores ou soldados da Primeira Guerra, os neonazistas vangloriam os feitos dos nazistas. Para enfatizar esse sentimento de nostalgia, destacamos o trecho a seguir:

A música fala de uma certa nostalgia de quando se está na casa dos avós, e eles recordam os “heróis”, entre eles o avô (subtende-se que são nazistas), e como eles deram a vida pelo país, a Alemanha. A música expressa vontade de conhecê-los, ao mesmo tempo em que fala da verdadeira noção de honra, “não importa o que digam, você era um homem bom”, pois deu a vida pela crença, pela Alemanha, pela raça. Essa ancestralidade é evocada pela internauta, que se diz avó e neta de alemães, e demonstra esta identificação com ambos os papéis: a que deseja ser lembrada pelos netos como a que dará a vida pelo resgate da germanidade, e ao mesmo tempo a que vive envolvida nessa atmosfera de saudade, tristeza, ausência, e que sabe da verdadeira verdade “não importa o que se os outros digam” (DIAS, 2018, p. 176).

A formação ideológica desses grupos costuma levar em consideração a composição local. Segundo Dias (2018, p. 170), entre os elementos que costumam compor o neonazismo:

[...] alguns estão presentes em todos os movimentos que podem ser considerados neo-teutônicos virtuais, como a negação do Holocausto, a xenofobia, o antissemitismo, o medo do “genocídio branco” numa “América dominada por judeus”, o racismo e a crença numa Alemanha imaginária, dada não necessariamente por língua ou ancestralidade, mas por aceitação de símbolos e mitos. Por outro lado, alguns elementos, e a forma como esses elementos se articulam, constituem a narrativa de cada grupo neonazista expressa uma particular constituição local: revelam o solo com o qual a narrativa se elaborou, e processo específico que constituiu essa narrativa. Dessa forma, no Brasil, o nordestino sempre foi o elemento a mais ser hostilizado pelos grupos racistas, ao lado dos sempre presentes judeu e negro. O inimigo do ideal neonazista brasileiro, do seu neo-teutonismo virtual particular, são os povos do norte, é a miscigenação. Podemos problematizar, por exemplo, o quanto a erupção do ódio aos nordestinos revela como a narrativa social da extrema direita está mais ou menos presente no discurso político de um grupo local.

Da mesma forma, em alguns lugares dos EUA, o segundo inimigo mais comum é o latino, depois do judeu; em outros, o negro; em outros é o descendente de árabes. As narrativas vão se modificando conforme a espécie de formação narrativa que se constituiu. Não há, portanto, homogeneidade no movimento. Não existe “o neonazista”. Existem grupos, às dezenas, que rompem com suas células de origem, ou surgem por outras “descobertas”, diferentes entre si, com alguns elementos em comum, e diferenças que marcam lugares, posições, distinções.

A mutabilidade neonazista se torna uma característica perigosa, pois facilita a criação de inimigos pontuais a serem combatidos em determinada região, podendo assim ser direcionada para as massas, independentemente de sua composição, se seus líderes desejarem. Quanto à formação desses grupos em solo brasileiro, Dias diz que “hitleristas são a maioria, com 187 grupos, mas há ainda supremacistas brancos, separatistas, negacionistas do Holocausto, Klu Klux Klan, entre outros.” (IHU, 2019).

Dias, em sua tese de doutorado, ainda disserta sobre o elemento de teoria conspiratória carregado pela ideologia neonazista. Segundo Barkun (2003 *apud* DIAS, 2018, p.180-181) há três premissas que definem uma teoria conspiratória: “a premissa

de que nada acontece por acaso; a crença de que nada é o que parece; e a interconexão entre todos os acontecimentos, mesmo em detalhes mínimos”.

Para eles, há uma força judaica que “governa todas as ações governamentais, políticas e econômicas globais” (DIAS, 2018, p. 181). Para enfatizar essa visão, trazemos o trecho a seguir:

Essa força judaica é que determinou, entre outras coisas, a presença dos jovens negros nos esportes, para mexer com as libidos das mulheres brancas e criar espaço para casamentos inter-raciais; a discussão acerca da liberação da homofobia; o feminismo; enfim, tudo que eles consideram “o mal”, ou seja, qualquer força progressista contra seu mundo racial conservador foi engendrada por esse poder judaico mundial (DIAS, 2018, p. 181).

Há uma semelhança metodológica com a criação do “marxismo cultural”, o inimigo onipresente, culpado por todos os acontecimentos indesejados para a extrema-direita. Para Dias (2018, p. 182), com essa amarração metodológica:

[...] o movimento neonazista se arma de tal forma que se torna impossível de ser contestado apenas pela argumentação, porque todas as tentativas de falsificação são julgadas como um ardid do próprio sistema contra o neonazismo. Dessa forma, os participantes se julgam superiores aos demais membros da humanidade por não terem sucumbido aos enganos, por terem detectado uma verdade invisível para os outros. Eles o fizeram por terem sido “escolhidos” para ser brancos pela natureza, tornando-se membros de uma classe especial, civilizatória, e responsável por estabelecer a verdade na Terra: as 14 palavras. A visão de verdade é interiorizada, e sistematicamente repetida nos grupos, incorporada e por fim tornada verdade absoluta.

Essas “14 palavras” citadas acima são um slogan criado por David Lane: “Devemos assegurar a existência de nosso povo e um futuro para as crianças brancas”. Essa frase se tornou um lema fundamental para o neonazismo, estando presente em 98% dos sites neonazistas estudados por Dias (2018, p. 42-43). Lane foi um dos mais importantes teorizadores neonazistas, sendo a sua biografia o centro do trabalho de Dias em sua tese de doutorado. Para Dias (2018, p. 46): “Em grupos neonazis dos Estados Unidos, Lane é adorado como mártir, herói da raça, profeta, Messias.”

Lane se construiu messiamicamente, na necessidade de um povo, assim como os líderes que observamos anteriormente: Hitler, Bolsonaro e Trump. Quanto a essa construção, Dias (2018, p. 59-60) revela:

A insistência de David Lane no aspecto religioso de seu propósito e na “missão da profecia” da Pirâmide Profética tem duas dimensões: a primeira é saciar a necessidade religiosa do público-alvo de suas mensagens, o americano de classe média, branco, hétero, de valores conservadores, com “alma de igreja”. A segunda é dotar a ideologia de uma saída: ao constituí-la como fé, uma legitimação de liberdade se instala. Eles argumentam que não é uma opinião, mas uma crença, uma fé religiosa. A liberdade religiosa dessa

forma poderia ser uma ferramenta de divulgação e proteção, enquanto se emoldura o líder e o neonazismo em tons religiosos.

Dias (2018, p. 62-63) ainda ressalta a característica dogmática dos textos neonazistas, por sua incontestabilidade, e a pobreza de conteúdo destes, feita de maneira proposital, para facilitar a reprodução não criticada de sua ideologia, mecanizando o pensamento de seus adeptos e alienando o pensamento crítico. Pode-se, portanto, observar a reciclagem metodológica advinda da Alemanha nazista, tanto no neonazismo, quanto na nova direita, como pudemos observar nos capítulos anteriores. Para reforçar essa similaridade, destacamos o trecho a seguir:

A dimensão ideológica desse fenômeno deve(ria) ser facilmente desvelada, mas não é. Primeiro, porque o pensamento crítico, vocacionado ao desvelamento dos fenômenos, também é demonizado em toda quadra histórica autoritária. Não por acaso, Bolsonaro chegou a declarar que “ninguém aguentava mais jovens com pensamento crítico”. Segundo, porque a ignorância, que é da essência da ideologia e da correlata zumbificação, precisa ser preservada para assegurar o posterior perdão pela forma como os sujeitos agem. Tal qual na passagem bíblica, as pessoas esperam ser perdoadas “porque não sabem o que fazem” (CASARA, 2020, p. 65).

Para enfatizar mais uma das semelhanças do neonazismo com a política da nova direita, bem como com a do próprio nazismo, trazemos o exemplo da Ucrânia. O país em questão passou por um processo de instabilidade política devido a pressões do país vizinho, a Rússia, culminando em conflitos violentos. Em entrevista à BBC, Odilon Caldeira Neto, professor de história contemporânea da Universidade Federal de Juiz de Fora, afirma que “Esse momento de insurgência e instabilidade do país potencializou a organização e o fortalecimento de grupos de extrema-direita nacionalista” (MORI, 2020).

Esse processo de ruptura não foi essencialmente neofascista, mas o momento de crise democrática permitiu que grupos mais radicais ganhassem destaque (MORI, 2020), o que, conforme observamos anteriormente neste trabalho, é comum taticamente à direita.

A associação dos acontecimentos ucranianos com o neonazismo passa por outra das particularidades dele: a ressignificação de símbolos. Após observar uma bandeira associada ao partido e grupo paramilitar de extrema-direita Pravy Sektor, ultranacionalista, em um protesto a favor do presidente Jair Bolsonaro, a antropóloga Adriana Dias, em entrevista à BBC, alertou sobre essa particularidade, dizendo que “A direita no mundo tem feito isso, de usar os símbolos da nação como se fossem dela” (MORI, 2020).

Sendo assim, a importação desses símbolos nacionalistas para o Brasil revela um desejo de adaptar táticas, principalmente militares, utilizadas na ascensão de outros grupos de extrema-direita pelo mundo, recriando experiências nacionalistas como esta da Ucrânia (MORI, 2020).

Portanto, há de se observar a movimentação desses grupos neonazistas, bem como há a necessidade de se organizar e trabalhar para que não se criem ambientes férteis para suas ideologias. Porém, devemos nos atentar para a similaridade ideológica com as políticas da nova direita, evitando assim a normalização do neonazismo como uma agenda aceitável.

3 Comunicação: mídia, propaganda, política e poder

Para se garantir o sucesso de uma ideologia, é preciso controlar todo o aparelho ideológico de Estado (AIE). Louis Althusser, em seu livro “Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado”, afirma que “A partir do que sabemos, nenhuma classe pode duravelmente deter o poder de Estado sem exercer simultaneamente a sua hegemonia sobre e nos Aparelhos Ideológicos de Estado” (ALTHUSSER, 1980, p. 49). Os AIE são instituições que possuem grande influência na formação ideológica dos indivíduos de uma massa, sendo elas: a religião, a escola, a família, o sistema jurídico, o sistema político, o sistema sindical, o sistema de informação (imprensa, mídias) e o sistema cultural (artes, esportes, literatura) (ALTHUSSER, 1980, p. 43-44).

Para exemplificar, podemos traçar paralelos entre as ações de Hitler e da nova direita para o controle desses aparelhos. Sobre a relação de Hitler com a religião, Rees (2012, p. 83) fala:

Em conversa com Ludendorff, anos antes, ele (Hitler) disse: “Eu preciso dos católicos bávaros, tanto quanto dos protestantes prussianos, para construir um grande movimento político. O resto vem depois.” Se Hitler tivesse distanciado demais o seu movimento do cristianismo é impossível ver como ele teria sido bem-sucedido em uma eleição livre. Conseqüentemente, esse relacionamento em público com o cristianismo – na verdade, seu relacionamento com a “religião”, de maneira geral – era oportunista.

Na nova direita, podemos observar os acordos feitos com a “bancada da Bíblia” do Congresso Brasileiro, por parte do presidente Jair Bolsonaro. Mesmo vetando o perdão das dívidas das igrejas, afirmou através da Secretaria-Geral da Presidência que era favorável ao projeto, mas que não poderia aprová-lo por conta da inconstitucionalidade dele, fazendo jogo duplo e mantendo sua força política junto a essa bancada de religiosos (CAMAROTTI, 2020).

Outro exemplo é o controle da pesquisa científica feito por Viktor Orbán na Hungria, afirmando que “A pesquisa científica precisa ser controlada pelo Estado, pois do contrário os cientistas não saberão quais devem ser as prioridades nem o que é mais útil” (HELLER, 2019). O paralelo nazista pode ser observado nas linhas seguintes:

Muito rapidamente, os recém-nazificados ministérios da Educação tornaram os critérios políticos centrais não só para nomeações, mas também para ensino e pesquisa. O ministro da Educação do Reich, Bernhard Rust, reservou poderes majestáticos para si mesmo nessa área. O ministro da Cultura bávaro falou a um grupo de professores reunidos em Munique em

1933: “De agora em diante, não cabe a vocês decidir se uma coisa é verdadeira ou não, mas se é favorável à revolução nacional-socialista” (EVANS, 2010, p. 451).

Os trechos servem como exemplo da importância que o controle dos AIE possui na manutenção e disseminação de uma ideologia. Assim também é com a mídia, e, por consequência, a propaganda. No decorrer do trabalho pudemos observar a importância do controle ou apoio midiático na afirmação das políticas da extrema-direita. A propaganda e a persuasão fazem parte dos maiores esforços desse espectro político desde a Alemanha de Hitler, conforme ele mesmo demonstrava.

Quando eu me juntei ao Partido dos Trabalhadores Alemães, eu imediatamente tomei conta de toda a propaganda. Eu sabia que era a área mais importante no momento. No início não era necessário ocupar o cérebro com problemas organizacionais, e sim era importante espalhar as ideias do movimento para um alto número de pessoas. A propaganda deve vir antes dos detalhes de organização de um movimento, para que se possa ter o número de pessoas necessárias para construir essa organização (HITLER, 2009, p. 392, tradução nossa).

Em seu livro “Mídia: Teoria e Política”, Venício A. Lima propõe alguns modelos teóricos de abordagem para os estudos das comunicações, entre efeitos e funções possíveis para ela. Dentre esses modelos, destacamos dois: a manipulação e a persuasão. O primeiro deles supõe uma comunicação todo-poderosa, além da vulnerabilidade da massa a essas mensagens manipuladoras. Esse modelo foi superado por não levar em conta o receptor como personagem ativo do processo comunicacional (LIMA, 2001, p. 41-42).

Já o segundo modelo, o de persuasão, trabalha a influência da comunicação na formação do sujeito, além de atribuir à comunicação o efeito de convencer sobre uma ideia (LIMA, 2001, p. 42). Esse é exatamente o efeito que Hitler buscava exercer nas pessoas, não manipulando-as, mas convencendo-as de que sua ideologia era correta. Para afirmar essa visão, destacamos as palavras do próprio Adolf Hitler (1942 *apud* REES, 2012, p. 6): “Toda a minha vida pode ser resumida a esse meu esforço incessante de persuadir outras pessoas”.

Para Hall (1989, p.43 *apud* LIMA, 2001, p. 31):

[a comunicação] está inevitavelmente ligada ao sucesso, à eficácia ou à ineficácia, das teorias da formação social como um todo, porque é neste contexto que deve ser teorizado o lugar da comunicação no mundo social moderno [...] a comunicação moderna não pode ser conceituada como externa ao campo das estruturas e práticas sociais porque [a comunicação] é, cada vez mais internamente constitutiva delas. Hoje, as instituições e relações comunicativas definem e constroem o social; elas ajudam a construir o político; elas medeiam as relações econômicas produtivas; elas se tornaram 'uma força material' nos modernos sistemas industriais; elas definem a própria tecnologia; [e] elas dominam o cultural.

A propaganda como método de construção da subjetividade de uma massa foi algo que Hitler realizou com maestria. Para ele, “o uso correto da propaganda era uma verdadeira arte” (2009, p. 114). Hitler (2009, p. 116-118) julgava que a propaganda devia ser simples, feita para as massas e redundante. Além disso, a propaganda de guerra deveria ter um caráter psicológico, pintando brutalidade em seus inimigos. Esse método, Hitler perpetuou em seu projeto político.

Os judeus trabalham de forma incansável para corromper mulheres e meninas, para assim quebrar as barreiras impostas pelo sangue, numa escala ainda maior. Foram os judeus que trouxeram os negros para o Reno. O motivo de eles terem feito isso é claro, e suas intenções são sempre as mesmas. Eles almejam destruir a raça branca, a qual eles tanto odeiam, através da bastardização. Eles continuam a trazer os negros como uma inundação para forçar a mistura das raças. Essa deturpação tem como objetivo colocar um fim na cultura e política branca, para assim os judeus elevarem suas raízes como mestres. Um povo de raça pura, com consciência do seu sangue, jamais poderá ser derrotado pelos judeus. Nesse mundo os judeus podem ser mestres apenas de bastardos. Por esses motivos eles continuarão tentando diminuir a qualidade racial envenenando indivíduos de raça pura. (HITLER, 2009, p. 216, tradução nossa).

Noam Chomsky, em seu livro “Mídia: Propaganda política e manipulação”, fala sobre essa metodologia da utilização da comunicação para a criação de um inimigo. Nesse sentido, bastante ilustrativa é a passagem seguinte:

É necessário, também, falsificar completamente a história. Essa é outra maneira de superar as tais restrições doentias: passar a impressão de que quando atacamos e destruimos alguém, na verdade estamos nos protegendo e nos defendendo de agressores e monstros perigosos, e assim por diante (CHOMSKY, 2014, p. 17).

Para Hitler (2009, p. 393-394), a “Propaganda tenta impor uma ideia para um povo como um todo e prepará-lo para o momento em que essa ideia for vitoriosa”. Segundo Chomsky (2014, p. 7):

[...] a propaganda política patrocinada pelo Estado, quando apoiada pelas classes instruídas e quando não existe espaço para contestá-la, pode ter consequências importantes. Foi uma lição aprendida por Hitler e por muitos outros e que tem sido adotada até os dias de hoje.

Além disso, Chomsky (2014, p. 15) diz que é necessária muita propaganda para que uma população seja instigada a aceitar as atitudes de seu governo, sem questionamento. Esse trabalho, ele confere às relações públicas, a função de construir consenso, ou seja, “obter a concordância do povo a respeito de assuntos sobre os quais ele não estava de acordo por meio das novas técnicas de propaganda política” (CHOMSKY, 2014, p. 8).

Para facilitar todo esse controle, o processo de oligopolização das mídias, na mão da classe dominante, se torna essencial. Um estudo realizado pela LAFIS afirma que:

Quatro ou cinco grupos dominarão todas as formas de mídia concebíveis, da imprensa tradicional à internet, passando por cinema, rádio, televisão, videogames, não só nos Estados Unidos como provavelmente em todo o mundo [...] Isso é a aceleração de um processo triste e bem familiar: a consolidação vertical e horizontal das diferentes formas de mídia, resultando em uma simbiose cada vez maior com o poder político e econômico, diluição de conteúdo e autocensura (LAFIS - Pesquisa e Investimento em Ações na América Latina, Carta Capital, nº 116, 16/2/2000, p. 68-71 *apud* LIMA, 2001, p. 94).

Para Lima (2001, p. 106-110), além do monopólio familiar que possuíam as emissoras, as concessões de radiodifusão brasileiras serviam de moeda de troca política, sendo grande parte das emissoras de rádio e televisão controladas por políticos. Esse tipo de negociação abre espaço para que as emissoras continuem afirmando o poder das classes dominantes, conforme previra Chomsky.

Segundo Lima (2001, p. 113) a construção da subjetividade, da realidade de um povo e do seu capital social e intelectual depende cada vez mais da mídia, mais do que dos outros AIE, como escolas, famílias e igrejas. Exatamente por isso pode-se observar um movimento de ocupação das igrejas na mídia tradicional, conforme mostra Lima (2001, p. 110-111), focando no crescimento da TV Record, que, após ser comprada pela Igreja Universal do Reino de Deus, de uma emissora pequena, restrita à São Paulo, regiões do Rio de Janeiro, e regiões metropolitanas de Belo Horizonte e Manaus, passou a estar presente em cerca de 90% do território brasileiro, no período de 1994 a 1998.

A visão sobre o controle midiático não deve parar simplesmente no domínio repressivo de uma mídia censurada, ou na absorção sistêmica da mídia como um de seus aparatos de repressão, conforme fez Adolf Hitler, devendo ser observado também o alinhamento da mídia independente com o *establishment* político e econômico. Um dos principais atores políticos do Brasil, e um dos principais oligopólios midiáticos do mundo, é representado na figura da Rede Globo. Lima (2001, p. 142-143) afirma que, no período de transição entre a ditadura militar e a democracia, entre 1982 e 1985, a Rede Globo ativamente distorceu, omitiu, ou promoveu informações políticas importantes, com objetivos políticos. Para enfatizar essa visão, salientamos o trecho a seguir:

Apresentaremos o papel político ativo da Rede Globo nas seguintes situações concretas: (1) informação sabidamente falsa foi promovida como parte de um

boicote contra Leonel Brizola. Brizola, proeminente figura política nos anos anteriores ao movimento militar de 1964, foi anistiado em 1979 e participou, como candidato, nas eleições para governador do Rio de Janeiro em 1982, quando o boicote aconteceu; (2) cobertura jornalística distorcida foi realizada por ocasião da primeira greve na história brasileira de trabalhadores de uma refinaria de petróleo da Petrobras, em junho de 1983; e (3) omissão deliberada de informação aconteceu por ocasião da campanha das Diretas Já, cujo objetivo era a volta das eleições diretas para presidente da República, no primeiro semestre de 1984.

É preciso salientar que esses três casos de distorção, omissão ou promoção de informação ocorreram durante o processo de liberalização do regime autoritário, quando a censura direta do Estado já havia sido totalmente banida da mídia (LIMA, 2001, p. 144-145).

Os casos levantados são apurados por Lima (2001). Quanto ao primeiro, a Rede Globo promoveu uma campanha para iludir os eleitores quanto ao número de votos de Brizola, para preparar o terreno para uma fraude eleitoral que impediria a eleição do então candidato (LIMA, 2001, p. 146-149). O segundo caso trata da cobertura enviesada da greve, chegando um dos editores do Jornal Nacional a declarar “Aqui na Globo os bandidos não têm voz” (RAMOS, 1983, p. 35 *apud* LIMA, 2001, p. 150). Para Lima, estava claro que os bandidos eram os grevistas, explicitando o viés da cobertura (LIMA, 2001, p. 149-150).

Porém, é no terceiro caso que conseguimos observar que o alinhamento com as estruturas de poder pode conferir à mídia um papel de controle. O movimento “Diretas Já”, em seus primeiros comícios, foi ignorado deliberadamente pela Rede Globo, mesmo levando para as ruas 50 mil pessoas já em seu primeiro ato, realizado na cidade de Curitiba, ou minimizado de outras formas, como o protesto do aniversário de São Paulo, que mesmo levando de 250 a 300 mil pessoas para o protesto, passava no Jornal Nacional de forma limitada (LIMA, 2001, p. 152).

A Rede Globo passou a cobrir efetivamente os eventos das “Diretas Já” apenas duas semanas antes da votação da emenda constitucional, após diversas manifestações contra ela durante os protestos, com cartazes de “Abaixo a Rede Globo”, mostrando que ela havia entrado em conflito com seu próprio público, e poderia perder audiência e, por consequência, lucros (LIMA, 2001, p. 152-154).

Contudo, o conflito com o seu público não foi a única razão da ruptura da Rede Globo com a classe política vigente na época. Para Lima, a emissora teve um crescimento vertiginoso no período ditatorial, se tornando um “virtual monopólio” midiático (2001, p. 155-165) e sendo “indispensável como portadora de uma mensagem nacional de otimismo desenvolvimentista, fundamental para dar sustentação e legitimação à hegemonia do autoritarismo” (LIMA, 2001, p. 161).

Mesmo assim, ao romper com o regime autoritário por desacordos políticos, a emissora logo tratou de se alinhar ao novo *establishment* político, se encontrando com Tancredo Neves, último presidente eleito indiretamente no Brasil, e ganhando cargos no Ministério das Comunicações e na Secretaria de Imprensa (LIMA, 153-154). Com esse movimento, segundo Lima (2001, p. 171), “A Rede Globo assumia, então, a liderança no processo de legitimação da nova articulação de forças que formaria o novo ‘bloco histórico’”.

Para Dênis de Moraes, Ignacio Ramonet e Pascual Serrano, em seu livro “Mídia, Poder e Contrapoder: da concentração monopólica à democratização da informação”:

[...] Então, os conglomerados midiáticos são grandes atores do mercado e, ao mesmo tempo, sua missão é difundir ideologias disfarçadas de informação - “ideologia” talvez seja uma palavra politizada, digamos que promovem uma visão de mundo, uma maquete do mundo, um mundo ideal. De maneira geral, é isso que os meios de comunicação fazem (MORAES; RAMONET; SERRANO. 2013, p. 63).

Para Moraes, Ramonet e Serrano (2013, p. 63) a mercantilização das comunicações constrói uma impossibilidade de crítica ao neoliberalismo por parte dos conglomerados midiáticos, já que eles são parte desse sistema. Atualmente, o alinhamento da mídia com o poder vigente, no caso, o neoliberalismo mercadológico, pode ser exemplificado na “política do escândalo” adotada pela mídia brasileira quanto à questão do combate à corrupção, conforme demonstramos anteriormente. Para Moraes, Ramonet e Serrano (2013, p. 75):

É claro que esses meios de comunicação apoiarão todos os políticos que propuserem mais poder para o mercado e menos para os cidadãos. Os jornais, os canais de televisão e as rádios, com seus colunistas, seus editoriais, suas reportagens por encomenda e suas informações manipuladas, lançar-se-ão como hienas contra qualquer um que ousar atentar contra os privilégios do mercado, pois foram criados para defendê-lo. E o mais grave: chamarão isso de liberdade de imprensa.

Mas, dicotomizando a política de forma maniqueísta, a mídia auxiliou no avanço das figuras da extrema-direita, e não da direita moderada neoliberal, como previram. Deve-se cuidar para que as ações midiáticas não mais promovam a aceitação do sistema vigente ou a normalização do absurdo, legitimando projetos essencialmente nazifascistas ou fornecendo ao seus porta-vozes o palanque necessário para sua divulgação.

Por fim, é necessário falar sobre essa divulgação sob uma ótica: a liberdade de expressão. Portais de extrema-direita se apoiam nesse direito constitucional para dar

voz à políticas extremamente nocivas e ao discurso de ódio, alegando censura quando têm seus canais boicotados ou cancelados por violações dos termos de uso das plataformas em que estão inseridos (DE PIERI, 2021).

Para Riva Sobrado de Freitas e Matheus Felipe de Castro, a liberdade de expressão, quando inserida em um contexto liberal, é um direito de maior hierarquia, sobrepondo-se a outros valores constitucionais sem restrições. Aos ofendidos, resta tolerar as ofensas em nome da democracia (FREITAS; CASTRO. 2013, p. 352).

Já quando tutelada pelo Estado Social, a liberdade de expressão tem de ser um direito delimitado, já que o discurso de ódio advindo da forma irrestrita dessa liberdade tem por objetivo segregar e calar minorias (FREITAS; CASTRO. 2013, p. 351-352).

Para enfatizar essa visão, Freitas e Castro (2013, p. 344) afirmam que:

[...] o paradigma estatal de intervenção, dentro de uma perspectiva de inclusão, seria ideologicamente incompatível com a proteção do discurso do ódio, na medida em que tal manifestação é em essência segregacionista e tem por objetivo humilhar e calar a expressão das minorias.

Portanto, cabe ao Estado a vigília e a garantia da delimitação desse direito, a fim de proteger as minorias que estão sob sua responsabilidade, fugindo da lógica liberal de ilimitação da liberdade de expressão. Mas, não é sempre isso que acontece, como no caso Ellwanger, onde o Supremo Tribunal Federal fez uma leitura liberal e seletiva para a não condenação de um acusado de propagar discurso de ódio, Siegfried Ellwanger, autor de livros como “Holocausto Judeu ou Alemão?” e “Nos bastidores da mentira” (FREITAS; CASTRO. 2013, p. 350-351).

Dessa forma, sem o devido cuidado, a comunicação toma contornos de aparelho repressivo do Estado, garantindo a perpetuação do poder dominante e a segregação de parte do povo, através de políticas e ações que garantam a propagação do discurso de ódio. Devemos, então, nos atentar para que a comunicação não cumpra esse papel, e sim exerça uma função construtiva no capital social - entendendo o capital social como a “soma de recursos” disponibilizada pela rede de contatos de um indivíduo, segundo Bordieu (1983 *apud* RECUERO, 2012, p. 599) - e na subjetividade de cada indivíduo como pessoa e cidadão.

4 Metodologia e Análise

4.1 Metodologia

A análise de conteúdo é, em sua essência, um conjunto de instrumentos metodológicos que pode ser utilizado nos mais diferentes campos de conhecimento, como na sociologia, na psicologia, na literatura, na política e também na comunicação de massa. Essa metodologia se encontra “em constante aperfeiçoamento, vem sendo utilizado, pelo menos, desde o século XVIII” (FONSECA JÚNIOR, 2009, p. 280).

Durante muito tempo, no século XX, ela se desenvolveu nos Estados Unidos, época em que o método obteve destaque por causa do seu rigor científico na análise de propaganda subversiva dos meios de comunicação de massa, no contexto da Segunda Guerra Mundial. Devido à herança positivista, a análise do conteúdo ficou sendo conhecida, por muito tempo, como uma técnica de investigação que tinha apenas “por finalidade a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação” (BARDIN, 1977, p. 20), tanto que o método sofreu muitas críticas por causa do seu caráter meramente descritivo e cientificista, características que segundo alguns pesquisadores “não permitiria uma aproximação crítica-ideológica suficiente dos meios de comunicação de massa” (FONSECA JÚNIOR, 2009, p. 281).

Entretanto, como argumenta Bardin (1977), “a análise do conteúdo já não é considerada exclusivamente com um alcance descritivo (cf. os inventários dos jornais do princípio do século), pelo contrário, toma-se consciência de que a sua função ou seu objetivo é a inferência” (BARDIN, 1977, p. 23). De acordo com Bardin (1977), a inferência (dedução lógica) é um dos momentos mais férteis da análise de conteúdo, uma vez que, por meio dela, o pesquisador faz uso de operações lógicas a fim de obter conhecimentos que estão implícitos nas mensagens analisadas.

Fonseca Júnior (2009) define muito bem a inferência quando a considera uma “operação lógica destinada a extrair conhecimentos sobre os aspectos latentes da mensagem analisada” (FONSECA JUNIOR, 2009, p. 284). Nas palavras de Bardin (1977), “a intenção da análise do conteúdo é a inferência de conhecimento relativo às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não)” (BARDIN, 1977, p. 40).

Levando em conta o processo descritivo e inferencial, a análise do conteúdo reside basicamente em duas articulações: a da superfície dos textos (parte descritiva da análise, em que levanta as características de análise) e os fatores que determinam as características, feito por meio da dedução lógica. A análise de conteúdo se ancora em três procedimentos: a descrição, a inferência (crítica) e a interpretação.

Diante desses procedimentos, a análise do conteúdo tem como objetivo a superação da incerteza (comprovar se os dados extraídos da mensagem estão contidos nela, podendo ser comprovados por outros) e o enriquecimento da leitura (parte do princípio de que uma leitura atenta dos materiais aumenta a produtividade e a pertinência do estudo).

Além disso, Bardin (1977) atribui a ela duas funções: a heurística e de administração da prova. Sendo que a primeira se desenvolve no “para ver o que dá”, já que a “análise do conteúdo enriquece a tentativa exploratória”, aumentando a proporção para a descoberta. Enquanto o segundo ancora-se no “para servir de prova”, isto é, “hipóteses sob a forma de questões ou de afirmações provisórias”, que servirão de diretrizes e “apelarão para o método de análise sistemática para serem verificadas no sentido de uma confirmação ou de uma informação” (Bardin, 1977, p. 31). De uma forma resumida, a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (Bardin, 1977, p. 44).

A análise de conteúdo pode ser dividida em três fases: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados. Para Fonseca Junior (2009), a pré-análise é uma das etapas mais importantes, pois “consiste no planejamento do trabalho a ser elaborado, procurando sistematizar as ideias iniciais com o desenvolvimento de operações sucessivas” (FONSECA JUNIOR, 2009, p. 290). Nela, devem ser feitas “a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final” (BARDIN, 1977, p. 95). Para isso, conta-se com subfases metodológicas, a começar pela leitura flutuante dos documentos a serem analisados, visando conhecê-los e “deixando-se invadir por impressões e orientações” (FONSECA JUNIOR, 2009, p. 290). A partir destas primeiras impressões, a escolha dos documentos que irão constituir o corpus de pesquisa pode ser realizada, seguindo

sempre certas regras, listadas por Bardin (1977, p. 97-98): a regra da exaustividade (todos os documentos relativos ao assunto pesquisado, no período escolhido, devem ser considerados), a da representatividade (caso o material permita, a análise pode ser efetuada com uma amostra de 60), a da homogeneidade (os documentos tem que ser da mesma natureza, do mesmo gênero ou se reportarem ao mesmo assunto) e da pertinência (o corpus precisa ser adequado ao objetivo da pesquisa).

Levando em consideração as colocações anteriores criamos quatro categorias que serão desenvolvidas e exploradas, tendo como referência os discursos propostos por Adolf Hitler, sendo elas: ódio e preconceito, ultra nacionalismo, propaganda e mídias, e anticomunismo. O procedimento seguido será o de comprovar, nas falas do próprio Hitler, a abordagem de cada uma dessas categorias. Para tanto trazemos citações de Hitler para ver como ele entende cada uma das categorias propostas e que consideramos mais relevantes nos seus pronunciamentos e textos escritos aos quais já fizemos referência neste trabalho. Posteriormente será feito um paralelo com o conteúdo dos discursos do atual presidente da república do Brasil Jair Messias Bolsonaro, durante sua candidatura e mandato. A partir disso esse trabalho seguirá 4 etapas a seguir:

1ª etapa: Introdução às categorias;

2ª etapa: Categorização;

3ª etapa: Análise e resultados;

4ª etapa: Comparação com as ideias de Jair Bolsonaro.

A seguir, este capítulo tratará da aplicação da metodologia descrita anteriormente, realizando a categorização e a análise do conteúdo nazista, bem como sua comparação com as ideias de Jair Bolsonaro.

4.2 Introdução às categorias

Hitler, durante toda sua trajetória política, enfatizou a importância da propaganda e do controle da mídia para se obter sucesso na disseminação de seu discurso, discurso esse que pregava a supremacia de uma raça perante outras, o antissemitismo e o anticomunismo. 1921 foi um ano marcante para o ditador alemão, pois foi quando ele se juntou ao Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, e imediatamente assumiu o comando do departamento de propaganda do

partido. Hitler, neste momento buscava propagar seus ideais para o maior número possível de pessoas.

Em 1933, o regime nazista se estabelece na Alemanha, com isso Hitler coloca Joseph Goebbels como ministro da propaganda do Reich. Goebbels então cria uma imagem do Führer como se ele algo próximo de um mito, um ser intocável que veio para salvar o povo alemão, evidenciado por essa frase do ministro.

através da criação do mito do Führer, Hitler tinha recebido a áurea da infalibilidade, e o resultado era a mudança de muitos que olhavam interrogativos para o partido, após 1933, e agora tinham total confiança em Hitler (REES, p. 57, 2012).

A propaganda do partido era feita através de todos os sistemas midiáticos de que o regime tinha controle como imprensa, materiais didáticos, rádio, filmes, livros, peças de teatro, artes e música. Goebbels destacava que para a propaganda ser efetiva ela deveria ser natural e tinha que entreter seu público, de forma alguma podendo ser tediosa, dessa maneira se criava um laço de carisma entre o povo e o partido.

Para Hitler, a propaganda sempre se tratou de um sistema para controle da população, não deve ter o papel de educar, mas apenas mostrar o que seja do interesse do partido

É responsabilidade da propaganda enfatizar exclusivamente a causa representada e não avaliar outras causas. Não deve ser explorado nenhuma verdade que favoreça o outro lado ou que tenda razoavelmente as opções, e então apresentar às massas uma doutrina estrita. Não deve discutir assuntos baseados em leis teóricas da justiça. Propaganda deve se esforçar constantemente para apresentar apenas o aspecto da verdade que é favorável para o seu lado (HITLER, p. 118, 2009, tradução nossa).

O regime se utilizou da propaganda, durante toda sua existência, para mobilizar o povo alemão de acordo com seus interesses, e se mostrou muito eficiente, criando a imagem de um salvador, da soberania de seu povo e de dois inimigos em comum que deveriam ser erradicados, judeus e comunistas.

O idealismo do terceiro Reich, proposto por Hitler em suas propagandas, era reconstruir e transformar o Estado Alemão em uma potência, através de uma política de pangermanismo e da perspectiva do *Lebensraum* (espaço-vital), em que de acordo com o ditador (2009) era necessário a ampliação das fronteiras alemãs no leste europeu para manter a união de seu povo, e subjugar as raças inferiores (não civilizadas) que faziam fronteira com a Alemanha, para que as mesmas não dominassem seu território. “O caminho que o ariano deve seguir estava claramente

marcado. Como conquistador, ele derrotou os povos inferiores e controlou seu trabalho físico, sob suas ordens, de acordo com sua vontade e seus propósitos”. (HITLER, 2009, p. 195)

Para Hitler, era necessário criar um sentimento de amor à pátria, de pertencimento nacional dos alemães

A melhor proteção não são armas, mas cidadãos. Muros fortificados não irão defender o Estado; este pode apenas ser salvo por muros vivos de homens e mulheres que estão imbuídos de um sentimento de amor supremo sobre a pátria e um entusiasmo nacionalista fanático (HITLER, 2009, p. 287).

Essa ideia de soberania do Estado Alemão foi desenvolvida na concepção chamada de *Volksgemeinschaft* (“comunidade do povo”) que nada mais era do que a unificação da raça através da pureza do sangue, criando uma “consciência racial” na população. Era necessário então expulsar aqueles considerados impuros e inferiores do território alemão. Através de uma visão distorcida e falsa da teoria da evolução das espécies de Charles Darwin (Darwinismo social) de que uma raça é superior a outra, Hitler expõe todo seu ódio, com uma teoria incorreta sobre o povo judeu, transformando-os no principal inimigo da Alemanha.

Culturalmente o judeu corrompe a arte, a literatura e o teatro. Ele zomba do sentimento nacional, perturba todas as ideias de beleza, nobreza, idealismo e qualquer coisa boa. Ele arrasta as pessoas para o reino de sua própria natureza inferior. A religião se torna ridícula e a moral e decência são representadas como obsoletas. Ele continua com seu ataque até que o último suporte nacional repouse, o qual a nação precisa lutar pela sobrevivência neste mundo. (HITLER, p. 217 ,2009)

O outro inimigo maior do regime eram os marxistas, que para Hitler estava diretamente associada aos judeus, estes considerados pelo nazismo como corruptos, maus-caracteres e que desprezavam o patriotismo e o sentimento de soberania nacional. Para Hitler (2009) não se tratava de uma ideia política, mas de uma doutrina que iria levar a destruição da humanidade.

A doutrina judaica do marxismo nega o nobre objetivo da natureza e coloca massas de peso morto no lugar eterno privilégio de força e poder. Ela nega o valor da personalidade no homem, contesta a importância da nação e da raça e priva a humanidade do essencial de sua sobrevivência e civilização. Como fundamento do universo, o marxismo seria o fim de qualquer ordem concebível ao homem. (HITLER, 2009, p. 45).

A criação das categorias foi feita para analisar de forma qualitativa o discurso proposto por Hitler, e as categorias foram separadas em trechos que demonstram coerência para comprovar tais discursos, e, a partir disso, analisá-los e compará-los com o discurso proposto pela nova extrema-direita, representada na figura de Jair Bolsonaro. Dessa forma, essa análise pretende definir as proximidades da nova

extrema-direita com o nazismo, bem como os métodos utilizados para a propagação dessa ideologia atualmente.

4.3 Categorização

4.3.1 Ódio e preconceito:

Adolf Hitler foi, à primeira vista, o líder mais improvável de um Estado sofisticado, no coração da Europa. Ele era incapaz de cultivar amizades humanas normais, incapaz de discutir intelectualmente, transbordava ódio e preconceito, era um “solitário”, desprovido de qualquer capacidade real de amar. Enquanto figura humana, “ele foi, sem dúvida, lamentável”. No entanto, exerceu o papel mais importante em três das mais devastadoras decisões já tomadas: a de invadir a Polônia, que levou à Segunda Guerra Mundial; a de invadir a União Soviética; e a decisão de assassinar os judeus (REES, 2012, p. 6).

Sua característica mais predominante era sua capacidade de odiar. “Ele era de mal com o mundo”, escreveu August Kubizek, que o hospedara na Áustria vários anos antes. “Para qualquer lugar que ele olhasse, só via injustiça, ódio e hostilidade. Nada escapava de sua crítica, lhe caía bem aos olhos... Asfixiado por sua lista de ódios, ele despejava a fúria em tudo, a humanidade como um todo, que não o compreendia, não o valorizava e o perseguia.” (REES, 2012, p. 10).

No entanto, apenas alguns meses depois, no outono daquele ano, quando Hitler escreveu seu primeiro manifesto político, o conteúdo transbordava ódio contra os judeus e é inteiramente compatível com as visões que ele expressaria pelo resto de sua vida (REES, 2012, p. 14).

Muitos dos pontos de vista de Hitler agora eram reconhecidos, como os do futuro Führer do povo alemão. Em 16 de setembro de 1919, por exemplo, ele escreveu, a pedido do capitão Mayr, uma declaração antissemita terrivelmente odiosa. Ele disse que os judeus “geravam uma tuberculose racial entre as nações” e que o objetivo tinha de ser a “remoção total dos judeus” da Alemanha (REES, 2012, p. 16).

Para Hitler, o oponente-chave nessa luta pela supremacia racial era o judeu. Mein Kampf transpira animosidade em quase todos os parágrafos, mas o volume opressor de ódio é dirigido aos judeus. “Ele (o judeu) continua sendo o típico parasita”, escreve Hitler, “um sugador que, assim como um bacilo repulsivo, continua se espalhando, assim que um meio favorável o convida” (REES, 2012, p. 42).

Conforme Hitler descobriu, é muito mais fácil para os líderes carismáticos se definirem por quem eles odeiam do que pelo que acreditam (REES, 2012, p. 93).

Hitler também percebeu o valor de focar em um único inimigo. Como ele escreveu em Mein Kampf: “Cabe ao gênio de um grande líder tornar até os adversários muito distantes uns dos outros, aparentar pertencerem a uma única categoria... a multiplicidade de adversários precisa ser sempre combinada de modo que, aos olhos da massa de apoiadores, a luta seja

dirigida contra apenas um inimigo. Isso fortalece a fé no próprio direito e enfatiza o ódio contra aqueles que o atacam (REES, 2012, p. 93).

Então, Hitler conseguiu pegar essa ideia de “inimigo único” e dar uma reviravolta – ele entremeou seu ódio pelos judeus com o ódio pelo regime de Stalin, na União Soviética, no intuito de criar um inimigo gigante. Em um discurso em Nuremberg, em 13 de setembro de 1937, ele disse explicitamente que o “mundo enfrentava um ataque geral abrangente”, em escala épica, um ataque que era liderado pelos “governadores do bolchevismo judaico de Moscou” (REES, 2012, p. 94).

Mesmo antes da violência da Kristallnacht, a Das Schwarze Korps, revista oficial da SS, tinha publicado artigos que davam voz ao ódio extremo contra os judeus. E uma semana após os horrores de 9 e 10 de novembro, um artigo intitulado “Esse bando é pior!” evocava abertamente retaliações coletivas contra os judeus, e revela uma mentalidade que mais tarde ajudaria a criar os campos de concentração: “Ai dos judeus, se apenas um deles, ou um de seus cúmplices contratados e cheios de ódio como eles, sequer erguer a mão assassina contra um alemão! Não apenas um (dos judeus) será responsável por um alemão morto ou ferido, mas todos serão (REES, 2012, p. 119).

Hans Friedrich, um soldado da 1ª Infantaria da Brigada, que pessoalmente fuzilou judeus no outono de 1941, se sentia apto a dizer, mais de 60 anos depois, que ele não tinha sentimentos pelos judeus que matou porque seu “ódio aos judeus era grande demais” (REES, 2012, p. 213).

Ele extravasou suas visões antissemitas vorazes particularmente em discursos, ligando os judeus aos bolchevistas, e à revolução de Munique. Isso não chegava a ser uma reflexão original, pois era comum entre os extremistas de direita da Alemanha, na época, e foi a origem de boa parte do preconceito antissemita disseminado no rastro da Primeira Guerra (REES, 2012, p. 16).

Ao criarem ambientes populosos, imundos e repletos de doenças nos guetos poloneses, os nazistas puderam então indicar a forma angustiante em que viviam os judeus, como prova para respaldar seu próprio preconceito contra eles (REES, 2012, p. 114).

Foi aí que vi dois perigos se aproximando. Anteriormente, eu não entendia completamente a importância desses dois nomes para a existência do povo alemão. Os nomes são Marxismo e Judaísmo (HITLER, 2009, p. 18, tradução nossa).

O conhecimento dos judeus é a chave necessária para compreender a real intenção da social-democracia. Se uma pessoa conhece esse povo, a máscara da ilusão escondendo seus objetivos cai diante de seus olhos, e a feição primata do marxismo sorri para ele (HITLER, 2009, p. 36, tradução nossa).

A cidade de Linz tinha apenas poucos judeus. No decorrer dos séculos, eles se tornaram externamente europeus e pareciam humanos. Na verdade, eu até pensei que eles eram alemães (HITLER, 2009, p. 37, tradução nossa).

Eu via muitos judeus e quanto mais eu via mais facilmente eu os identificava das outras pessoas (HITLER, 2009, p. 39, tradução nossa).

Não havia um jornal onde judeus trabalhassem que eu considerasse uma voz patriota, não estava alinhado com meu conceito de orgulho nacional (HITLER, 2009, p. 42, tradução nossa).

Tive a feliz sensação de saber que, certamente, os judeus não eram alemães. Agora, pela primeira vez, eu fiquei completamente familiarizado com o corruptor do nosso povo (HITLER, 2009, p. 42, tradução nossa).

Apenas uma criatura maldosa da noite, com medo da luz do dia, poderia aprovar esse tipo de instituição, enquanto todo homem honesto que aceita a responsabilidade por suas próprias ações deve achar isso nojento. Conseqüentemente, esse tipo de democracia se tornou a ferramenta daquela raça cujo real propósito a força esconder suas ações da luz do sol, onde todos podem ver. Apenas os judeus podem louvar uma instituição tão suja e enganosa quanto eles mesmo (HITLER, 2009, p. 61, tradução nossa).

A população norte-americana consiste, predominantemente, de elementos germânicos que se misturaram muito pouco com povos de cor inferior (HITLER, 2009, p. 188, tradução nossa).

Os povos germânicos racialmente puros e quase sem mistura com os povos do continente americano se tornaram donos de suas terras. Ele irá se manter mestre enquanto não ceder a poluição de se misturar com raças inferiores. O resultado de qualquer cruzamento de raças é esse:

A) Um declínio na qualidade da raça superior.

B) Começa uma lenta, mas certa, doença degenerativa das capacidades físicas e intelectuais. (HITLER, 2009, p. 190, tradução nossa).

Tudo que admiramos nesta terra hoje, ciência, arte, indústria e invenção é produto criativo de apenas algumas pessoas e talvez originalmente, todos de uma só raça. A sobrevivência de toda essa civilização depende deles. Se eles forem destruídos, a beleza desta terra será enterrada com eles (HITLER, 2009, p. 190, tradução nossa).

O homem que comete o erro de ignorar a lei de raça se ilude na felicidade de achar que continuará pertencendo a raça. Ele bloqueia o avanço da raça superior, portanto, trava o progresso da humanidade. Sobrecarregado com interesses e sentimentos humanitários, ele cai de volta para as bestas indefesas (HITLER, 2009, p. 191, tradução nossa).

Frequentemente, grupos incrivelmente pequenos de tribos arianas subjugaram outros povos e faziam com que os poderes intelectuais e de organização dos povos dominados viessem à tona. Essas capacidades não eram exercidas até que os arianos as despertassem nas raças inferiores (HITLER, 2009, p. 192, tradução nossa).

O caminho que o ariano deve seguir estava claramente marcado. Como conquistador, ele derrotou os povos inferiores e controlou seu trabalho físico, sob suas ordens, de acordo com sua vontade e seus propósitos (HITLER, 2009, p. 195, tradução nossa).

Mistura de sangue e declínio na qualidade racial é a principal razão para a extinção de culturas antigas (HITLER, 2009, p. 195, tradução nossa).

O contraste mais extremo com o ariano é o judeu. O instinto de autopreservação é mais fortemente desenvolvido naqueles conhecidos como “povo escolhido” do que em qualquer outra pessoa no mundo. A maior prova disso é o simples fato de que a raça ainda existe. Qual outro povo passou por tão poucas mudanças de mente e caráter nos últimos dois mil anos como os judeus? Que povo passou por grandes revoltas e, no entanto, continua passando por tremendas catástrofes da humanidade de forma inalterada? Uma vontade infinitamente tenaz de viver e preservar sua espécie é demonstrada nesse fato! As qualidades intelectuais dos judeus foram treinadas durante milhares de anos. Ele é considerado “astuto” hoje, e de certa maneira, ele certamente é. Mas sua habilidade intelectual não é um produto de sua própria evolução, mas sim lições aprendidas por outros. Por razões que ficarão imediatamente aparentes, o judeu nunca possuiu cultura própria e a base para seu conhecimento sempre foi fornecida por outras civilizações. (HITLER, p. 198, 2009)

Se os judeus estivessem sozinhos no mundo, eles se sufocariam em sujeira e tentariam enganar e exterminar uns aos outros em uma batalha amarga (HITLER, 2009, p. 200, tradução nossa).

Visto que o judeu não é a vítima, mas o agressor, ele vê seu inimigo não só como o homem a quem ele ataca, mas também em qualquer homem a capacidade de resistir a ele. Os métodos que ele utiliza para quebrar essas ousadas, porém respeitáveis almas não são considerados métodos honrados em batalha. Sua escolha de armas é a mentira e a difamação (HITLER, 2009, p. 215, tradução nossa).

A ignorância das massas quando se trata da natureza interior dos judeus, e a cegueira e estupidez de nossas classes superiores, torna o povo vítimas fáceis dessa campanha judia de mentiras (HITLER, 2009, p. 215, tradução nossa).

Uma parte da raça judia admite abertamente ser um povo estranho, mas não sem mentir novamente (HITLER, 2009, p. 216, tradução nossa).

Eles nunca tiveram a intenção de construir um Estado na Palestina, pelo menos não com o propósito de viver lá. Eles apenas querem uma sede para a organização de suas fraudes e trapaças internacionais, com seu próprio poder político fora do alcance de interferência de outros Estados. Seria um refúgio para vigaristas que foram expostos e uma faculdade para futuros trapaceiros (HITLER, 2009, p. 216, tradução nossa).

O menino judeu de cabelo pretos, com um prazer satânico em seu rosto, espera horas para poder corromper uma garota desavisada, seduzindo-a, para roubá-la de seu povo (HITLER, 2009, p. 216, tradução nossa).

Os judeus trabalham de forma incansável para corromper mulheres e meninas, para assim quebrar as barreiras impostas pelo sangue, numa escala ainda maior. Foram os judeus que trouxeram os negros para o Reno. O motivo de eles terem feito isso é claro, e suas intenções são sempre as mesmas. Eles almejam destruir a raça branca, a qual eles tanto odeiam, através da bastardização. Eles continuam a trazer os negros como uma inundação para forçar a mistura das raças. Essa deturpação tem como objetivo colocar um fim na cultura e política branca, para assim os judeus elevarem suas raízes como mestres. Um povo de raça pura, com consciência do seu sangue, jamais poderá ser derrotado pelos judeus. Nesse mundo os judeus podem ser mestres apenas de bastardos. Por esses motivos eles continuarão tentando diminuir a qualidade racial envenenando indivíduos de raça pura (HITLER, 2009, p. 216, tradução nossa).

Culturalmente o judeu corrompe a arte, a literatura e o teatro. Ele zomba do sentimento nacional, perturba todas as ideias de beleza, nobreza, idealismo e qualquer coisa boa. Ele arrasta as pessoas para o reino de sua própria natureza inferior. A religião se torna ridícula e a moral e decência são representadas como obsoletas. Ele continua com seu ataque até que o último suporte nacional repouse, o qual a nação precisa lutar pela sobrevivência neste mundo (HITLER, 2009, p. 217, tradução nossa).

4.3.2 Ultranacionalismo:

O povo alemão não tem direito moral de se estabelecer em colônias remotas enquanto eles não conseguem nem ao menos unir suas crianças em um Estado comum. O povo apenas ganhará o direito de conquistar territórios estrangeiros quando o Reich se expandir para incluir todos os alemães (HITLER, 2009, p. 7, tradução nossa).

Quantas vezes nossa classe social se ergue em justa indignação quando escuta de algum vagabundo miserável dizer que não se importa se ele é alemão ou não? Ele diz que é igualmente feliz em qualquer lugar, desde que ele tenha o necessário para viver! Essa falta de patriotismo deve ser duramente condenada e tais declarações devem ser advertidas energicamente. Quantos percebem que existem inúmeras lembranças sobre a grandeza da pátria em todos os campos da cultura e da arte? Quando essas lembranças são combinadas, aqueles afetados tem um orgulho justificado de pertencer a um povo tão afortunado (HITLER, 2009, p. 24, tradução nossa).

O orgulho na pátria é construído no conhecimento sobre a grandeza nesses campos. Os membros da nossa classe social perceberam que esse conhecimento, que é necessário para inspirar orgulho a pátria, não está ao alcance do povo? Nós não podemos usar a desculpa de que “é igual em outros países” pois os trabalhadores em outros países não têm dificuldade em manter sua nacionalidade (HITLER, 2009, p. 24, tradução nossa).

Seus concidadãos estão espantados com sua falta de entusiasmo nacional. Eles veem peças de teatro e filmes, literatura rasa e uma imprensa sensacionalista despejando veneno todos os dias. Então, eles são surpreendidos com a falta de moralidade a indiferença nacional do povo. Eles

não percebem que esses péssimos filmes, jornalismo barato e coisas semelhantes nunca criaram as habilidades necessárias para reconhecer a grandeza da pátria. Eu finalmente percebi algo que nunca tinha sonhado antes. A capacidade de “nacionalizar” um povo é uma questão primária de criar condições sociais saudáveis que possam ser utilizadas para educá-los. Apenas quando a educação e o treinamento escolar ensinarem a grandeza política de sua pátria, ele alcançará o orgulho interior de pertencer a um povo tão grande. Você apenas pode lutar por algo que ama. Você apenas pode amar aquilo que respeita. Você apenas pode respeitar aquilo que conhece (HITLER, 2009, p. 26, tradução nossa).

Marxistas eram contra tudo – a nação – porque pensavam que era uma invenção das “classes capitalistas”. Eu ouvia isso constantemente! Eles eram contra a pátria, tratando-a como uma ferramenta da classe privilegiada para explorar os trabalhadores; a autoridade da lei, como forma de oprimir a classe trabalhadora; as escolas, como instituição de formação de escravos e donos de escravos; religião como meio de entorpecer o povo para que pudesse ser explorado; moral como um símbolo de paciência estúpida; etc. Não havia nada que eles não arrastassem para a lama (HITLER, 2009, p. 29, tradução nossa).

É um absurdo e uma mentira dizer que qualquer movimento sindical é hostil à pátria. Se a atividade sindical vislumbra e atinge o objetivo de melhorar a posição de uma classe pertencente aos pilares da nação, seu efeito não é hostil ao Estado ou à pátria, mas sim “nacional” no verdadeiro sentido da palavra (HITLER, 2009, p. 33, tradução nossa).

As circunstâncias eram as mesmas nos outros jornais. Uma coisa foi notável para mim; não havia um jornal onde os judeus trabalhassem que eu teria considerado uma orgulhosa voz nacional que estivesse de acordo com meu conceito de orgulho nacional (HITLER, 2009, p. 42, tradução nossa).

Por fim, chegou o dia em que deixamos Munique para cair e cumprir nosso dever. Vi o rio Reno pela primeira vez enquanto viajávamos ao lado de suas ondas suaves em nosso caminho para o oeste para protegê-lo. O Reno - o rio alemão dos rios - agora íamos protegê-lo da ganância de nosso velho inimigo. Quando os suaves raios do sol do amanhecer irradiaram pela primeira vez sobre nós através do delicado véu da névoa matinal do Monumento Niederwald a velha canção “Wacht Am Rhein” (“Guarda no Reno”) rugiu do longo trem de transporte para o céu da manhã, e meu coração estava pronto para explodir de orgulho patriótico (HITLER, 2009, p. 106, tradução nossa).

Nossas grandes cidades modernas não têm monumentos elevando-se acima do horizonte que representem símbolos de toda a época. Nas cidades da antiguidade, quase todas as cidades tinham algum monumento especial para mostrar seu orgulho. O traço característico de cada cidade não eram os prédios privados, mas os monumentos de glória para a comunidade. Eles não foram criados para o momento, mas para a eternidade, porque pretendiam refletir a grandeza e a importância da comunidade, em vez da riqueza de um proprietário individual. Esses monumentos foram planejados para ligar os cidadãos à sua própria cidade de uma forma que às vezes parece incompreensível para nós hoje. Os visitantes não viram as casas miseráveis de proprietários privados, mas as esplêndidas estruturas de toda a comunidade. Em comparação, as casas individuais eram apenas de importância secundária, na verdade triviais (HITLER, 2009, p. 173, tradução nossa).

O exército criou idealismo e devoção à pátria e sua grandeza, enquanto na vida civil a ganância e o materialismo estavam fora de controle. O exército

treinou um povo unido e uniu as classes. Talvez sua única falha tenha sido a instituição do serviço militar de um ano para graduados do ensino médio (HITLER, 2009, p. 184, tradução nossa).

Um estado não deve deixar ao acaso a colonização de territórios recém-adquiridos, mas, em vez disso, estabelecer regras específicas. Deve estabelecer comissões de raças que emitirão licenças para aqueles indivíduos que desejam se estabelecer nas novas áreas, mas essas licenças serão emitidas com base na pureza racial dos indivíduos. Usando este método, colônias de fronteira podem ser formadas gradualmente, cuja população consiste exclusivamente daqueles que possuem a mais alta pureza racial e são da mais alta habilidade racial. Essas colônias se tornaram um tesouro nacional precioso para todas as pessoas. Seu crescimento encherá cada membro individual do povo de orgulho e confiança satisfatória. Afinal, essas colônias são as sementes finais que serão necessárias para o grande desenvolvimento futuro de seu próprio povo e da humanidade (HITLER, 2009, p. 272, tradução nossa).

O terceiro ponto a considerar no sistema educacional é que o novo estado nacionalista deve encontrar uma maneira de promover o orgulho nacional nas ciências também. (HITLER, 2009, p. 287, tradução nossa)

A melhor proteção não são armas, mas cidadãos. Muros fortificados não irão defender o Estado; este pode apenas ser salvo por muros vivos de homens e mulheres que estão imbuídos de um sentimento de amor supremo sobre a pátria e um entusiasmo nacionalista fanático (HITLER, 2009, p. 287, tradução nossa).

Um inventor não deve ser apresentado como grande apenas porque é um inventor, mas deve ser apresentado como um inventor ainda maior porque é um inventor que faz parte do nosso povo. A admiração por qualquer grande feito deve ser transformada em orgulho para o feliz realizador como um membro de sua própria raça. Dentre a miríade de grandes nomes da história alemã, o maior deve ser selecionado e apresentado de maneira tão impressionante aos jovens que se tornem torres de força e criem um sentimento inabalável de orgulho nacional (HITLER, 2009, p. 287, tradução nossa).

Gritar mais alto não dá a uma pessoa o direito de se chamar de nacionalista, a menos que um grande e amoroso cuidado pela preservação de uma nacionalidade comum e saudável esteja por trás desses gritos. Não se pode verdadeiramente ter orgulho de seu povo se ele tem vergonha de qualquer classe social dentro dessas pessoas. Se metade de um povo é miserável, oprimido e destituído, como alguém pode se orgulhar de tal estado? Somente quando uma nacionalidade é física e moralmente sólida é que a alegria de pertencer a tal povo pode, legitimamente, elevar-se no coração de todos a esse nível de sentimento que chamamos de orgulho nacional. Mas somente o homem que conhece a grandeza de sua nacionalidade sentirá este orgulho supremo (HITLER, 2009, p. 287, tradução nossa).

Um espírito pessoal de nacionalismo e um senso de justiça social devem estar combinados nos corações dos jovens. Se isso for feito corretamente, um dia surgirá uma nação de cidadãos que se comprometerão uns com os outros e forjados juntos por um amor comum e um orgulho comum, inabalável e indestrutível para sempre (HITLER, 2009, p. 287, tradução nossa).

Os homens não morreram por preocupação com o pão de cada dia, mas por amor à Pátria, crença em sua grandeza e patriotismo nacional. Quando o povo alemão abandonou esses ideais para seguir as promessas práticas da Revolução e trocou o rifle por uma mochila, nosso povo se encontrou, não

em um paraíso terreno, mas em um purgatório de infindável desprezo e angústia (HITLER, 2009, p. 294, tradução nossa).

Göring tinha quase 30 anos quando conheceu Hitler, e era um indivíduo acostumado a impressionar os outros. Sua ousadia como um dos membros pioneiros da Força Aérea alemã lhe rendeu não somente a Cruz de Ferro como muitas outras comendas, incluindo a Pour Le Mérite, um dos prêmios mais altos do Império Alemão. Ele ficara indignado pela decisão do término da guerra, em 11 de novembro de 1918, e disse aos homens de seu esquadrão, apenas oito dias após o armistício: “A nova luta pela liberdade, pelos princípios, pelo moral e pela pátria começou. Temos um longo e difícil caminho pela frente, mas a verdade será nossa luz. Temos de nos orgulhar dessa verdade e do que fizemos. Precisamos pensar nisso. Nossa hora virá novamente.” (REES, 2012, p. 23).

Göring buscou um encontro pessoal com Hitler. “Eu só queria falar com ele, primeiro, para ver se poderia auxiliá-lo, de alguma forma. Ele me recebeu na hora e, depois de sermos apresentados, disse que foi um extraordinário golpe do destino que nós nos encontrássemos. Falamos de assuntos que nos eram caros – a defesa de nossa pátria... Versalhes. Eu lhe disse que eu, em todos os aspectos, e tudo que eu era e possuía estavam à sua inteira disposição, para a questão mais essencial e decisiva: a luta contra o Tratado de Versalhes.” (REES, 2012, p. 24).

Não há provas de que o próprio Hitler, em sua vida pessoal, jamais tenha expressado qualquer crença nos princípios básicos da Igreja cristã. Uma vez, ele disse a Albert Speer: “Sabe, foi um infortúnio nosso ter a religião errada. Por que não temos a religião dos japoneses, que encaram o sacrifício pela pátria como o bem mais nobre? A religião de Maomé teria sido muito mais compatível conosco do que o cristianismo. Por que tinha de ser o cristianismo, com sua humildade e frouxidão?” (REES, 2012, p. 83).

4.3.3 Propaganda e mídia:

Apenas depois da Guerra foi possível notar os enormes resultados que uma propaganda com foco pode produzir. Infelizmente, o outro lado foi objeto de estudo, pois nossa compreensão e uso da propaganda eram insignificantes. Essa negligência era óbvia para todo soldado alemão. Foi uma falha absoluta de todo sistema de informação alemão. Isso me fez investigar mais profundamente o uso da propaganda (HITLER, 2009, p. 114, tradução nossa).

A propaganda, sem dúvidas é um meio, e deve ser julgada com base em como realiza os fins. Sua forma deve ser adaptada para atingir o resultado desejado. Também é óbvio que a importância do fim pode variar. Os fins podem até se desviar das necessidades gerais do público. A propaganda deve, também, se ajustar para estar alinhada com os valores do fim desejado. O fim pelo qual batalhamos durante a guerra foi o mais glorioso e tremendo que um homem poderia imaginar: a liberdade e a independência do nosso povo, segurança de renda para o futuro, e honra para a nação, que é algo que existe, apesar daqueles com opiniões contrárias. Deve existir, pois pessoas sem honra perdem sua liberdade e independência mais cedo ou mais tarde. Isso, por sua vez, está de acordo com uma justiça superior, porque gerações de canalhas sem honra não merecem liberdade. Ninguém com o desejo de ser um escravo covarde pode ou deve possuir qualquer honra, pois esse tipo de honra se tornaria, rapidamente, um objeto de ódio universal (HITLER, 2009, p.114, tradução nossa).

A propaganda na guerra era o meio para um fim. O fim era a luta bem sucedida do povo alemão pela sua existência. Portanto, a propaganda deve ser apenas considerada com base em como alcançou seu objetivo. As armas mais cruéis eram humanas se trouxessem uma rápida vitória, e a única moralidade era aquela a garantir a dignidade e liberdade da nação. Essa era a única atitude possível ao enfrentar a propaganda de guerra como uma questão de vida ou morte (HITLER, 2009, p.115, tradução nossa).

Para onde a propaganda deve ser direcionada? Para os intelectuais instruídos ou para as massas menos instruídas? Deve ser direcionada continuamente apenas para as massas! Para os intelectuais, ou para os que pensam ser intelectuais, nós não oferecemos propaganda, mas ensino científico (HITLER, 2009, p.115, tradução nossa).

O propósito da propaganda não é o treinamento científico do indivíduo, não é para dar detalhes ou agir como um curso de instrução, mas direcionar a atenção das massas para fatos, ocorrências e necessidades particulares. A importância desses fatos apenas pode ser apresentada através da propaganda. A arte da propaganda consiste em colocar um assunto de maneira tão clara e vigorosa na mente das pessoas para que se crie uma forte convicção em todos (HITLER, 2009, p.116, tradução nossa).

Essa arte não é o fim em si mesma. Seu propósito deve ser idêntico ao de um poster de anúncio – atrair a atenção das massas e não distribuir instruções pra aqueles que já têm opinião fundamentada sobre as coisas ou quem prefere formar sua opinião através de estudos objetivos. Esse não é o propósito da propaganda. Ela deve apelar ao sentimento do público e não a sua capacidade de raciocínio (HITLER, 2009, p.117, tradução nossa).

Toda propaganda deve apelar às pessoas comuns em tom e forma e deve se manter com um nível intelectual para a capacidade da pessoa menos inteligente a quem ela é direcionada. Em outras palavras, o nível intelectual deve ser reduzido a medida em que a massa de pessoas que se deseja atingir cresce. Se for necessário atingir muitas pessoas, como no caso de uma propaganda nacional para a continuação de uma guerra, você nunca deve ser muito cuidadoso em controlar o nível intelectual da propaganda (HITLER, 2009, p.117, tradução nossa).

Quanto menos ciência estiver envolvida e mais emoções envolvidas, maior será o sucesso atingido. Sucesso é a melhor prova da efetividade da propaganda, e não sobre o fato de que satisfaz alguns estudiosos ou “macacos doentios que se preocupam com sua própria impressão” que estão mais preocupados com as aparências e sentimentos (HITLER, 2009, p.118, tradução nossa).

A capacidade das grandes massas de absorver informação é muito limitada; eles têm uma baixa capacidade de entendimento e esquecem muito das coisas. Por essas razões, qualquer propaganda efetiva deve ser restrita a alguns pontos, e estes devem ser expressos em fórmulas estereotipadas simples. Devem ser usadas repetidamente até que o último homem entenda o significado instantaneamente. A partir do momento em que esquecemos esse princípio, e tentamos variar a abordagem, tentando ser abstrato ou genérico, nós minimizamos o efeito. A multidão não consegue entender o que está sendo oferecido. Portanto, quanto maior o escopo da mensagem, é mais necessário fazer com que a propaganda siga um plano de ação simples, que também é o mais eficaz e direcionado psicologicamente (HITLER, 2009, p.117, tradução nossa).

Por exemplo, foi um erro básico fazer com que os inimigos parecessem ridículos, como foi feito na propaganda alemã e austríaca nos quadrinhos. Foi um erro pois quando os soldados ficaram de frente com o inimigo, eles viram algo diferente. O resultado foi terrível porque, agora, sobre pressão direta da resistência inimiga, o soldado alemão se sentiu enganado por aqueles que deveriam ter lhe informado. Ao invés de seu espírito de guerra ou seu comprometimento terem se fortalecido, aconteceu o contrário. O soldado perdeu sua vontade de lutar. A propaganda de guerra dos britânicos e americanos, em contrapartida, acertou psicologicamente. Ao retratar os germânicos como bárbaros brutais e destruidores, eles prepararam seus soldados para os horrores da guerra ajudando-os a não se iludirem (HITLER, 2009, p.117 tradução nossa).

O que as pessoas nunca entenderam foi que o primeiro requisito de qualquer atividade de propaganda: uma atitude intencionalmente tendenciosa e unilateral sobre todas as questões discutidas (HITLER, 2009, p.118, tradução nossa).

O mesmo se aplica à propaganda política. É responsabilidade da propaganda enfatizar exclusivamente a causa representada e não avaliar outras causas. Não deve ser explorado nenhuma verdade que favoreça o outro lado ou que tenda razoavelmente as opções, e então apresentar às massas uma doutrina estrita. Não deve discutir assuntos baseados em leis teóricas da justiça. Propaganda deve se esforçar constantemente para apresentar apenas o aspecto da verdade que é favorável para o seu lado (HITLER, 2009, p.118, tradução nossa).

O ano de 1921 tornou-se importante para mim e para o Movimento em muitos aspectos. Quando me juntei ao Partido dos Trabalhadores Alemães pela primeira vez, imediatamente assumi o controle de toda propaganda. Eu sabia que essa era a área mais importante no momento. No começo não era necessário se importar com questões organizacionais, mas era importante distribuir a ideia do Movimento para um número maior de pessoas (HITLER, 2009, p.392, tradução nossa).

A propaganda deve vir antes dos detalhes estruturais de se organizar um movimento para que possamos conquistar o corpo daqueles que são necessários para fazer o trabalho da organização (HITLER, 2009, p.392, tradução nossa).

É melhor começar distribuindo ideias de uma figura central. E então, à medida que o corpo de pessoas que aprendem sobre a ideia cresce a um nível aceitável, podemos começar a pesquisá-los cuidadosamente a fim de encontrar líderes. Nós frequentemente vemos homens que pareciam ser insignificantes se mostrarem líderes natos (HITLER, 2009, p.392, tradução nossa).

Um líder é muito provável que seja um agitador. Aqueles que têm um temperamento mais leve podem não gostar dessa afirmação, mas a verdade nela é óbvia. Um agitador deve entender a natureza humana para ser capaz de fazer as massas absorverem uma ideia, mesmo que isso signifique manipular suas emoções (HITLER, 2009, p.392, tradução nossa).

Ser um líder significa ter a capacidade de mobilizar as massas. A habilidade de formar ideias não tem nada a ver com a capacidade de liderar. É tarefa da propaganda conquistar seguidores e é tarefa da organização conquistar membros. Um seguidor entende e concorda com os objetivos do movimento; um membro está disposto a lutar por esses objetivos. A propaganda não se

importa com o valor de cada seguidor que ela atrai. Não é de sua preocupação suas qualidades, habilidades, intelecto ou caráter (HITLER, 2009, p.393, tradução nossa).

A propaganda tenta conquistar o povo como um todo para uma ideia e prepará-los para quando essa ideia se concretizar vitoriosa. Os seguidores que são capazes e estão dispostos a lutar, criam elementos organizados e se juntam em uma união massiva que luta constantemente por seu objetivo de ser tornar vitorioso (HITLER, 2009, p. 394, tradução nossa).

A primeira tarefa da propaganda é conquistar homens que possam ser usados na organização; a primeira tarefa da organização é selecionar homens que possam fazer a propaganda. A segunda tarefa da propaganda é a destruição de condições existentes para que a nova doutrina se espalhe mais facilmente, e a segunda tarefa da organização é lutar por poder. Esse poder será necessário para garantir o sucesso da doutrina (HITLER, 2009, p.394, tradução nossa).

Os membros da organização serão escolhidos a partir do número de seguidores conquistados através da propaganda. Quanto mais intensa é a propaganda, mais rápido cresce o número de seguidores, e por sua vez os membros trabalharão melhor, tornando a organização mais forte e enérgica (HITLER, 2009, p.394, tradução nossa).

Organizações que continuam a aumentar seus membros além de um determinado número, gradativamente irão perder poder de luta. Elas não são mais capazes de tomar a ofensiva, o que significa que não podem apoiar sua propaganda. E se não podem apoiá-la, não podem se beneficiar dela (HITLER, 2009, p.395, tradução nossa).

Como líder da propaganda do partido, eu cuidadosamente preparei o caminho para a futura grandeza do movimento, e por meio desses conceitos radicais presentes em nossa propaganda, eu tenho trabalhado para recrutar apenas pessoa de maior qualidade para serem membros da organização. Quanto mais radical e instigante era minha propaganda, mais ela espantava os fracos e tímidos, prevenindo que os mesmos penetrassem o núcleo inicial da nossa organização (HITLER, 2009, p.396, tradução nossa).

Entre os diversos partidos de direita, no entanto – os chamados grupos “völkisch” –, Hitler sem dúvida causou boa impressão. Ele rapidamente dominou o pequeno Partido dos Trabalhadores Alemães e se tornou não apenas seu principal porta-voz, mas também o responsável por toda a propaganda da agremiação. Trabalhou com Anton Drexler em um “programa partidário” e apresentou os “25 pontos” que resultaram dessas discussões, numa reunião, em 24 de fevereiro de 1920. Logo depois, o nome do partido foi alterado para “Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães” (Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei, NSDAP) – do qual seus oponentes derivaram o termo abreviado “nazi”, ou nazista. Os “25 pontos” do programa refletiam os temas repetidos por Hitler em seus discursos: abandonar os tratados de paz de Versalhes e Saint-Germain, cassar a cidadania alemã dos judeus, proibir a imigração para a Alemanha e considerar como cidadãos legítimos do país apenas os que tivessem “sangue alemão” (REES, 2012, p. 25).

Goebbels tinha sido indicado para coordenar a máquina de propaganda nazista, em abril de 1930, e agora, dois anos depois, ele deveria mostrar que tinha evoluído a um manipulador político formidável. A campanha de Hitler à presidência viria a se tornar famosa por conta do uso das aeronaves que o transportavam para as reuniões – a imagem do Führer chegando do céu, como um quase Deus, que mais tarde seria utilizada por Leni Riefenstahl na

abertura de seu próprio filme de propaganda, *Triumph des Willens* (no Brasil, lançado com o título *Triunfo da vontade*), em 1934, teve origem na campanha presidencial dele (REES, 2012, p. 56).

Mas o que deixou uma impressão marcante foi o comportamento da imensa multidão, que havia esperado tão pacientemente pela chegada de Hitler. Ele sentiu que ficou claro que eles “torciam por um salvador” (REES, 2012, p. 57).

Joseph Goebbels, ministro da propaganda nazista, considerava a elaboração consciente da “imagem” de Hitler como uma de suas maiores realizações. Ele frisou, em dezembro de 1941, que “através da criação do mito do Führer, Hitler tinha recebido a áurea da infalibilidade, e o resultado era a mudança de muitos que olhavam interrogativos para o partido, após 1933, e agora tinham total confiança em Hitler” (REES, 2012, p. 80).

Hitler percebeu que sua retratação de si mesmo, fora do núcleo normal da humanidade, lhe permitia espaço para que os outros projetassem nele as suas próprias necessidades e desejos. Foi nessa interação que ocorreu uma transferência de grande consequência. Os seguidores de Hitler se tornaram mais confiantes e ganharam autoestima, por conta da fé que tinham nele. Da crença de que Hitler dava um significado especial às suas vidas (REES, 2012, p. 80).

Göring em 1934: “Há algo místico, inexpressível, quase incompreensível nesse homem... Nós adoramos Adolf Hitler, pois acreditamos firme e profundamente que ele tenha nos sido mandado por Deus, para salvar a Alemanha... Não há qualidade que ele não possua, no mais alto grau... para nós, o Führer é simplesmente infalível em todas as questões políticas e todos os outros assuntos que digam respeito aos interesses nacionais e sociais do povo.” (REES, 2012, p. 81).

Goebbels acreditava que, para atuar de forma eficaz, a propaganda precisava possuir duas qualidades: tinha de parecer uma propaganda natural e tinha de entreter. Segundo ele disse em uma reunião de figuras seniores do rádio alemão, em março de 1933: “Primeiro princípio: evitar o tédio a todo custo. Coloco isso antes de qualquer coisa.” (REES, 2012, p. 85).

Para um líder carismático como Hitler, quanto mais inimigos houvesse para usar na propaganda, mais claramente o inimigo ficaria definido como minoria. A grande massa da população saberia de sua exclusão e isso seria melhor para ele (REES, 2012, p. 94).

Goebbels, entendia que a opinião pública tinha de ser manipulada lentamente, ao longo do tempo. “A propaganda é como um comboio na guerra”, Goebbels disse a seu assessor de imprensa, Wilfred von Oven, “que precisa seguir seu caminho até o alvo, sob forte proteção militar. Ele tem que ajudar sua velocidade de marcha para ser compatível com a unidade mais lenta” (REES, 2012, p. 95).

Por mais de seis anos, a propaganda de Goebbels vinha martelando a mensagem de que Hitler era uma figura quase mística, cuja presença era essencial para o sucesso e a segurança futura da Alemanha. Isso, junto com a sucessão de triunfos antes da explosão da guerra, dava um efeito duradouro. Muita gente continuava reverenciando Hitler (REES, 2012, p. 159).

Ross também recebeu instruções ideológicas baseadas na educação que ele já tivera – desde 7 anos de idade – sob o controle dos nazistas. “O que mais nós tínhamos como propaganda? Nós tínhamos cursos de política... A história da vida de Adolf Hitler. Eu poderia recitar tudo hoje, o desenvolvimento do

Partido Nazista, da SS. Naquela época, nos foi dito que a Segunda Guerra, a que estávamos lutando, não teria sido possível sem a Primeira Guerra. O próprio Adolf Hitler havia sido soldado na Primeira Guerra, e seu partido não podia tolerar que territórios tão grandes tivessem sido tomados, e as colônias, que nós tínhamos que pegar de volta, para ser como era antes. Essa era nossa motivação. Nós nos alimentávamos disso, engolíamos isso. Eu era muito orgulhoso, extremamente orgulhoso” (REES, 2012, p. 221).

4.3.4 Anticomunismo:

Foi aí que vi dois perigos se aproximando. Anteriormente, eu não entendia completamente a importância desses dois nomes para a existência do povo alemão. Os nomes são Marxismo e Judaísmo (HITLER, 2009, p. 18, tradução nossa).

Aos dezessete anos, eu já conhecia a palavra marxismo e achava que socialismo e social-democracia eram ideias idênticas. Mais uma vez, a mão do Destino abriu meus olhos para essa fraude sem precedentes contra o povo (HITLER, 2009, p. 29, tradução nossa).

Quando o partido socialista encontra oposição, ele grita assassinato sangrento e grita por ajuda do estado, apenas para conseguir o que deseja no final. Ou seja, encontra algum idiota de um alto cargo, esperando que ele faça amizade com os marxistas para esmagar o atual adversário do partido socialista e ganhar o favor do partido (HITLER, 2009, p. 32, tradução nossa).

Obriguei-me a pelo menos fazer uma tentativa de ler este jornalismo marxista, mas quanto mais eu fazia, mais eu não gostava dele. Agora tentei me aproximar dos fabricantes dessas palavras maliciosas. Do editor em diante, eram todos judeus. Peguei todos os panfletos social-democratas que pude e procurei o nome do autor. Judeus. Percebi os nomes de quase todos os líderes. A maioria deles também eram membros do “povo eleito”, os judeus, fossem eles representantes do governo ou secretários de sindicatos, presidentes de organizações ou agitadores de rua (HITLER, 2009, p. 42, tradução nossa)

Se, por meio de sua fé marxista, o judeu conquistar os povos deste mundo, sua coroa será a morte e a destruição de toda a humanidade. A Terra voltaria a se mover desabitada pelo espaço, como fazia milhões de anos atrás (HITLER, 2009, p. 45, tradução nossa).

A Democracia do Ocidente hoje é a precursora do marxismo e, sem ela, o marxismo seria impensável. Só ela dá a essa praga a superfície sobre a qual crescer (HITLER, 2009, p. 53, tradução nossa).

Uma vez que a política de expansão comercial e industrial havia sido estabelecida, não havia mais razão para a Alemanha lutar com a Rússia.

Somente os inimigos da Alemanha e da Rússia poderiam ter algum interesse real em um conflito entre eles. Na verdade, foram principalmente judeus e marxistas que usaram todas as maneiras que puderam pensar para incitar a guerra entre os dois estados (HITLER, 2009, p. 96, tradução nossa).

Nunca tive que revisar meus pontos de vista sobre este assunto. Também examinei a conexão entre o marxismo e o judaísmo mais de perto. Enquanto estava em Viena, eu acreditava que a Alemanha era um colosso inabalável, mas agora, dúvidas inquietantes começaram a crescer em mim. Em minha própria mente e no pequeno círculo de meus conhecidos, argumentei a política externa alemã e discuti o que acreditava ser o tratamento incrivelmente negligente do problema mais importante que então existia na Alemanha naquela época, o marxismo (HITLER, 2009, p. 101, tradução nossa).

Em 1913 e 1914, anunciei minha convicção de que o futuro de todos os alemães dependia da destruição do marxismo (HITLER, 2009, p. 101, tradução nossa).

O marxismo não é uma questão de partido político, mas de uma doutrina que está fadada a levar à destruição total da humanidade (HITLER, 2009, p. 109, tradução nossa).

O objetivo final do marxismo é e sempre será a destruição de todos os estados nacionais não judeus (HITLER, 2009, p. 109, tradução nossa).

Os judeus, por meio de sua imprensa democrática marxista, gritaram a mentira do “militarismo alemão” para o mundo, na esperança de pintar a Alemanha como um agressor. Eles amarraram as mãos da Alemanha por todos os meios disponíveis. Os partidos marxistas e democratas recusaram-se a aprovar financiamento para o treinamento abrangente das forças de defesa alemãs (HITLER, 2009, p. 178, tradução nossa).

Os jornais ateus marxistas de repente se tornaram o juiz dos fiéis religiosos. Usando os slogans mais estúpidos, difamaram um ou outro e, dessa forma, mantiveram o fogo aceso (HITLER, p. 382, tradução nossa).

4.4 Análise e Resultados

Para entendermos a motivação e a continuidade dos discursos da extrema-direita até os dias atuais, é necessário compreender como o discurso de Hitler foi feito e difundido. Através das categorias criadas, buscamos trazer uma base comparativa entre o discurso nazista e o discurso apresentado pela extrema-direita atual. Para tanto será feita uma exposição sobre o modelo político criado por Adolf Hitler e após

isso, de forma representativa apresentaremos os discursos propostos por Jair Bolsonaro mostrando seu modelo político e suas semelhanças com o ideário nazista.

O nazismo se trata de uma ideologia que prega o ultranacionalismo, o anticomunismo e o antissemitismo. Idealizado por Adolf Hitler em seu livro *Mein Kampf*, o Estado alemão descendia de uma raça pura e superior, tendo como dever doutrinar e subjugar todas as outras raças vistas como inferiores e rejeitando a miscigenação, pois essa criaria um “rebaixamento” na qualidade das raças, levando a humanidade a um colapso. E para Hitler, a raça mais inferior que existia eram os judeus. “Os judeus, por sua vez, eram considerados os maiores inimigos do sangue ariano, por serem vistos como degenerados, indesejáveis, corruptores da superioridade racial alemã.” (MEDEIROS, 2020, p. 5).

Sendo assim, foi criado um sistema chamado de *Volksgemeinschaft* (comunidade do povo), pregando a pureza do sangue alemão, de uma ancestralidade superior, criando também um ideal de exclusão não apenas de judeus, mas de todo tipo de ser humano que não se encaixasse no padrão ariano, como negros, homossexuais e deficientes. Sendo propagado durante o terceiro Reich.

O segundo principal inimigo do regime eram os comunistas, tidos como antinacionalistas, associados aos judeus e contra o ideal nazista, sendo vista por Hitler como ideologia que trará a destruição dos homens (HITLER, 2009, p. 109).

Com os inimigos definidos, é necessário entender como esses ideais se difundiram ao povo alemão. Logo após Hitler tomar a chancela do Partido, em 1933, seu ministro da propaganda Joseph Goebbels criou uma resolução, juntamente de estudantes alemães para organizar as artes e movimentos culturais com o pensamento nazista. Com isso, foram organizados atos de saques e queimas de livros que iam contra o regime, em principal livros comunistas e judaicos. O ato mais famoso ocorreu, em Berlim, no dia 10 de maio de 1933, quando mais de 25 mil obras foram queimadas sobre o pretexto da purificação da cultura alemã, esse evento contou com a presença de Goebbels, que discursou para mais de 40 mil pessoas.

Também em 1933, um incêndio, causado por um militante comunista, no prédio do parlamento alemão fez com que as tropas de repressão do nazismo prendessem mais de 4 mil pessoas, com o pretexto de evitar uma possível revolução, tal medida foi apoiada por parte população com medo de um possível golpe comunista (RABINBACH, 2008 *apud* MEDEIROS, 2020). Após o Partido Nazista não ter conseguido maioria parlamentar, um acordo com o Partido Católico de Centro foi feito,

criando a Lei de Plenos Poderes “dando a Hitler o direito de governar através de decretos, de forma autoritária. Em seguida, a nova legislação previa o Partido Nazista como sendo a única agremiação legal na Alemanha”. (FEST, 2006 *apud* MEDEIROS, 2020).

Outras medidas de segregação que foram aplicadas durante o regime são a Lei de Esterilização e o programa *Aktion T4*.

A Lei de Esterilização tinha como objetivo a castração forçada com o fim de não perpetuar doenças hereditárias na população, com a justificativa, para legitimar a ação, de que era inviável economicamente para o governo alemão tratar de doenças que poderiam ser evitadas. Doenças como depressão, esquizofrenia, epilepsia, cegueira, surdez, e até mesmo pessoas que não eram moralmente aceitas, como prostitutas, viciados ou ladrões estavam no quadro da lei. É estimado que mais de 300 mil pessoas foram esterilizadas forçadamente.

O programa *Aktion T4* consistia na eutanásia para pacientes irrecuperáveis, no princípio eram utilizadas injeções letais, mas se mostrou mais economicamente viável o uso de câmaras de gás, que futuramente seriam utilizadas nos campos de concentração para o extermínio de mais de 6 milhões de judeus.

O mais conhecido ato de repressão contra os judeus, ficou conhecido como “noite dos cristais”, em que após um jovem judeu austríaco assassinar um diplomata alemão, o Partido Nazista começou com uma onda de repressão e violência nos bairros judeus. “Ao todo, foram 91 pessoas mortas, 30 mil presos, 22 suicídios só em Viena, e entre 1300 e 2000 sinagogas queimadas ou destruídas, além de 700 comércios vandalizados e inúmeras escolas destruídas”. (DOBKOWSKI e WORTMAN, 2009 *apud* MEDEIROS, 2020). Após este fato, os judeus passaram a ser mandados de maneira compulsória para os campos de concentração, onde eram escravizados, torturados, utilizados como experimentos e assassinados. Culminando na erradicação de dois terços da população judaica no continente europeu no período.

Todos esses mecanismos para a hegemonização do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, foi feito através de Joseph Goebbels, que veiculou os ideais nazistas através da imprensa, rádio, materiais didáticos, arte, filmes, música e teatro. A propaganda tinha dois objetivos: exaltar a Alemanha, assegurando que nenhum tipo de ideologia contrária ao regime fosse divulgada e sendo o mais persuasiva possível, com a intenção de despertar no povo o espírito da soberania da raça ariana, o antissemitismo e o anticomunismo.

Dias enfatiza que a estrutura da linguagem do Terceiro Reich era construída de maneira pobre e uniformizadora, e assim, se tornava cansativa, repetitiva, mecânica (DIAS, 2018, p. 63). A partir do momento em que a linguagem passa a ser mecanizada e uniformizada, o pensamento crítico é alienado. Abordado de forma totalitária e doutrinal, expondo apenas a versão dos fatos permitida pelo regime, cria-se uma relação de não diálogo entre o Partido e o povo. O povo apenas recebe a informação e a repete.

Através de um discurso simples, em um país com uma baixa confiança no sistema político vigente, se utilizando de manipulações e distorções da verdade, com a promessa de restaurar o país ao posto soberano que ele merece e através de uma máquina de propaganda incansável tornou Hitler em um “salvador” do povo alemão.

4.5 As semelhanças entre Bolsonaro e o nazismo

A partir da análise de conteúdo do discurso de Hitler, é possível criar um paralelo com os discursos proferidos por Jair Bolsonaro em seu trajeto para a presidência e durante seu mandato desde 2018. Para Casara (2020), a propaganda de Bolsonaro é voltada para os interesses do público de extrema-direita. Uma das principais figuras desse movimento é Steve Bannon, ex-estrategista da campanha de Trump, e apoiado pelo próprio Bolsonaro. “O modelo Bannon, de campanha política, com manipulação de preconceitos, divulgação de *fake news* e desinformação foi fundamental para a implantação de um projeto neoliberal ultra-autoritário do governo Bolsonaro (CASARA, 2020, p. 42).

A propaganda bolsonarista se propagou com muita semelhança ao modelo nazista, desprestigiando a imprensa e a opinião pública, dessa maneira Bolsonaro cria uma ideia para seus seguidores que apenas o que é veiculado por suas redes de informação é verídico.

Em entrevista para o portal de Notícias “Brasil de Fato”, Adriana Dias reconhece a semelhança entre o discurso pregado por Bolsonaro e o discurso de Hitler em sua campanha para a ascensão do Nazismo. De acordo com a antropóloga, Bolsonaro surge com os mesmos ideais de criar um inimigo para os problemas do Estado a fim de surgir uma identidade nacional que também assimile este inimigo, criar um estado fortemente militarizado, anticorrupção que seria responsável para recuperar a

economia nacional. A união desses pensamentos cria um discurso fortemente preconceituoso, reiterando ódios contra as minorias (negros, indígenas, LGBTQs, pessoas com deficiência, grupos religiosos) e contra partidos políticos e pensamentos de ideologia contrária (comunismo e partidos de esquerda).

Com base nos conceitos mostrados acima, serão expostas citações proferidas por Jair Bolsonaro que demonstram sua inclinação ao discurso nazi-fascista.

O slogan de campanha e governo utilizado pelo atual presidente da República demonstra a exaltação do nacionalismo bem como alinhamento religioso do conservadorismo “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” se assemelha a um lema adotado por Adolf Hitler: *Deutschland über alles* (A Alemanha acima de tudo) tratada pelo Chanceler como sagrada para o povo alemão.

Bolsonaro adota em seu discurso um ferrenho ataque ao comunismo e as ideologias de esquerda, pregando a ideia de que esse pensamento possui um viés nocivo, que destrói famílias, apoiado em teorias de gênero e no marxismo. Esses excertos demonstram que para Jair Bolsonaro seu governo será feito para aqueles que estejam de acordo com seus valores, segregando a população entre seus apoiadores e inimigos do Estado.

“Este é o dia em que o povo começou a se libertar do socialismo, da invasão de valores, do politicamente correto, do gigantismo estatal” (JOVEM PAN, 2019). Frase dita em sua posse para presidente no em janeiro de 2019, insinuando que o país está com problemas econômicos por estar enviesado com o socialismo.

“Vamos fuzilar a petralhada aqui do Acre. Vou botar esses picaretas para correr do Acre. Já que gosta tanto da Venezuela, essa turma tem que ir para lá” (ISTOÉ, 2018). Em um comício, em Rio Branco em 2018, profere que aqueles que possuem uma visão ideológica contrária à sua deve ser morto e expulso do país. Outra frase com semelhança foi realizada em São Paulo, durante a campanha do segundo turno das eleições “Essa turma, se quiser ficar aqui, vai ter que se colocar sob a lei de todos nós. Ou vão para fora ou vão para a cadeia. Esses marginais vermelhos serão banidos de nossa pátria” (ISTOÉ, 2018). Bolsonaro legitima que o pensamento de esquerda no Brasil é passível de prisão ou expulsão.

Em um encontro com apoiadores, na Paraíba em 2017, Bolsonaro diz que “Deus acima de tudo. Não tem essa historinha de Estado laico não. O Estado é cristão e a minoria que for contra que se mude. As minorias têm que se curvar para as majorias” (ISTOÉ, 2018). De acordo com a constituição de 1988 reafirma e garante o

caráter laico do Estado de acordo com o inciso I do artigo 19, proibindo o Estado de legislar em matéria religiosa. Ou seja, Bolsonaro vai de encontro a constituição, para defender sua ideologia que prega subjugar aqueles que diferem do seu padrão.

Bolsonaro realizou ataques a imprensa durante a formatura de policiais militares no Rio de Janeiro, proferindo a seguinte frase, se dirigindo aos militares "Essa imprensa jamais estará do lado da verdade, da honra e da lei. Sempre estará contra vocês. Pense dessa forma para poder agir" (SAKAMOTO, 2020), reiterando que a imprensa não é confiável.

Com isso podemos observar as semelhanças entre o discurso bolsonarista e o conteúdo do discurso de Hitler analisado anteriormente.

5 O papel das Relações Públicas no combate ao nazismo

Tendo em vista as similaridades entre Hitler e Bolsonaro encontradas e discutidas ao longo deste trabalho, tanto em seus discursos, quanto nas políticas aplicadas e nos seus modos de governo, neste capítulo buscaremos propor aos profissionais de Relações Públicas maneiras de combater a propagação da ideologia nazista.

Primeiramente, deve-se afastar as Relações Públicas da ideia de Chomsky de sua função. Para ele, as Relações Públicas querem “controlar a mente da população” (CHOMSKY, 2014, p. 11). Esse estigma da função persuasiva da comunicação prevista por Lima (2001, p. 42) já conferiu anteriormente à profissão de relações-públicas muita desconfiança, principalmente na época da Ditadura Militar brasileira (1964-1985). Isso ocorreu pois a profissão foi regulamentada na época, portanto, seu exercício era controlado pelo governo (QUADROS; SCHEID. 2014, p. 306).

Para eliminar esse estigma, devemos adotar a visão que o papel das Relações Públicas tem de ser de construção de capital social e de conhecimento, e de informação. De acordo com Cândido Teobaldo de Souza Andrade (1993, p. 49 *apud* QUADROS; SCHEID. 2014, p. 305), “Quando cada indivíduo estiver inteiramente consciente de seu direito de discutir e opinar acerca dos problemas governamentais e puder contar com recursos para exercitar esse direito, as RRPP terão contribuído para assegurar o apoio público.”

Para Andrade (1993, p. 49 *apud* QUADROS; SCHEID. 2014, p. 306-307) um governo democrático deve informar seu povo sobre suas intenções, seus deveres e seus direitos, sem envolver elementos persuasivos. O Código de Ética dos Profissionais de Relações Públicas, publicado em 2001, já no período democrático, busca em seus princípios afirmar o compromisso com a democracia. Além disso, o Código de Ética tem como objetivo garantir que o exercício da profissão de relações-públicas ocorra de forma uniforme, orgânica e responsável, seguindo princípios da “Declaração Universal dos Direitos do Homem”.

De acordo com o Artigo 2º do Código de Ética dos Profissionais de Relações Públicas, alínea “a”: É vedado ao profissional de Relações Públicas “utilizar qualquer método, meio ou técnica para criar motivações inconscientes que, privando a pessoa do seu livre arbítrio, lhe tirem a responsabilidade de seus atos” (CONFERP, 2001).

Dessa forma, o Código de Ética busca desvincular as Relações Públicas do seu caráter persuasivo.

Quanto à construção de capital social e de conhecimento, primeiramente, trataremos de definir capital social, para elucidar nossos objetivos nessa proposta. Abordaremos o capital social segundo Bordieu (1983 *apud* RECUERO, 2012, p. 599), para quem “o capital social é a “soma de recursos” que está disponibilizada pela rede, relacionada às conexões que os atores possuem, mas não necessariamente recursos que estão contidos nelas, pois os benefícios são adquiridos ou recebidos pelos atores.”

Dessa forma, aumentar o capital social da população significa expandir suas redes de informações e contatos, garantindo que ela tenha os acessos e conexões necessários na busca por direitos, já que, conforme observado por Marques (2003, 2007 *apud* MARTINS, LOTTA, 2010, p. 850) “as políticas públicas são definidas pela interação entre atores no interior dos ambientes institucionais e relacionais presentes nas comunidades políticas. As dinâmicas políticas são, portanto, resultado dessas interações.”

Já a construção de conhecimento se dá no exercício das funções propostas por Lima (2002): informativa, cultural e dialógica. Quando a comunicação realiza essas funções, de disseminação de informação e cultura, além de estabelecer diálogo entre partes importantes do processo democrático, ela enriquece o conhecimento da população e a torna mais ativa politicamente.

Além disso, deve haver um compromisso natural por parte dos relações-públicas com a veracidade das informações e com a garantia dos direitos humanos. O Código de Ética já prevê em seu artigo 2º, nas alíneas “d” e “f”, esse compromisso com a veracidade das informações disseminadas, não sendo permitida a difusão de *fake news* (“notícias falsas que não podem ser comprovadas por meio de fatos conhecidos e demonstráveis”) (CONFERP, 2001).

Mas, mais do que um artigo no Código de Ética da profissão, é necessária a consciência desperta nos profissionais de Relações Públicas para se atentar a isso naturalmente. O compromisso com a verdade deve ser um valor intrínseco aos profissionais da comunicação, e, conseqüentemente, aos relações-públicas, pois, conforme observado no desenvolvimento deste trabalho, a disseminação de informações falsas ou tendenciosas pode ter conseqüências gravíssimas para a democracia.

Visto isso, devemos também, como profissionais de Relações Públicas, evitar abordagens midiáticas dos fenômenos sociológicos que apenas contribuam para inspirar desconfiança e reprovação moral, ou seja, a “política do escândalo” descrita por John Thompson (CASTELLS, 2018, p. 21). O trabalho do profissional de Relações Públicas, nesse quesito, passa a ser estudar e compreender as características dos fenômenos sociais de maneira holística, evitando a dicotomização maniqueísta e facilitando a compreensão dos fatos para aqueles que vierem a estudá-los.

Mas, a comunicação não deve deixar de cumprir com a sua função investigativa e questionadora, de forma a pressionar a classe dominante a fazer com que o Estado cumpra seu papel. Portanto, quanto à garantia dos direitos humanos, cabe ao profissional de Relações Públicas lutar para que as políticas públicas sejam inclusivas. A igualdade de direitos e acesso devem ser pauta recorrente nas discussões de nossa área, e devemos cuidar para que nossos trabalhos, sejam acadêmicos ou em organizações, com fins lucrativos ou não, busquem promover essa igualdade. Como profissionais da comunicação, sabemos o poder da inclusão na garantia de uma sociedade mais justa e fraterna.

Conforme pudemos observar neste trabalho, a comunicação (mídia e propaganda), como um dos Aparelhos Ideológicos do Estado, é uma das grandes responsáveis na propagação e na manutenção de uma ideologia. Sendo assim, garantindo que a comunicação cumpra esses processos, os profissionais de Relações Públicas estarão lutando com a força de seus conhecimentos para afastar as problemáticas da ideologia nazista, já que, além de garantir ao povo condições para se posicionar contra políticas excludentes, garante que as comunicações terão uma função construtiva na sociedade como um todo.

6 Considerações Finais

Iniciamos o trabalho com o objetivo e a pretensão de identificar o que torna o discurso nazista algo ainda propagado na atualidade. Após a explanação feita no transcorrer do texto verificamos que foi possível observar e constatar a semelhança entre o conteúdo do discurso de Adolf Hitler e os discursos adotados pelos novos representantes de governos de extrema-direita, representados principalmente neste trabalho por Jair Bolsonaro, tornando nossa indagação importante e atual.

Acreditamos que realizando um paralelo entre ambos existem indicadores claros onde se materializam os discursos nazistas e fascistas, independente da época e do lugar. Destacamos: uma suposta crise da democracia política, crise social e econômica e surgimento, de forma bem orquestrada, de falsos salvadores da pátria que uma vez no poder eles sim, destroem a democracia e levam, cedo ou tarde, ao caos dos países onde se implanta essa ideologia radical. A consequência imediata é o surgimento de políticas radicais, inculcadas sutilmente na população e, conseqüentemente, gerando-se retrocessos sociais significativos.

Entretanto, como Relações Públicas, não podemos, apenas, responder sem refletir o que as leituras teóricas aportaram para nosso conhecimento profissional e intelectual comprometidos em combater tudo o que implique em situações de injustiça e desigualdade. É papel da comunicação e das Relações Públicas observar não só o discurso nazifascista mostrado de forma aberta, mas também os discursos velados que visam segregar parte da sociedade, em detrimento de outra, em principal, das minorias. Além disso, devemos ficar atentos às aplicações cotidianas dessas políticas excludentes, além do discurso, para que a segregação e humilhação não sejam normalizadas em nosso dia-a-dia.

É possível também observar o papel da mídia e da comunicação na propagação e perpetuação das ideologias, sendo assim, como afirmado no capítulo anterior, se torna necessário zelar para que a comunicação tenha um papel de educar a população, expondo a prejudicialidade dessa ideologia, de forma que ela não volte a se repetir.

Nesse sentido, o papel das Relações Públicas consiste em alargar o conceito de democracia social marcado pelo debate aberto e transparente, para despertar o espírito crítico e democrático na população, e se voltar para combater as

desigualdades sociais. Acreditamos ter provado que a ausência de democracia social trouxe grandes males para ao mundo, incentivou as desigualdades e incrementou as políticas de xenofobia e intolerância no mundo atual.

A intenção do trabalho, além de realizar a contextualização e estudo de obras importantes, foi alertar sobre os perigos implícitos nos discursos e nas práticas totalitárias apresentadas para a população de forma inflamada, mas que na verdade tinham como intenção semear valores duvidosos como ficou provado nas categorias elaboradas no trabalho e que colocamos nas páginas anteriores. Enquanto Relações Públicas, como vimos no capítulo anterior, temos as ferramentas para encarar esse debate, notadas no Código de Ética da nossa profissão.

Por fim, salientamos que os discursos adotados midiaticamente devem ser construídos de maneira democrática, com o foco na inclusão e respeito, evitando a propagação da ideologia nazista e de suas similares. Campo aberto para que o Relações Públicas tenha uma imersão social a favor da democracia e Direitos Humanos que implicam, no final das contas, em ganhos para todos os segmentos da sociedade.

Referências

- ACAYABA, Cíntia; ARCOVERDE, Léo. **Batalhões da Grande SP matam 60% mais em 2020; na capital, aumento de mortes por policiais militares chega a 44%**. G1, São Paulo, 23 de junho de 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/06/23/batalhoes-da-grande-sp-matam-60percent-mais-em-2020-na-capital-aumento-de-mortes-por-policiais-militares-chega-a-44percent.ghtml>>. Acesso em 27 de janeiro de 2021.
- ADORNO, Luís; DIAS, Paulo Eduardo. **Negros são oito de cada 10 mortos pela polícia no Brasil, aponta relatório**. UOL, São Paulo, 18 de outubro de 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2020/10/18/oito-a-cada-10-mortos-pela-policia-no-brasil-sao-negros-aponta-relatorio.htm>>. Acesso em 27 de janeiro de 2021.
- ALESSI, Gil. **Entenda o que é a PEC 241 (ou 55) e como ela pode afetar sua vida**. EL PAÍS, São Paulo, 13 de dezembro de 2016. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/10/politica/1476125574_221053.html>. Acesso em: 17 de janeiro de 2021.
- ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado**. Lisboa: Presença, 1980.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BARRAGÁN, Almudena. **Cinco ‘fake news’ que beneficiaram a candidatura de Bolsonaro**. EL PAÍS, [S.I.], 19 de outubro de 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/18/actualidad/1539847547_146583.html>. Acesso em: 17 de janeiro de 2021.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e o Holocausto**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BBC. **Trump e Brexit: 5 fatores em comum**. [S.I.], 10 de novembro de 2016. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-37934191>>. Acesso em: 19 de janeiro de 2021.
- BBC. **Quem são os líderes por trás do avanço da direita radical na Europa**. [S.I.], 03 de maio de 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-48110858>>. Acesso em: 29 de janeiro de 2021.

BETIM, Felipe. **Holiday: “O MBL ajudou a simplificar o debate político de uma forma perigosa. Agora faz uma autocrítica”**. EL PAÍS, São Paulo, 02 de julho de 2019. Disponível em:

<https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/27/politica/1561649621_458153.html>.

Acesso em 19 de janeiro de 2021.

BETIM, Felipe. **Professora de inglês sofre processo disciplinar por falar sobre feminismo em cidade berço do MBL**. EL PAÍS, São Paulo, 17 de fevereiro de 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2020-02-17/professora-de-ingles-sofre-processo-disciplinar-por-falar-sobre-feminismo-em-cidade-berco-do-mbl.html>>.

Acesso em 19 de janeiro de 2021.

BIANCHINI, Lia. **Bolsonaro é fascista? Listamos 13 frases do candidato para reflexão**. Brasil de Fato, Curitiba, 17 de outubro de 2018. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2018/10/17/bolsonaro-e-fascista-listamos-13-frases-do-candidato-para-reflexao>>. Acesso em 11 de fevereiro de 2021.

CAMAROTTI, Gerson. **Bolsonaro faz jogo duplo para agradar 'bancada da Bíblia' e lideranças evangélicas**. G1, [S.l.], 14 de setembro de 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/blog/gerson-camarotti/post/2020/09/14/ao-defender-derrubada-de-veto-bolsonaro-faz-jogo-duplo-para-agradar-bancada-da-biblia-e-liderancas-evangelicas.ghtml>>. Acesso em: 11 de fevereiro de 2021.

CARTACAPITAL. **Bolsonaro em 25 frase polêmicas**. [S.l.], 29 de outubro de 2018. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-em-25-frases-polemicas/>>. Acesso em 11 de fevereiro de 2021.

CASTELLS, Manuel. **Ruptura: A crise da democracia liberal**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

CHOMSKY, Noam. **Mídia: Propaganda política e manipulação**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

CONFERP (Brasil) - Conselho Federal de Relações Públicas. **Código de Ética dos Profissionais de Relações Públicas**. 2001. Disponível em: <<https://conrerp2.org.br/wp-content/uploads/2016/09/codigo-de-etica.pdf>>. Acesso em 12 de fevereiro de 2021.

DE PIERI, Bruna. **Projeto Veritas é suspenso do Twitter**. Terça Livre, [S.l.], 11 de fevereiro de 2021. Disponível em: <<https://tercalivre.com.br/projeto-veritas-e-suspenso-do-twitter/>>. Acesso em 12 de fevereiro de 2021.

DELCOLLI, Caio. **Como aparições em TV, filmes e séries ajudaram a carreira política de Trump**. UOL, [S.I.], 22 de outubro de 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/04/160415_fortuna_trump_lgb>.

Acesso em: 28 de janeiro de 2021.

DIAS, Adriana Abreu Magalhães. **Observando o ódio: entre uma etnografia do neonazismo e a biografia de David Lane**. Tese (doutorado em Antropologia Social) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas. [s.n.], 2018.

EL PAÍS. **“A solução mais fácil era botar o Michel”**. Os principais trechos do áudio de Romero Jucá. São Paulo, 24 de maio de 2016. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/24/politica/1464058275_603687.html>.

Acesso em: 20 de janeiro de 2021.

EVANS, Richard J. **A chegada do Terceiro Reich**. Tradução de Lúcia Brito. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.

FONSECA JUNIOR, Wilson Correa. **Análise de Conteúdo**. In: Duarte, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. 2ª. Edição. São Paulo: Atlas, 2009, p. 280-304.

FREITAS, Riva Sobrado de; CASTRO, Matheus Felipe de. **Liberdade de Expressão e Discurso do Ódio: um exame sobre as possíveis limitações à liberdade de expressão**. Sequência: Estudos Jurídicos e Políticos, [S.I.], v. 34, n. 66, p. 327-355, 23 jul. 2013. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/2177-7055.2013v34n66p327>.

G1. **Entenda o escândalo de uso político de dados que derrubou valor do Facebook e o colocou na mira de autoridades**. [S.I.], 22 de março de 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/entenda-o-escandalo-de-uso-politico-de-dados-que-derrubou-valor-do-facebook-e-o-colocou-na-mira-de-autoridades.ghtml>>. Acesso em: 28 de janeiro de 2021.

G1. **Excludente de ilicitude: entenda projeto de Bolsonaro que pode isentar agentes de segurança e militares de punição em operações de GLO**. [S.I.], 22 de novembro de 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/11/22/excludente-de-ilicitude-entenda-projeto-de-bolsonaro-que-pode-isentar-agentes-de-seguranca-e-militares-de-punicao-em-operacoes-de-glo.ghtml>>. Acesso em: 27 de janeiro de 2021.

- G1. Colégio Eleitoral confirma vitória de Joe Biden como presidente eleito dos EUA.** [S.I.], 14 de dezembro de 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/12/14/colégio-eleitoral-oficializa-vitoria-de-joe-biden-como-presidente-eleito-dos-eua.ghtml>>. Acesso em: 28 de janeiro de 2021.
- GALLEGO, Esther Solano (org.). O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil.** São Paulo: Boitempo, 2018.
- GUIMÓN, Pablo. “O ‘Brexit’ não teria acontecido sem a Cambridge Analytica”.** EL PAÍS, Londres, 26 de março de 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/26/internacional/1522058765_703094.html>. Acesso em 29 de janeiro de 2021.
- HELLER, Agnes. Por que a Hungria se rendeu ao extremista Orbán e como controlar o ensino é essencial para seu projeto.** EL PAÍS, [S.I.], 23 de maio de 2019. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/18/actualidad/1555585620_542476.html>. Acesso em: 29 de janeiro de 2021.
- HITLER, Adolf. Mein Kampf: The New Ford Translation.** Tradução de Michael Ford. Elite Minds, 2009.
- IG. Com 37% dos tuítes taxados como fake news, Trump posta: "eu venci a eleição".** [S.I.], 07 de novembro de 2020. Disponível em: <<https://ultimosegundo.ig.com.br/mundo/2020-11-07/com-37-dos-tuites-taxados-como-fake-news-trump-posta-eu-vencia-a-eleicao.html>>. Acesso em: 28 de janeiro de 2021.
- IHU - Instituto Humanitas Unisinos. “É preciso soar alarme sobre a expansão do neonazismo no Brasil”. Entrevista com a antropóloga Adriana Dias.** [S.I.], 22 de novembro de 2019. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/594557-e-preciso-soar-alarme-sobre-a-expansao-do-neonazismo-no-brasil-entrevista-com-a-antropologa-adriana-dias>>. Acesso em: 04 de janeiro de 2021.
- ISTOÉ. Frases de Bolsonaro, o candidato que despreza minorias.** [S.I.], 24 de setembro de 2018. Disponível em: <<https://istoe.com.br/frases-de-bolsonaro-o-candidato-que-despreza-as-minorias/>>. Acesso em 11 de fevereiro de 2021.
- ISTOÉ. Sérgio Moro renuncia ao Ministério da Justiça por ‘interferências políticas’ de Bolsonaro.** [S.I.], 24 de abril de 2020. Disponível em: <<https://istoe.com.br/sergio-moro-renuncia-ao-ministerio-da-justica-por-interferencias-politicas-de-bolsonaro/>>. Acesso em: 28 de janeiro de 2021.

JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo. **Por que gritamos golpe? - Para entender o impeachment e a crise política no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2016.

JOVEM PAN. **‘Este é o dia em que o povo começou a se libertar do socialismo’, diz Bolsonaro em 1º discurso à nação**. [S.l.], 01 de janeiro de 2019. Disponível em: <<https://jovempan.com.br/noticias/brasil/este-e-o-dia-em-que-o-povo-comecou-a-se-libertar-do-socialismo-diz-bolsonaro-em-1o-discurso-a-nacao.html>>. Acesso em: 25 de janeiro de 2021.

JUSTO, Gabriel. **Pelo 12º ano consecutivo, Brasil é país que mais mata transexuais no mundo**. Exame, [S.l.], 19 de novembro de 2020. Disponível em: <<https://exame.com/brasil/pelo-12o-ano-consecutivo-brasil-e-pais-que-mais-mata-transexuais-no-mundo/>>. Acesso em 19 de janeiro de 2021.

KERSHAW, Ian. **Hitler**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

LIMA, Venício. **Mídia: teoria e política**. São Paulo: Perseu Abramo, 2001.

MARTINS, Leonardo; BRAGANÇA, Rafael; BRITO, Allan. **Doria ataca Bolsonaro e diz que vacina serve como lição para negacionistas**. UOL, São Paulo, 18 de janeiro de 2021. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/01/18/doria-ataca-bolsonaro-e-diz-que-vacina-serve-como-licao-para-negacionistas.htm>>. Acesso em 28 de janeiro de 2021.

MARTINS, Rafael D’Almeida; LOTTA, Gabriela Spanghero. **Capital social e redes sociais como alternativa para análise de políticas públicas de educação: o caso de Icapuí-CE**. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, v. 18, n. 69, p. 843-860, 2010.

MEDEIROS, Gabriel Saldanha Lula de. **O Estado racista e a Volksgemeinschaft: A comunidade do povo no Terceiro Reich**. Id on Line Rev.Mult. Psic., Outubro/2019, vol.13, n.47, p. 695-705. ISSN: 1981-1179.

MEDEIROS, Gabriel Saldanha Lula de. **A mentalidade hitlerista como se formou o ideário político nazista**. Id on Line Rev.Mult. Psic., Fevereiro/2020, vol.14, n.49, p. 615-633. ISSN: 1981-1179.

MORAES, Dênis de; RAMONET, Ignacio; SERRANO, Pascual. **Mídia, Poder e Contrapoder: da concentração monopólica à democratização da informação**. São Paulo: Boitempo, 2013.

MORI, Letícia. **Por que a Ucrânia, onde Sara Winter diz ter sido treinada, fascina bolsonaristas?** BBC, São Paulo, 15 de junho de 2020. Disponível em:

<<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52900757>>. Acesso em 09 de fevereiro de 2021.

OLIVEIRA, Marina. **Donald Trump é banido do Twitter**. UOL, [S.l.], 08 de janeiro de 2021. Disponível em: <<https://congressoemfoco.uol.com.br/mundo-cat/donald-trump-e-banido-do-twitter/>>. Acesso em 28 de janeiro de 2021.

PIRES, Breiller. **Os laços do clã Bolsonaro com Steve Bannon**. EL PAÍS, São Paulo, 20 de agosto de 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2020-08-20/os-lacos-do-cla-bolsonaro-com-steve-bannon.html>>. Acesso em 29 de janeiro de 2021.

POTTER, Hyury. **A trajetória política de Jair Bolsonaro**. CartaCapital, [S.l.], 28 de outubro de 2018. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/a-trajetoria-politica-de-jair-bolsonaro/>>. Acesso em 21 de janeiro de 2021.

QUADROS, Taíla Lopes; SCHEID, Daiane. **RELAÇÕES PÚBLICAS E DITADURA MILITAR: implicações e impressões**. Universidade Federal de Santa Maria. Cadernos de Comunicação, [S.l.], v. 18, n. 1, p. 301-319, 2014. <http://dx.doi.org/10.5902/2316882x11262>.

REES, Laurence. **O carisma de Adolf Hitler: o homem que levou milhões ao abismo**. Rio de Janeiro: Leya, 2012.

RANGE, Peter Ross. **1924: O ano que criou Hitler**. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2018.

RECUERO, Raquel. **O capital social em rede: como as redes sociais na internet estão gerando novas formas de capital social**. Contemporânea: comunicação e cultura, v. 10, n. 3, p. 597-617, 2012.

SAKAMOTO, Leonardo. **Repetitivo, Bolsonaro ataca a imprensa e a República para proteger Flávio**. Uol, [S.l.], 19 de dezembro de 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/colunas/leonardo-sakamoto/2020/12/19/previsivel-bolsonaro-ataca-imprensa-e-contra-mentiras-para-proteger-flavio.htm>>. Acesso em 11 de fevereiro 2021.

SHIRER, William L. **Ascensão e Queda do Terceiro Reich: triunfo e consolidação (1933-1939)**. Tradução de Pedro Pomar. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

SILVA, Andressa; FOSSÁ, Maria. **Análise de Conteúdo: Exemplo de Aplicação da Técnica para Análise de Dados Qualitativos**. Brasília: EnEPQ, 2013.

TAVARES, Flávia. **Bolsonaro, o meme de si mesmo**. Época, [S.l.], 21 de abril de 2016. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/tempo/noticia/2016/04/bolsonaro-o-meme-de-si-mesmo.html>>. Acesso em 21 de janeiro de 2021.

THOMAS, Zoe. **Qual a origem da fortuna de Donald Trump?**. BBC, [S.l.], 15 de abril de 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/04/160415_fortuna_trump_lgb>. Acesso em: 28 de janeiro de 2021.

VEJA. **Wilson Witzel: ‘A polícia vai mirar na cabecinha e... fogo’**. [S.l.], 01 de novembro de 2018 Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/politica/wilson-witzel-a-policia-vai-mirar-na-cabecinha-e-fogo/>>. Acesso em: 27 de janeiro de 2021.

VERDÚ, Daniel. **Steve Bannon: “Bolsonaro e Salvini são os melhores representantes do movimento nacional-populista”**. EL PAÍS, Roma, 25 de março de 2019. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/24/internacional/1553454729_290547.html>. Acesso em 29 de janeiro de 2021.

VIDAL-NAQUET, Pierre. **Os assassinos da memória: “Um Eichmann de papel” e outros ensaios sobre o revisionismo**. Tradução de Marina Appenzeller. Campinas: Papyrus, 1988.